



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Ensurdecimento das Vozes do Supereu na Clínica Lacaniana do Trabalho

Solange Lopes da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Ana Magnólia Mendes

Brasília, DF

Agosto de 2023

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Ensurdecimento das Vozes do Supereu na Clínica Lacaniana do Trabalho

Solange Lopes da Silva

Tese apresentada à banca examinadora do
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Social, do Trabalho e das Organizações, do
Instituto de Psicologia da Universidade de
Brasília, como requisito para obtenção do
título de Doutora em Psicologia.

Brasília, DF

Agosto de 2023

Ensurdecimento das Vozes do Supereu na Clínica Lacaniana do Trabalho

Tese defendida e aprovada em 14/09/2023, diante da banca examinadora constituída por:

Profa. Dra. Ana Magnólia Mendes (presidente)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. Jean-Michel Vivès (membro titular)

Professor de Psicopatologia Clínica

Universidade Côte d'Azur (França)

Prof. Dr. Emílio Peres Facas (membro titular)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações

Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dra. Grazielle Amaral (membro titular)

Universidade Federal de Jataí (UFJ)

Prof. Dr. João Batista Ferreira (membro suplente)

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Ao meu pai Pedro e à minha mãe Irany, que do alto dos seus respectivos 90 e 86 anos, pelas suas andanças nas estradas do Maranhão e da vida, me ensinam a cada dia sobre a coragem, a alegria e a dor se fazer existir mais além do óbvio. Amo vocês desde o antes.

Agradecimentos

À força da vida, “inteligência suprema”, pelos (des)encontros, sem os quais, não teria sido possível chegar até aqui.

À minha querida orientadora, professora Ana Magnólia, por muitas coisas que certamente não cabem aqui... Pelo encontro inesperado do antes, marco na transferência, que me trouxe ao Planalto Central 17 anos depois; pela possibilidade de experimentar “pipocar na cadeia de significantes” e por algumas (re)velações em torno do “enigma do sintoma”. Mais ainda pela orientação precisa e ao mesmo tempo inquietante; pelas insistentes invocações. Trabalhar com você é sempre dar brechas para o trabalho vivo comparecer. Muito obrigada por sustentar a sua aposta na construção desta tese, do começo ao fim; especialmente no começo e agora no fim, quando eu fui tomada de muitas dúvidas.

Ao querido professor Emílio Facas, dentre outros tantos motivos, pelas orientações desde Manaus, pelo “chamado” no corredor da UnB, no meu primeiro dia em Brasília, que me fez pensar ser familiar, o que me era, na ocasião, muito estranho.

À professora Fernanda Duarte, com quem muito aprendi, no saber-fazer, sobre pesquisa, clínica e laço social. E quem diria, a despeito de sabe-se lá quantos mil quilômetros de distância física. E pela aposta num saber não sabido: “Deixa sair, *tá* tudo aí. Se não, *incorpora.*”

Ao professor Jean-Michel, pelo “discurso sem voz” que me fez pensar sobre “outra escolha possível”. E pela honra de tê-lo em minha banca.

À professora Grazielle Amaral, pelas trocas sempre muito profícuas, desde o congresso em Brasília e por ter aceito nosso convite para a minha banca.

Ao professor João Batista, pela poesia que lhe é tão característica e pela gentileza de aceitar nosso convite para esta banca.

Aos professores Josemberg Moura e Ronaldo Pilatti, pelo aceite, ali no começo, como aluna especial. Pela possibilidade de algum laço transferencial. Sem as aulas de vocês, eu jamais teria dado conta de ser aprovada na seleção para o doutorado.

Aos trabalhadores que compartilharam suas histórias de vida e de trabalho por meio do Projeto Clínica Lacaniana do Trabalho. São as histórias e as lutas de vocês que nos incentivam a seguir acreditando na construção de outra modalidade de laço social.

À Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES), pelo apoio financeiro imprescindível à realização dessa pesquisa.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa e do Núcleo Trabalho, Psicanálise Crítica Social, com quem trilhei os meus primeiros passos pelos caminhos da teoria psicanalítica: Laene Gama e o quarteto Pedro Belotti, Marcondes, Arthur e Maria Júlia – Freud, Lacan, Jung e Klein (risos). Aos que chegaram depois: Paulo, Camila, Lívia, Yan e Bruno, com quem pude trocar e discutir em sala de aula, presencialmente, sobre o esboço do método e sobre a análise dos dados; aqueles momentos fizeram muita diferença, afetiva e intelectual.

Aos colegas clínicos do Projeto Clínica Lacaniana do Trabalho, com quem, em diferentes momentos, muito pude aprender e trocar sobre o saber-fazer na prática clínica.

Aos queridos amigos Heitor Oliveira, Consuelo Schliebe, Luciana Lucena e Keyliane, por aparecerem na minha vida em momentos inusitados e tão imprescindíveis, com quem aprendo acerca de amizades para além do convencional.

À Francyne Tenório, pela amizade inesperada, pelos “rolês” e pelas conversas de longas horas, em que perdíamos a noção do tempo.

À Ellen, pela revisão final do texto desta tese e pela doçura tão marcante.

À minha analista Márcia Belfort, por me “acompanhar na travessia” com todos os percalços do caminho e pela lembrança de que “as saídas podem acontecer”. E não é que estão acontecendo?!? Muito surpreendentemente, inclusive (risos).

Ao Silvano Assunção, pela lembrança determinante, a uma certa altura, do
significante “fia do Pedim”.

Aos colegas do “Feitiço”, pelo calor da “música e poesia” nas segundas-feiras, às
vezes muito frias, do Planalto Central.

Ao amigo Joel Oliveira, por lembrar-me de que tão ou mais importante quanto o que
conseguisse escrever no corpo desta tese, será sempre o que pude viver, ao longo destes seis
anos de doutorado.

À minha mana Samara Silva, a Mainha, por acolher minha angústia, às vezes meu
choro, às vezes meu riso, durante horas a fio no telefone; pelos muitos quilômetros que
percorreu para se fazer presença. Ao meu cunhado Irdeônio, pelo apoio imprescindível. Ao
meu sobrinho Ibrahim, pela magia das nossas “baguncinhas aconchegantes” na rede.

Ao meu sobrinho Pedro Michel, o Cacu, pelo amor que nos une desde quando eu te
punha sobre os meus pés para dançarmos. Por me surpreender com teus dotes de anfitrião e
dono de casa, pelo afeto, por me ajudar a segurar a onda diante dos perrengues de assumir um
nome próprio.

Ao meu mano Pedro Filho, o Pedão, meu *masterchef* e companheiro de luta
esquerdista (rs), que se fazia presença quando às vezes me via em apuros, mesmo em
“espaço” aparentemente seguro. Teu afeto desde sempre me fez sentir que posso contar
contigo, mano!

À minha mana Célia, a Yé, pelos cuidados do antes. Ao meu cunhado Emivaldo, pelo
afeto mesmo no depois.

Ao meu mano Dilson e à minha cunhada Luciene, pelo carinho, pela mesa e o coração
sempre fartos, pela possibilidade de matar a saudade do embalo de uma boa rede.

Ao meu filho Daniel Henrique, pelo amor que se faz laço, por me possibilitar a leveza
e a alegria do encontro com o inesperado. Pelo companheirismo e cumplicidade das nossas

conversas, sobretudo nos momentos finais da construção dessa tese, quando tu acolhias meu choro, minhas dúvidas e - de novo - me surpreendias. Pela tua confiança inabalável de que eu daria conta de terminar e de defender essa tese, nas ocasiões em que eu tive muitas, muitas dúvidas se conseguiria.

Àqueles por onde tudo começou: meu pai “Pedim”, pela coragem de começar de novo aos 60 anos, que muito me inspira; por conseguirmos sustentar o laço de pai e filha mesmo quando eu supostamente “larguei tudo” para seguir um “caminho dado” e depois, quando eu “larguei o caminho dado” para tentar construir o meu próprio; minha mãe Irany, por me acordar com seu canto, ainda hoje. Pelas orações e ainda pela alegria e ousadia de viver, que muito me inspiram.

Finalmente àqueles que eu não citei os nomes, mas que de algum lugar, tiveram participação importante e decisiva no trabalho, na travessia que pude fazer ao logo desses seis anos de doutorado. Muito obrigada!

Resumo

Considerando-se negligência da relação trabalho e adoecimento no Brasil, o referencial da Psicopatologia Clínica do Trabalho tem sido pioneiro, tanto em termos de um modelo explicativo, quanto de possibilidade de tratamento. Não obstante, seus pressupostos e dispositivos carecem de aprofundamento e análise. Tal modelo parte da historicização da categoria trabalho no Brasil e explica o adoecimento introduzindo as vozes do supereu enquanto representação do discurso capitalista, analisando suas repercussões sobre a dinâmica invocante nas relações de trabalho. Enquanto proposta de tratamento, usa os dispositivos da clínica lacaniana e aposta no trabalho de ensurdecimento das vozes do supereu, possível através da fala e da escuta. A presente pesquisa teve por objetivo analisar o ensurdecimento das vozes do supereu em uma clínica lacaniana do trabalho, contribuindo para o aprofundamento teórico e metodológico do modelo em questão. Optou-se pelo estudo de um caso atendido no projeto Clínica Lacaniana do Trabalho. Fez-se recorte longitudinal do programa utilizando-se uma análise documental dos registros de sessão e observação-participante da supervisão. A apresentação e a análise dos dados foram feitas em três eixos, considerando-se orientações para escrita e apresentação de estudos de casos disponibilizadas na literatura e no próprio modelo. O estudo apontou como voz do supereu diretamente articulada ao adoecimento, a injunção “cale-se, trabalhe e goze”, tendo indicado ainda pistas da sua anterioridade social, por meio do discurso sobre atividade profissional que atravessava as histórias de vida e trabalho da paciente. Por sua vez, a análise dos dispositivos e do percurso clínico apontou como bússola possível para o trabalho de ensurdecimento: falar, trabalhar, desejar. Assim sendo, defende-se que o ensurdecimento se faz possível à medida em que a fala do sujeito do inconsciente pode comparecer e, tomada como tal pelo clínico na sua escuta, faz-se possível o trabalho vivo – confronto com o real da castração - a partir do qual, o desejo pode comparecer. Considerando-se as limitações da presente pesquisa, outros estudos podem ser realizados a partir das questões suscitadas e das proposições feitas, no que pode ser interessante, o uso do método psicanalítico na sua radicalidade.

Palavras-chave: Trabalho; Psicopatologia; Vozes do Supereu; Discurso Capitalista; Clínica Lacaniana.

ABSTRACT

Considering the negligence of the relationship between work and illness in Brazil, the framework of Clinical Psychopathology at Work has been a pioneer, both in terms of an explanatory model and the possibility of treatment. However, its assumptions and devices need to be deepened and analyzed. This model starts from the historicization of the work category in Brazil and explains illness by introducing the voices of the superego as a representation of the capitalist discourse, analyzing its repercussions on the invoked dynamics in labor relations. As a treatment proposal, it uses the devices of the Lacanian clinic and bets on the work of deafening the voices of the superego (that part of the unconscious mind that acts as a conscience), possible through speech and listening. This research aimed to analyze the deafening of the superego's voices in a Lacanian work clinic, contributing to the theoretical and methodological deepening of the model in question. We opted for the study of a case assisted in the Lacanian Work Clinic Project. A longitudinal cut was made, using document analysis of session records and participant-observation of supervision. Data presentation and analysis were carried out along three axes, considering guidelines for writing and presenting case studies available in the literature and in the model itself. The study pointed to the injunction "shut up, work and enjoy" as the voice of the superego directly articulated to the illness, having also indicated clues of its social precedence, through the discourse on professional activity that crossed the patient's life and work stories. In turn, the analysis of the devices and the clinical course pointed out as a possible compass for the work of deafening: talk, work, desire. Therefore, it is argued that deafening becomes possible to the extent that the speech of the subject of the unconscious can appear and taken as such by the clinician in his listening, living work becomes possible - confrontation with the reality of castration - from which, desire can appear. Considering the limitations of this research, other studies can be carried out based on the questions raised and the propositions made, in what may be interesting, the use of the psychoanalytic method in its radicality.

Keywords: Work; Psychopathology; Voices of the Superego; Capitalist Discourse; Lacanian Clinic.

*“Debaixo d'água tudo era mais bonito
Mais azul, mais colorido
Só faltava respirar*

Mas tinha que respirar

*Debaixo d'água, se formando como um feto
Serenos, confortável, amado, completo
Sem chão, sem teto, sem contato com o ar*

*Mas tinha que respirar
Todo dia, todo dia*

*Debaixo d'água, por encanto
Sem sorriso e sem pranto
Sem lamento e sem saber quanto
Esse momento poderia durar*

Mas tinha que respirar

*Debaixo d'água ficaria para sempre
Ficaria contente
Longe de toda gente, para sempre
No fundo do mar*

*Mas tinha que respirar
Todo dia, todo dia*

*Debaixo d'água, protegido, salvo, fora de perigo
Aliviado, sem perdão e sem pecado
Sem fome, sem frio, sem medo, sem vontade de
voltar*

Mas tinha que respirar

*Debaixo d'água tudo era mais bonito
Mais azul mais colorido
Só faltava respirar*

*Mas tinha que respirar
Todo dia, todo dia.”*

(Canção Debaixo d'água, Arnaldo Antunes).

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Introdução..... | 14 |
| I. Vozes do supereu e adoecimento pelo trabalho no contexto brasileiro..... | 21 |
| II. Trabalho de ensurdecimento e invocação do sujeito..... | 41 |
| III. Clínica psicanalítica: de Freud à Lacan..... | 81 |
| IV. (Des)caminhos e impasses de uma construção..... | 100 |
| V. O trabalho na clínica: mas qual trabalho?..... | 106 |
| VI. Cale-se, trabalhe e goze..... | 126 |
| VII. Falar, trabalhar, desejar: impasses e possibilidades na Clínica Lacaniana do Trabalho..... | 139 |
| VIII. Contribuições para a Psicopatologia Clínica do Trabalho..... | 152 |
| Referências..... | 157 |

Lista de Abreviaturas e Siglas

| | |
|---------|---|
| BVS-Psi | Biblioteca Virtual Saúde de Psicologia |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior |
| CARE | <i>Consensus-based Clinical Case Reporting</i> |
| PdT | Psicodinâmica do Trabalho |
| SciELO | <i>Scientific Electronic Library Online</i> |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| UnB | Universidade de Brasília |

Lista de Tabelas

Tabela 1 *Critério de pré-seleção dos casos* 104

Tabela 2 *Tempos da clínica* 125

Introdução

Esta tese propõe-se a analisar o ensurdecimento das vozes do supereu na clínica lacaniana do trabalho. Fundamenta-se, portanto, no referencial teórico-metodológico da Psicopatologia Clínica do Trabalho (Mendes, 2018, 2020, 2022), o qual sustenta-se na historicização das psicopatologias do trabalho no Brasil, tomando-a como elemento chave para uma virada decolonial (Sousa-Duarte, 2020), a partir de uma articulação entre Crítica Social e Psicanálise lacaniana.

Esse modelo teórico tem ênfase no estudo e na análise da relação trabalho-adoecimento, pelo que toma as psicopatologias como diretamente articuladas à subordinação do trabalho ao modo de produção capitalista, que no contexto brasileiro, assume a forma de capitalismo-colonial-digital (Mendes, 2021). De outro lado, em oposição, propõe, uma clínica lacaniana do trabalho para tratar esse adoecimento, partindo do pressuposto de que nesta se faz possível um trabalho psíquico que, configurando-se como trabalho vivo, abre possibilidades para se trilhar caminhos na direção da cura dos trabalhadores.

Tem-se, pois, nesse referencial, uma relevante contribuição em termos de se pensar a questão da Saúde dos Trabalhadores no Brasil, haja vista dados oficiais apontarem para uma associação direta entre trabalhar e adoecer, como atesta o Anuário da Saúde do Trabalhador (2016), ao indicar que de 2004 a 2014, o número de afastamentos do trabalho nas regiões metropolitanas do Brasil, por motivo de doenças ocupacionais, aumentou em 42,26%.

Acredita-se que tal situação possa ter se agravado nos últimos anos, principalmente considerando-se a intensificação da precarização das condições de vida e de trabalho, em decorrência, por exemplo, da pandemia da Covid-19, que acirrou o abismo entre ricos e pobres no Brasil e mais ainda, exacerbou a dimensão necropolítica do capitalismo (Ferreira, 2020). Mais do que nunca, faz-se urgente e imprescindível pôr em questão os efeitos nefastos dessa conjuntura política-econômica-social brasileira sobre a “classe-que-vive-do-trabalho”

(Antunes, 1999) e pensar formas de resistência e de tratamento para as psicopatologias do trabalho, desvelando seus imbricamentos.

Não obstante, nota-se que discussões em torno da relação trabalho e adoecimento têm sido negligenciadas no Brasil, predominando estudos sobre vivências de prazer e sofrimento no trabalho. Levantamento de pesquisas brasileiras realizadas nos últimos 20 anos e que tiveram como objeto a relação psicopatologia e trabalho, constatou a predominância de estudos apenas descritivos, com ênfase no sofrimento dos trabalhadores, sem tomar o adoecimento como questão (Sousa-Duarte et al., 2022).

A maioria desses estudos está referenciada na Psicodinâmica do Trabalho (PdT), abordagem que teve como criador o francês Christophe Dejours. Acredita-se que esta lacuna possa estar associada à uma possível negação da contribuição da Psicanálise pela maioria dos estudiosos da PdT no Brasil, bem como pela descontextualização, em muitos casos, do seu uso enquanto teoria e método, em relação às particularidades da história do trabalho e da doença no Brasil, haja vista sua origem francesa (Sousa-Duarte et al., 2022).

Enquanto método, algumas tentativas de releituras da Clínica do Trabalho proposta pela PdT, foram feitas por Mendes e Araújo (2012) e Mendes (2014), as quais fundamentaram algumas pesquisas e práticas brasileiras (Amaral et al., 2018; Gama et al., 2016; Silva et al., 2018; Vieira, 2019). Entretanto, ainda assim, algo que diz das especificidades do discurso capitalista-colonial-digital brasileiro eclodia da escuta dos trabalhadores adoecidos, remetendo a questionamentos e impasses quanto à: a) possibilidade desses ajustes metodológicos (Sousa-Duarte, 2014), b) questões epistemológicas e éticas (Mendes, 2022) e c) imprecisões em termos de certas categorias teóricas (Amaral et al., 2019; Duarte & Mendes, 2015; Gama & Mendes, 2019).

Corroboram com isso a constatação, conforme Sousa-Duarte et al. (2022), de que nos poucos estudos brasileiros fundamentados na PdT e que têm como objeto o adoecimento dos

trabalhadores (Manetti & Marziale, 2007; Monteiro et al., 2013; Rubin & Roso, 2018), predominam imprecisões em termos de delimitações teórico-conceituais e a inexistência de um modelo explicativo da relação trabalho-adoecimento.

Em termos de análise das imprecisões teóricas em PdT, destaca-se também pesquisa realizada por Montalvão (2021), na qual o autor percorre toda a obra do fundador dessa abordagem—Christophe Dejours—para investigar o conceito de trabalho que dali pode ser apreendido. Desta pesquisa conceitual, pôde-se constatar ambiguidades em torno da categoria trabalho, posto que ora Dejours diz tomar de Marx a concepção de “trabalho vivo”, ora propõe um “trabalhar” no qual não comparece a tensão capital-trabalho, nem a divisão de classes sociais na qual se fundamenta o trabalho subordinado ao modo de produção capitalista.

Diante de tais lacunas e imprecisões, as teorizações de Mendes (2018, 2020, 2022) em torno de uma Psicopatologia do Trabalho, partem da noção de circuito da pulsão invocante e da teoria dos quatro discursos em Lacan. Mais ainda, suas proposições têm encontrado ressonância na articulação dos estudos em Crítica Social Marxista e Psicanálise lacaniana, culminando com a apresentação de um modelo teórico, construído por meio da pesquisa clínica desenvolvida desde 2015, no âmbito do Projeto Clínica Lacaniana do Trabalho, realizado na Universidade de Brasília (UnB).

Tomando por referência a teoria do discurso em Lacan, Mendes (2018, 2022) faz a proposição de que as relações de trabalho no Brasil estão sustentadas no discurso capitalista colonial digital, que, representado nas vozes do supereu, age para fixar o sujeito no tempo do calar, Resistir-Desistir, impedindo-o de comparecer como falante, como “fala-ser”¹ (Soler, 2016). Tal impossibilidade bloqueia a movimentação no circuito da pulsão invocante, e se traduz como mutismo do sujeito. E se não há fala, o sujeito não pode comparecer na sua

¹ Para a Psicanálise lacaniana, o sujeito, que é sempre sujeito do inconsciente, se constitui no discurso, a partir da sua imersão na linguagem. Portanto, assim constituído, como fala-ser, sua existência ético-política dar-se enquanto sujeito falante, por meio de cuja fala a singularidade pode comparecer.

singularidade, fazendo-se porta-voz de um discurso. Não há o trabalho vivo e ontológico de se fazer existir na sua dimensão ética e política. Logo, tem-se como efeito, o adoecimento, como grito silencioso possível.

Lembro-me de um caso, atendido por mim numa escuta clínica em contexto sindical, que parece ilustrar essa hipótese. Afastado do trabalho, com diagnóstico de síndrome do pânico, o trabalhador discorria sobre a pressão para vender produtos e narrava as estratégias adotadas para *fazer a venda acontecer e bater as metas a qualquer custo*². À certa altura, ele deixou escapar na sua fala: *é que ali, eu sou o banco!* Noutro momento, rememorava com sofrimento o fato do seu desempenho ser usado pelo gestor para *massacrar* seus colegas nas reuniões de equipe, no que ele, trabalhador, se mantinha *calado, vendo o massacre acontecer*; e tornou a repetir: *é que ali, eu sou o banco!*

Essa afirmativa me afetara de modo forte, sem que na ocasião, eu pudesse ter condições de fazer uma leitura acerca do que se passava naquele caso. E à medida que a clínica caminhava, mais curiosa eu ficava para compreender os mecanismos psíquicos envolvidos no que, agora, nomeio aqui como mutismo do sujeito.

Em sua construção, Mendes (2018) introduz as vozes do supereu enquanto representação do discurso capitalista e trata das suas repercussões sobre a dinâmica invocante nas relações de trabalho. Fornece, então, pistas de que há um excesso de voz no discurso capitalista, que se articula à instância do supereu, provocando, assim, a impossibilidade do trabalho do sujeito (trabalho vivo) e, por sua vez, o adoecimento, já que sem fala não há sujeito, e assim não há existência na sua dimensão ético-política. Dito de outro modo, o adoecimento pelo trabalho passa a ser explicado a partir da presença das vozes do supereu que sustentam as

² As frases em itálico são falas do paciente, registradas em notas pessoais da pesquisadora, por ocasião das sessões clínicas.

relações no modo de produção capitalista, fazendo calar os trabalhadores, fixando-os fora do circuito da pulsão invocante.

Quanto à proposição de um capitalismo-colonial-digital tipicamente brasileiro, pode-se caracterizá-lo considerando a imbricada continuidade entre o fantasma do trabalho escravo—sempre ainda muito presente—com outras formas de trabalho, como o assalariado, por servidão e análogo à escravidão (Sousa-Duarte, 2020), no que se acrescenta a sobreposição do trabalho precarizado que adveio com a uberização, o trabalho remoto e os enganosos incentivos ao microempreendedorismo individual, que veiculam uma “falaciosa promessa de liberdade” (Facas, 2020), mas que se sustentam, tão somente na precarização das condições de trabalho e dos direitos trabalhistas.

Nessa estrutura, cada indivíduo é reduzido a uma pequena empresa de si, ao mesmo tempo em que se demanda dele pleno engajamento e total identificação com a grandiosidade do capital (Facas, 2020). Todas essas modalidades de trabalho seguem coexistindo no contexto brasileiro, sob a poeira da chamada revolução digital por meio das *startups* e da indústria 4.0, por exemplo.

Retomando a proposição teórica de que o que faz adoecer é a fixação do sujeito do trabalho fora do circuito da pulsão invocante, destaca-se que Mendes (2018, 2022) vem pensando e experimentando, na escuta de trabalhadores adoecidos realizadas no âmbito do Projeto na UnB, a clínica lacaniana como possibilidade de relançar o sujeito no circuito da pulsão invocante, de modo que ele possa reposicionar-se enquanto fala-ser, em contraposição ao lugar de porta-voz em que é fixado pelo discurso capitalista colonial, representado nas vozes do supereu.

Partindo daí, propõe-se a tese de que a cura do adoecimento pelo trabalho capitalista pode acontecer a partir do reposicionamento do sujeito na sua existência ético-política, o que por sua vez, se faz possível mediante o trabalho de ensurdecimento (Vivès, 2018a) das vozes

do supereu. Por este trabalho de ensurdecimento das vozes do supereu, entende-se, tendo-se por referência os pressupostos teóricos construídos por Vivès (2018a, 2018b), uma operação psíquica possível na clínica, a partir do trabalho de escuta e do uso dos dispositivos lacanianos, que em que o sujeito, sendo escutado como sujeito do inconsciente pode (re)posicionar-se na sua existência, (re)inventando formas de existir mais além daquelas que lhe são estabelecidas como imperativos pelo discurso capitalista que o atravessa enquanto sujeito da linguagem.

Para demonstrar essas relações propostas pela Psicopatologia Clínica do Trabalho, esta tese pretende responder às seguintes perguntas:

- 1) Com relação ao adoecimento pelo trabalho capitalista:
 - a) Quais são as vozes proferidas pelo discurso capitalista colonial digital?
 - b) Como essas vozes operam para aprisionar o sujeito no mutismo? e
 - c) Quais os mecanismos psíquicos envolvidos na relação vozes do supereu, mutismo e adoecimento?
- 2) Quanto ao trabalho de ensurdecimento que pode se operar na clínica:
 - a) Como se opera essa movimentação do sujeito no circuito da pulsão invocante?
 - b) Como as intervenções clínicas favorecem a movimentação do estado de mutismo, de porta-voz?
 - c) Como os dispositivos da clínica laciana operam na sua sustentação desse ensurdecimento?

Para respondê-las, tem-se por finalidade aprofundar elementos do modelo teórico, mediante análise dos registros da pesquisa clínica realizada no Projeto Clínica Laciana do Trabalho, tendo-se como objetivos específicos:

- a) caracterizar as vozes do supereu presentes no discurso capitalista;
- b) investigar a relação dessas vozes com o mutismo do trabalhador e o adoecimento; e

- c) analisar como os dispositivos da clínica lacaniana operam na movimentação do sujeito no circuito da pulsão invocante, restabelecendo o laço social com o trabalhar.

Quanto à estrutura desta tese, considerando-se o que (não) foi encontrado nas revisões de literatura, conforme se verá adiante, em termos do adoecimento pelo trabalho e sua explicação a partir de categorias teóricas da psicanálise lacaniana, os três primeiros capítulos são estudos teóricos que tiveram por objetivo aprofundar alguns pressupostos da Psicopatologia Clínica do Trabalho, sendo eles: I. Vozes do supereu e adoecimento pelo trabalho no contexto brasileiro; II. Invocação do sujeito e ensurdecimento das vozes do supereu; e III. Clínica psicanalítica: de Freud à Lacan.

Daí em diante, dos capítulos IV ao VII, tem-se detalhamentos do estudo de caso realizado, organizados da seguinte forma: IV. *(Des)caminhos e impasses de uma construção*, onde são apresentados os aspectos que envolveram a construção do método; V. *O Trabalho na clínica: mas qual trabalho?*, capítulo em que são apresentados os dados da pesquisa, isto é, elementos do caso em si, do trabalho do clínico e da supervisão do caso; VI. *Cale-se, trabalhe e goze*; e VII. *Falar, trabalhar, desejar: impasses e possibilidades na clínica lacaniana do trabalho*. Nesses dois capítulos fez-se a discussão dos dados, respondendo-se às perguntas de pesquisa.

Por fim, no capítulo VIII. *Contribuições para a Psicopatologia Clínica do Trabalho*, são feitas as considerações finais, no que foram incluídas reflexões acerca das contribuições e relevância científico-social desta tese, bem como seus limites e os impasses encontrados para a realização da pesquisa.

I. Vozes do supereu e adoecimento pelo trabalho no contexto brasileiro

*“Tudo o que quer me dar
É demais
É pesado
Não há paz
Tudo o que quer de mim
Irreais
Expectativas
Desleais.”*

(Canção *Boa sorte*, Vanessa Da Mata & Ben C. Harper).

Neste capítulo, far-se-á uma articulação entre discurso capitalista, vozes do supereu e adoecimento pelo trabalho no Brasil, compreendendo como este último vai se constituindo dentro da lógica de apropriação e expropriação do sujeito que caracteriza o modo de produção capitalista, notadamente na sua vertente brasileira, enquanto país escravagista, periférico e colonizado.

Partindo da proposição em *Psicopatologia Clínica do Trabalho* (Mendes, 2018, 2022) que toma o supereu como mediador do discurso capitalista, cujas vozes, de tão intensas e vociferantes, bloqueiam o circuito da pulsão invocante, forjando o mutismo do sujeito e, por consequência, o seu adoecimento, fez-se levantamento de artigos brasileiros que tratassem dessa articulação, usando o método da revisão bibliográfica sistemática integrativa. Entre os meses de julho e agosto de 2019 foram levantados estudos nas bases de dados eletrônicas *Virtual Health Library*/Biblioteca Virtual de Saúde (BVS-Psi), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES). Foram utilizados os descritores “Supereu” AND “Trabalho”. Fez-se uma atualização do levantamento em julho de 2021.

Antes da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram identificados 44 artigos. Uma pré-seleção a partir da leitura dos resumos, resultou em 29 artigos, os quais foram mais

uma vez avaliados, adotando como critérios de inclusão: a) artigos contendo os termos “Supereu” e/ou “Trabalho” no título ou nas palavras-chave; b) publicados em língua portuguesa; c) em periódico com revisão cega de pares; d) disponibilizados virtualmente de modo integral. Considerando esses critérios, selecionaram-se 26 artigos. Foram excluídos: a) dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso, livros, capítulos de livro, resenhas e editoriais; b) artigos em duplicidade, e; c) com data de publicação superior a dez anos. A aplicação desses critérios excluiu 13 artigos, de modo que o conjunto final de textos analisados foi de 13 publicações.

Destes, chamou a atenção que: a) quanto ao ano de publicação, a maioria, nove, foi publicada há mais de cinco anos. O mais recente foi publicado em 2021, tendo sido observada uma significativa queda no número de publicações a partir de 2014, com apenas uma por ano; b) quanto à natureza dos estudos, todos são de caráter teórico, sendo que em termos de conteúdo, a maioria (n = 9) trata da constituição e da natureza do supereu, propondo-se a traçar o percurso conceitual feito por Freud, até chegar na formulação sobre seu duplo caráter (pulsional e moral), bem como na construção lacaniana que enfatiza a dimensão histórica do supereu (Assis & Vieira, 2019; Lewcovich & Grimberg, 2016; Lima & Souza, 2016; Minerbo, 2015; Mograbi & Herzog, 2006; Rudge, 2006; França Neto, 2012). Nos demais artigos (n = 3), constatou-se que o supereu é utilizado como categoria conceitual para dar conta de explicar alguns fenômenos, como: discurso moralista, culpa, anorexia e melancolia (Albuquerque Junior & Paravidini, 2021; Gellis & Hamud, 2011; Rudge & Fuks, 2017).

Como se pode observar a partir destes resultados, não foi possível identificar qualquer estudo que articulasse adoecimento pelo trabalho e vozes do supereu. Sendo assim, este capítulo tem por objetivo analisar a articulação entre discurso capitalista colonial, vozes do supereu, mutismo do sujeito e adoecimento no trabalho, tomando por referência o modelo de

Psicopatologia Clínica do Trabalho proposto por Mendes (2018, 2021, 2022), acrescentando leituras de alguns psicanalistas lacanianos.

Antes disso, todavia, considerando-se a relevância da categoria teórica do supereu no referido modelo, julgou-se pertinente apresentá-lo conceitualmente, a fim de analisar: a) sua constituição e articulação com a noção de sujeito; b) as formulações de Freud e de Lacan sobre a sua natureza; e c) sua articulação com os tipos de gozo, conforme proposto na psicanálise lacaniana.

Supereu e gozo

Como outros conceitos na teoria psicanalítica, o de supereu vai sendo construído por Freud entre idas e vindas, e mais ainda, entre mudanças teórico-conceituais decorrentes da observação clínica e daquilo que nela o intrigava. Quanto ao percurso teórico de construção dessa categoria na psicanálise, Rudge (2006) refere sua origem mais remota em *Além do Princípio do Prazer*, quando Freud (1920/2020) introduz, pela primeira vez, o conceito de pulsão de morte, ao supor “uma função do aparelho psíquico, a qual, sem contradizer o princípio do prazer, é, contudo, independente dele e parece mais primitiva do que o próprio ganho de prazer e a evitação de desprazer”. (p. 121).

Assim, para a autora, foi a partir daí—quando Freud reconheceu a existência de um mais além em relação ao princípio do prazer, que supostamente regeria o psiquismo, articulando-o a uma compulsão à repetição—que se deu o estopim para a reformulação da teoria psicanalítica, desembocando na segunda tópica freudiana, onde constam as três instâncias psíquicas, dentre elas o supereu.

Vale destacar, conforme reconhecem Assis e Vieira (2019) e Vivès (2018a), que um pouco antes, em *Luto e Melancolia* (1915), Freud já havia sinalizado, embora ainda sem nomeá-la, a existência de uma instância de caráter persecutório sobre o eu. Há também a concepção segundo a qual é possível ensaiar uma genealogia do supereu tomando por ponto de

partida o texto freudiano de 1913, *Totem e Tabu* reconhecendo ainda que textos anteriores de Freud tiveram relevância no desenvolvimento e na construção dessa categoria conceitual (Lima & Souza, 2016),

Para fins deste estudo, partir-se-á da segunda tópica, na qual o supereu é finalmente nomeado por Freud, não sem que compareça ali algo que por si só diz da natureza complexa e quiçá ambígua dessa instância. Se de um lado é categoricamente qualificado enquanto “herdeiro do complexo de Édipo” (Freud, 1923/2011, p. 33), donde se pode depreender o seu caráter de articulação com a Lei, com a interdição; de outro, também fora definido como “herdeiro do Isso” (Freud, 1923/2011, p. 45), o que aponta para sua dimensão arcaica, anterior, primária, eminentemente pulsional; logo, articulado ao imperativo de satisfação absoluta, conforme ficará mais claro com a leitura lacaniana, que será abordada adiante.

Por ora, cabe destacar, já em Freud, a articulação do supereu com a pulsão de morte, bem como o seu caráter de crítico cruel e rigoroso do Eu, notadamente nos quadros de melancolia: “O que então vigora, no supereu, é como que uma pura cultura de pulsão de morte, e de fato este consegue muito frequentemente impelir o eu à morte, quando o Eu não se defende a tempo de seu tirano” (Freud, 1923/2011, p. 50).

Partindo dessa proposição freudiana do supereu como herdeiro do Complexo de Édipo, cabe destacar que tal instância tem sua constituição articulada mediante o processo de identificação com o modelo do pai, que institui o ideal a ser (per)seguido: “Assim (como o pai) você deve ser; assim (como o pai) você não deve ser” (Freud, 1923/2011, p. 31), reafirmando seu caráter de imperativo categórico.

Noutro ponto, ainda em *O Eu e o Isso*, Freud marca o caráter, por assim dizer, social, da constituição e da atuação do supereu, à medida em que o qualifica como “representante da relação com os pais”, que se consolida na relação com instituições sociais, como escola, religião e figuras de autoridade diversas, dando aqui, margem para pensar sua articulação com

figuras de poder nas organizações de trabalho e com a própria noção de discurso, como fará Lacan.

Com Lacan, a propósito, tem-se uma radicalização da dimensão histórica do supereu à medida em que ele articula o caráter de destrutividade psíquica da pulsão de morte com o laço social, pela via do discurso, marcando a mediação indispensável do supereu (Rudge, 2006). Se Freud já associou o supereu à palavra que se impõe feroz (“seja assim”), instituindo a cultura, Lacan amplifica tal articulação a partir da noção do interdito e morte da Coisa, enquanto rompimento com a possibilidade de uma satisfação plena, o que só pode se viabilizar pela linguagem, pelo discurso, pela fala, mediada pela voz transformada em canto, a partir do dueto que se estabelece entre a figura maternal e o bebê (Vivès, 2018a).

Tem-se, então, o ponto nodal da articulação entre discurso, supereu e voz. Se há um chamado a ex-istir (existir fora), como condição básica para que o sujeito possa advir, ao mesmo tempo, também comparece, pela via da idealização dos pais em relação à criança, o imperativo do significante mestre, portanto, de uma voz, que ao proferir um “seja assim”, fecha caminhos e fixa o sujeito em imperativos que são a base a partir do qual o supereu vai se constituir. Tal como postulado por Lacan (1962-1963/2005, p. 148), *Seminário 10 – A angústia*: “A voz de que se trata é a voz como imperativo, como aquela que reclama obediência e convicção. A voz, portanto, não é assimilada, e sim, incorporada”.

Nessa perspectiva, pode-se pensar o supereu se constituindo enquanto resíduo das primeiras identificações que se dão a partir do discurso, das palavras proferidas ao bebê por ocasião da maternagem, quando ele depende de todos os cuidados do Outro e de quem muito ouvirá em termo de idealizações e demandas, a partir das quais formulará suas fantasias sobre amar e ser amado. Tal resíduo corresponderia, segundo Vivès (2020), àquilo que Freud nomeou como “mais além do princípio do prazer”, e que Lacan traduz como algo da ordem do Real, portanto, do intratável. “É aí que eu situo o supereu” (Vivès, 2020, p. 93).

Assim, parece interessante uma construção em que o supereu se coloque como resíduo mediador entre laço social e pulsão de morte. Se é no laço social com o Outro, mediado pelo discurso, que o sujeito pode advir, é também aí que pode aprisionar-se a partir dos imperativos categóricos do supereu, que é pura pulsão de morte e, portanto, gozo absoluto.

Tem-se, então, a intensa, e ao mesmo tempo sutil, articulação entre supereu, pulsão de morte e gozo. Os imperativos da voz superegóica, que se presentificam no discurso via significantes, “seja apenas isto”, remetem à possibilidade do gozo absoluto, posto que fixam o sujeito nas identificações, no desejo do Outro, dando-lhe lugar, delimitando o espaço do eu e sustentando a fantasia de garantia de um amor absoluto e pleno: puro gozo. Em oposição, tais imperativos restringem-no, julgam-no, impossibilitando que ex-ista (existir fora, fora delas, as identificações) enquanto sujeito a advir, sempre em construção, sempre vir-(a)-ser; o que, se de um lado abre um infinito de possibilidades de existir, também implica em perda de segurança, de estabilidade, de qualquer ilusão de completude, remetendo ao trauma originário.

Nessa linha de raciocínio, caminha-se mais ainda na direção da formulação lacaniana, na qual a pulsão de morte se manifesta como repetição e gozo, sustentada pelas vozes do supereu, de tal modo que a compulsão à repetição migrará da cadeia de significante para o gozo. Sendo necessário destacar, todavia, que:

O corpo está envolvido no gozo, mas o papel do significante na sua produção, ao invés do recurso à biologia, justifica a ideia de que é a identificação do supereu e suas injunções, o que dá conta do que é a pulsão de morte na clínica psicanalítica (Rudge, 2006, p. 88).

Pode-se depreender que o supereu, na sua origem arcaica, como resto não tratável, age na produção da repetição por meio das identificações, e assim o faz sustentado na pulsão de morte e no gozo. Então, parece que entender o aprisionamento do sujeito nas vozes do supereu

requer uma articulação com a noção de gozo, conforme proposto por Lacan. Mas antes disso, cabe dissertar sobre a questão da atividade da pulsão em Freud.

Sabe-se que a pulsão tem como meta a satisfação absoluta, sem impedimento, sem recalque. Entretanto, o sujeito nasce a partir do confronto com a linguagem, com a cultura, com o mal-estar. Sendo assim, diante do interdito, a pulsão pode tomar, segundo Freud, a via da descarga, através da qual se liberta e dissipa, ou a via do recalque, quando é conservada e se acumula como resíduo. Vale lembrar que é nesse resíduo pulsional, nesse resto, que se situa o supereu. Haveria, ainda, um terceiro destino pulsional, o da descarga total de energia, efetuada sem limite, sem recalque.

Nasio (1993) articula à essa noção freudiana dos destinos das pulsões, o conceito lacaniano de gozo, especificamente os três tipos de gozar: a) gozo fálico, b) mais-de-gozar e c) gozo do Outro, não obstante acentue que no ensino de Lacan, o gozo não compareça articulado à dimensão econômica do aparelho psíquico, posto que é caracterizado como interdito, isto é, articulado diretamente à linguagem, mais especificamente ao lugar da linguagem enquanto campo do desejo, e mais ainda do desejo do Outro (Chemama & Vandermesch, 2007). Assim é que os modos de gozo vão dizer das diferentes maneiras que o sujeito lida com a falta constituinte que o faz nascer, portanto, o desejo, naquilo que ele carrega de impossibilidade de satisfação.

Em todo caso, partindo da dimensão econômica, e tentando alguma articulação com a concepção lacaniana do gozo, enquanto modalidades de manejo da falta, pode-se afirmar que “o gozo fálico corresponderia à energia dissipada durante a descarga parcial, tendo como efeito, um *alívio incompleto* [grifo nosso] da tensão inconsciente”. (Nasio, 1993, p. 27).

Pode-se depreender que, dando conta da falta, tendo-a enquanto constituinte e estruturante, o sujeito se movimentaria na busca de objetos sempre reconhecidamente parciais, incompletos. Do ponto de vista do discurso, o sujeito se movimenta na cadeia de significantes,

tomando para si algumas identificações que delimitam socialmente o eu, ao mesmo tempo em que preserva algo das infinitas possibilidades de existir. Dando-se conta do caráter sempre precário e insuficiente da satisfação da pulsão, nesse modo de gozo fálico, o sujeito pode existir para além do significante mestre.

O mais-de-gozar, por sua vez, corresponderia ao gozo que permanece retido no interior do sistema psíquico, cuja saída é de algum modo impedida, ao tempo em que colocado em estado de alerta, gerando um excedente que aumenta a tensão interna e gera expectativas de satisfação a cada novo objeto investido pelo sujeito. Nesse sentido, corresponde ao modo de gozo em que a falta é concebida como falha e, portanto, precisa ser obturada com uma promessa de satisfação via um objeto *a* sempre mais ali, mais adiante, lógica que faz acumular cada vez mais tensão interna no interior do aparelho psíquico. Essa noção de acúmulo articula-se diretamente ao pressuposto capitalista da acumulação, conforme proposto na construção lacaniana.

Do ponto de vista do discurso, pode-se pensar que o sujeito é enredado, seduzido, aprisionado pela promessa de encontrar um tal objeto *a*, que, enfim, garanta a satisfação da pulsão. Vive-se, pois, num estado de busca e expectativa incessantes, que exaurem. Nesse ponto, é possível articular esse tipo de gozo ao discurso capitalista colonial, (re)produzido nas relações de trabalho, onde as possibilidades de laço social são substituídas pela objetificação, numa lógica de acumulação e promessa em que tudo se traduz como objeto possível de satisfação da atividade da pulsão, e há sempre uma possibilidade de mais-gozar e gozar mais.

Por fim, tem-se “o gozo do Outro, estado fundamentalmente hipotético que corresponderia à situação ideal em que a tensão fosse totalmente descarregada, sem o entrave de nenhum limite”. (Nasio, 1993, p. 27). Esse é o gozo em que o sujeito supõe no Outro a fonte de sua felicidade e satisfação absoluta, apostando aí, toda a sua energia pulsional. Do ponto de

vista econômico, tal estado de descarga total da pulsão seria equivalente à morte, no que esse tipo de gozo se articula mais diretamente à pulsão de morte.

Em seu caráter pulsional, o supereu articula-se ao gozo absoluto e à pulsão de morte, estando situado naquilo que se coloca como resto não simbolizável do trauma constituinte humano. Tal articulação - supereu, gozo absoluto, pulsão - remete à dimensão da voz arcaica, cujo comando é a busca da satisfação plena; voz que urra, no dizer de Lacan: “Goza!”. Sempre um gozo, de algum modo, sem limites, portanto, articulado ao gozo do Outro ou ao mais-de-gozar, nos quais há ilusão de obturação do recalque e da castração, embora por vias diferentes. É como se as vozes do supereu remetessem à ilusão de evitação do trauma, naquilo que ele diz de ruptura com o discurso e o desejo do Outro.

Postos esses elementos iniciais, agora parece possível pensar a articulação entre discurso capitalista colonial, vozes do supereu e adoecimento pelo trabalho capitalista.

Discurso capitalista colonial e vozes do supereu no trabalho

Sempre me foi intrigante, na escuta de trabalhadores adoecidos, o confronto com a busca tardia pelo tratamento e, mais ainda, quando da busca deste, a ansiedade por se manter na atividade profissional, no contexto organizacional adoecedor, mesmo quando o próprio sujeito reconhecia a relação direta entre seu adoecimento e o trabalho assalariado. Não menos assustador era escutar que, de algum lugar, os trabalhadores repetiam—insistentemente e acenando com concordância—os insultos que lhe eram dirigidos no cotidiano.

Lembro-me de uma ocasião, no início da escuta clínica em contexto sindical, em que uma trabalhadora falava sobre as humilhações e os excessos a que era submetida no trabalho bancário, chorava, queixava-se, para ao final, deixar escapar: *mas eu gostava!* Questionava-me: como as organizações conseguem tal feito? Quais os mecanismos pelos quais os trabalhadores são enredados pelo discurso de exploração e desqualificação de si (re)produzidos

nos contextos de trabalho? Eis o ponto em que o modelo de Psicopatologia do Trabalho proposto por Mendes (2018, 2020, 2022) traz relevantes contribuições.

Pensar possíveis caminhos de respostas a tais questionamentos, implica considerar que o sujeito é constituído no laço social, e o que faz esse laço é a pulsão. Tais laços entre os humanos só existem por serem ordenados pela linguagem, mediados pelo discurso, o qual se funda na estrutura significante. Por sua vez, para entender a natureza do laço social, Lacan propõe a existência de quatro discursos, aos quais correspondem determinadas modalidades de laço.

Interessa, para fins desse estudo, sobre o discurso em Lacan, acentuar que ele se traduz como modo de relação social representado por uma estrutura sem palavras, organização essa que subsiste na relação fundamental de um significante com o outro. No dizer do próprio autor, “Os discursos nada mais são do que a articulação significante, o aparelho cuja mera presença, o status existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. São discursos sem palavras, que vêm em seguida, alojar-se nele”. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 158). O discurso é, pois, muito anterior às palavras, ao mesmo tempo que as ultrapassa e as determina, a partir dos lugares que estão predeterminados na estrutura. Parece que se está, nesse ponto da teoria lacaniana dos quatro discursos, diante do ponto nodal para pensar a relação dialética entre psíquico e social, sustentada, por assim dizer, por uma dimensão histórica.

Posto isso, considerando a natureza da análise que se propõe neste capítulo, qual seja de aprofundar a compreensão do adoecimento pelo trabalho capitalista, articulando Psicanálise lacaniana e Crítica social, interessa compreender a natureza do laço social que é produzido em três tipos de discurso, conforme proposto por Lacan (1969-1970/1992).

Começando pelo discurso do mestre, nele, Lacan, a partir das proposições de Hegel, posiciona o significante mestre (S1) como o senhor, portanto, o agente do saber, que domina o laço, organiza a produção discursiva e sustenta o mito de ser igual ao seu próprio significante.

Há, pois, uma expropriação do saber do outro, que não sabe que sabe. Se assim o é, o S2, o outro a quem o discurso se dirige e que precisa do agente para existir, assume o lugar de escravo, sobre quem o senhor detém todo o saber. Se o senhor detém todo o saber sobre o outro, que passa ao lugar de escravo, a produção dessa relação, desse discurso que “tudo-sabe e sabe-tudo” (Mendes et al., 2020), será o gozo.

Nessa lógica discursiva, a verdade enquanto castração e falta não tem lugar. Eis, pois, os elementos que vão caracterizar a modalidade de laço correspondente ao discurso do mestre: saber absoluto, que coloca o outro no lugar de escravo e produz gozo, negando a verdade da falta.

Como uma variação regressiva do discurso no mestre, Lacan apresenta o discurso da ciência ou discurso universitário. Neste, o saber ocupa a posição dominante e o sujeito que sabe, está no lugar da verdade, veiculando seu ensino ao outro, que causado pelo desejo de saber, acaba também sendo explorado pelo discurso universitário. A produção que resulta dessa relação é um sujeito incompleto, que tem desejo de saber mais, cuja verdade se traduz no comando: “Vai, continua, não para! Continua a saber sempre mais!” (Lacan, 1969-1970/1992). Portanto, também há algo nessa relação que se traduz como exploração, busca do saber absoluto e gozo.

O discurso capitalista, por sua vez, é apresentado como uma forma contemporânea de pensar o discurso do mestre, como uma forma de estabelecer laço social na contemporaneidade (Lacan, 1969-1970/1992). Se há uma lógica de movimentação dos termos e posições na estrutura, a partir da qual os quatro discursos - do mestre, do universitário, da histórica e do analista - vão se organizando, o discurso capitalista quebra essa lógica articulada, mudando as posições, de tal modo que passa a não haver qualquer relação entre o agente do discurso e o outro a quem ele se dirige.

E ainda mais, se “entre o gozo que um discurso torna possível e a verdade daquilo que é esperado como gozo, existe sempre um hiato, na escrita do discurso capitalista não há nenhum hiato”. (Soler, 2013, p. 87). Assim sendo, o discurso capitalista desfaz os laços sociais e sustenta-se na promessa de um gozo absoluto, onde a falta é sempre uma falta a gozar (mais-de-gozar), que pode ser preenchida pelo ato de mais produzir e mais consumir, que poder-se-ia dizer, se traduz como pura pulsão (de morte).

É partindo de tal teorização, que o modelo de Psicopatologia Clínica do Trabalho que sustenta esta tese, propõe a noção de discurso capitalista colonial digital e entende, na sua articulação com a instância do supereu, o ponto nodal a partir do qual se pode compreender os mecanismos que levam ao adoecimento da “classe-que-vive-do-trabalho” (Antunes, 1999).

O discurso capitalista colonial digital, enquanto categoria conceitual, traduz uma modalidade de discurso que caracteriza a natureza do laço social nas organizações de trabalho no Brasil, que “tem uma inspiração nas mazelas do poder colonial instituído historicamente na realidade brasileira, reproduzido na brutalidade e calamidade em que se encontra o país nos anos 2019-2020”. (Mendes et al., 2020, p. 79). De certo modo, pode-se dizer que articula elementos do discurso do mestre - naquilo que se refere à colonização pelo senhor, do saber do escravo que, inferiorizado, “chamado de”, não sabe que sabe, tendo seu saber sugado e expropriado de si, elevado a uma dupla potência—e do discurso capitalista—na sua promessa de gozo absoluto, de falta a gozar, suprida pelo ato de (re)produzir e consumir, que escamoteia a castração e faz acreditar na ilusão de uma satisfação plena.

Pode-se depreender que o discurso capitalista colonial digital tem como marcas a quantofrenia, a urgência e o controle, mediados e facilitados pelo uso da tecnologia, largamente veiculados e reproduzidos nos métodos e processos de gestão organizacional, inclusive, e, sobretudo, nas práticas de gestão de pessoas e, mais ainda, nas diferentes instituições, nas mídias digitais e televisivas. Reúne, contraditoriamente, vigilância, opressão e exploração,

vendidas como flexibilidade, liberdade, onipotência. Vê-se que tais marcas se sustentam na premissa de um saber absoluto e de um indivíduo sem limite, que tudo pode saber, medir, controlar. Lança, pois, os trabalhadores numa corrida de produtividade e, ao mesmo tempo, de subjugação sem limites, em que impera o culto ao (super)eu e à competição.

Não há espaço para a falta, nem para o laço social e o trabalhar não permite o trabalho na sua dimensão de existência ético-política, de singularidade, pois esse discurso, dita padrões numéricos e comportamentais que se traduzem em metas, resultados, habilidades e competências quase sempre inalcançáveis, já que o sujeito se faz equivalente à máquina, objetificado, explorado, expropriado de si enquanto desejante, faltante, falante.

Mas a pergunta que ainda insiste é: como esse discurso e seus artifícios alcançam subjetivamente os trabalhadores, aprisionando-os? De início, vale pensar sobre a proposição de Mendes et al. (2020), de que a ruptura do laço social consequente e característica do discurso capitalista colonial forja funcionamentos de crueldade e produz psicopatologias. Como isso se opera?

Soler (2016), ao pensar o desenlace social como efeito histórico do capitalismo, chama a atenção para um paradoxo do discurso capitalista, que fornece pistas para refletir como operam os artifícios desse discurso sobre os modos de subjetivação. Nas palavras da autora:

É que o discurso capitalista, do qual dizemos e constatamos que desfaz os laços, é também aquele que multiplicou ao máximo as possibilidades de relação, dando a elas instrumentos inéditos, sem precedentes na história e que alargam a circunferência dos investimentos libidinais a dimensões até mesmo planetárias. [...] Os meios de comunicação, de deslocamento e de informação tornam bastante presentes aquilo que está longe, para que a elasticidade da libido possa, se for o caso, trazer do fim do mundo não somente produtos, mas uma mulher, uma criança, um homem e tantas outras coisas mais (Soler, 2016, p. 12).

Deste modo, o discurso capitalista, inclusive na sua vertente colonial digital brasileira de exploração amplificada e visceral, forja e vende ilusões em termos de uma suposta aquisição de objetos substitutos, objetos tampão, alçados à categoria de objeto *a*, para obturar a falta constituinte e estruturante do sujeito.

A relação com tais objetos, entretanto, não se constitui como laço social, posto que este se funda na falta, na castração de si e do outro, tal como reconhece Soler (2016, p. 20), ao dizer que “é preciso haver uma perda primeira para que a regulação do laço social seja possível”. Interessante notar que essa ilusão de suplantar a falta e negar a castração, supostamente viabiliza-se numa sociedade de consumo mediada, sobretudo, pelo discurso capitalista, a partir das relações de trabalho, as quais se colocam como meio através do qual é possível produzir e consumir, ou seja, ter acesso aos objetos de satisfação plena. Eis o caráter extremamente sedutor desse discurso, que traz em si a promessa de instaurar a completude, a plenitude.

Ora, considerando os atravessamentos na realidade brasileira—país periférico, colonizado, onde grande parte da população vive em situação de desemprego, desamparo político e social em termos de garantia de direitos, de um lado e de outro, tem-se a precarização dos vínculos empregador-empregado e das condições de trabalho, o desmonte da tão recente e árdua conquista dos direitos trabalhistas—ter-se-á um contexto em que o trabalho assalariado vai se tornar meio de subjugação dos trabalhadores, dada a constante ameaça de perda de função, tomando-se por referência a esfera pública, e de desemprego e demissão na esfera privada. Exaltado pelo discurso da meritocracia, o trabalho assalariado aparece como aquele que pode permitir a fixação num suposto lugar social, ainda que precário, e muitas vezes sustentado no desaparecimento do trabalho do sujeito.

Também vale destacar que o discurso capitalista colonial digital, naquilo que tem como efeito um “pensamento colonizante” (Mendes et al., 2020), sustenta-se na noção da existência, de um lado, do colonizador superior que tudo sabe, e de outro, um colonizado inferior, que vai

aprender com o saber do colonizador, e assim se tornar mais civilizado, supostamente igual. Esse pensamento colonizante se amplifica associado ao discurso universitário, que também atravessado pelo capitalismo, e, quase sempre à serviço dele, pauta-se na premissa da universalidade, na generalização, ganhando lugar nos diferentes contextos de atividade profissional, a partir da demanda de padronização dos métodos de trabalho, da excelência e de excessiva prescrição, que aprisiona e não deixa comparecer aquilo que é da ordem do singular e da falta.

Pode-se pensar que essa demanda de se fazer e ser igual, portanto de padronização e homogeneidade em termos de ritmo, formas e métodos de trabalhar e existir, sempre sob o imperativo de produzir e fazer mais, se de um lado aprisiona o sujeito, que passa a ficar fixado num “chamado de”, preso a significantes determinados pelo discurso do outro, ao mesmo tempo remete à possibilidade de identificação com o outro, de segurança, de fusão num suposto coletivo, que ao mesmo tempo, não tem liga, não tem laço, e também por isso, produz adoecimento.

Segundo Mendes (2018), esse discurso proferido no mundo do trabalho ganha amplitude e especificidades no contexto brasileiro, produzindo um efeito colonizante e forjando sujeitos adoecidos pelo trabalho, à medida em que se articula à instância do supereu. Se o sujeito surge do desejo do Outro, a partir da suposição de uma demanda que transforma o grito e possibilita a entrada no circuito da pulsão invocante, pode-se depreender, da teoria de constituição do sujeito, que ele somente pode advir como tal, como sujeito falante, se houver um trabalho de ensurdecimento da voz arcaica, a partir do que é possível se fazer chamar, constituindo-se, pois, como fala-ser. Nesse percurso de constituição do sujeito, as vozes do supereu atuam em oposição ao mandato ético “torne-se”, agindo para fixá-lo em um “chamado de”, em contraposição a um “chamado a”, interrompendo ou bloqueando a movimentação no circuito e na cadeia de significantes.

Sobre o supereu, enquanto categoria conceitual, e para compreender sua articulação ao discurso capitalista colonial, convém destacar, conforme postulava Freud na segunda tópica, seu caráter pulsional e moral. Se de um lado ele se articula à consciência moral e à Lei, de outro, tem uma dimensão que é pura pulsão, articulando-se à pulsão de morte e ao gozo absoluto. Eis o caráter tirânico e mortífero do supereu, na sua dimensão arcaica: “O supereu trabalharia justamente para tentar evitar o advento do sujeito, ele trabalha para que o advento do sujeito não aconteça. Portanto, a injunção do supereu é o que tenta interromper a possibilidade do sujeito advir, se tornar” (Vivès, 2020, p. 99).

Esse trabalho do supereu se traduz como atividade da pulsão, e vai formar uma (in)junção avassaladora quando articulada ao contexto da atividade profissional sob a égide do discurso capitalista colonial, da precarização e da gestão pela ameaça e pelo medo. Medo este que colabora diretamente, quiçá atua como motor e sustentáculo da identificação do colonizado com a onipotência do colonizador, apregoada pelo discurso da promessa, que faz desaparecer o trabalho do sujeito e produz adoecimento.

É justamente nessa dimensão de gozo absoluto, que o supereu se articula ao discurso capitalista colonial, e o sujeito é, então, dado o excesso de vozes, fixado no tempo do calar, do Resistir-Desistir (Mendes, 2018, 2022), impossibilitado do trabalho de ensurdecimento, que somente pode acontecer pela via da improvisação e da invocação por um outro.

Como pontua Vivès (2018b, 2020), o circuito da pulsão invocante é o único que só pode se fechar mediante a possibilidade de um duo, portanto, a partir do laço social. E mais uma vez, se no discurso capitalista colonial não há laço, não pode haver trabalho de ensurdecimento, e o sujeito será então silenciado, expropriado de si, porque tomado pelos imperativos da voz do Outro.

É nisso que se traduz a violência que caracteriza os espaços de trabalho público e privado no Brasil. Têm-se sujeitos que são impossibilitados de realizar o trabalho de se fazer

chamar, se se fazer existir, pois não são supostos como sujeito a advir. São desqualificados, “chamados de”, fixados no lugar de “mão de obra”, recurso humano, objeto, coisa, máquina, no tempo do calar.

Sendo o trabalho do inconsciente, o que sustenta o trabalho de se fazer existir, que só pode acontecer pela entrada no circuito da fala, mediante o improvisado e àquilo que escapa ao racional, ao quantificável, ao padrão, se o sujeito é impossibilitado de fazê-lo pelo excesso de vozes do discurso capitalista colonial que se faz representar nas vozes do supereu, resta-lhe um “silêncio gritante” (Mendes, 2018), que pode se manifestar como adoecimento.

Mutismo do sujeito e adoecimento

E como se opera esse mutismo do sujeito que se dá pela fixação no tempo do calar, que bloqueia o circuito da pulsão invocante, produzindo adoecimento? Aqui, parece crucial adentrar, tendo por referência a teoria lacaniana do discurso, na decifração do campo de forças sociais anteriores, que fundam e sustentam a estrutura do discurso, a modalidade de laço social estabelecida nas relações de trabalho no Brasil, e que vão, por assim dizer, determinando a posição do sujeito, do trabalhador, nesse lugar de impossibilidade da fala, de mutismo. Portanto, sustenta-se a tese de que se trata de uma complexa rede de operações que articulam elementos de dimensões histórica, política, social e psíquica.

Considerando-se os elementos do histórico escravagista brasileiro e seus imbricamentos com a história mais recente do trabalho no Brasil, conforme apontam os estudos de Duarte e Mendes (2015) e Sousa-Duarte (2020), destaca-se aqui, construção realizada por Kehl (2018), em obra intitulada *Bovarismo brasileiro*.

Partindo da tese de doutoramento do Lacan, a autora analisa a cena brasileira por meio do retrato caricato de diferentes personagens da nossa literatura, notadamente os presentes na obra de Machado de Assis e Quincas Borba. Analisando as personagens e a trajetória do próprio autor, Kehl defende a tese de que a principal forma de bovarismo brasileiro consiste em se

tomar sempre por não brasileiro, isto é, negar sua origem provinciana, colonizada, periférica e escravagista, o que segundo se pode depreender da construção feita pela autora, impossibilita o enfrentamento e a subversão desses significantes, favorecendo, portanto, a fixação, a permanência, no lugar de escravo, calado, a-sujeitado, explorado. No dizer de Kehl (2018, p. 30):

Nas sociedades de periferia do capitalismo, que se modernizaram tomando como referência as revoluções industrial e burguesa europeias sem, no entanto, realizar nem uma nem outra, a relação com os ideais passa *forçosamente* pela fantasia de “tornar-se outro”. Só que esse outro é, por definição, inatingível [...]. O bovarismo dos países periféricos [...] obscureceu a busca de caminhos próprios, emancipatórios, capazes de resolver as contradições próprias de sua posição no cenário internacional.

Pode-se pensar que essa fantasia, de “tornar-se outro”, portanto, não tornar-se, no sentido da assunção do sujeito, sustenta-se, no contexto das relações de trabalho assalariado no Brasil, no medo de se confrontar mais uma vez com o trauma originário da ruptura, que remete às experiências de dependência absoluta e desamparo do sujeito em relação ao Outro.

Ora, no Brasil, diante do desamparo social e político, da supressão de direitos, essa fantasia de “tornar-se outro” objetiva-se na identificação do trabalhador com o discurso do capital, que assume o lugar do Outro, potente, poderoso, que sustenta, ampara, promete cuidado, segurança, desde que o trabalhador submeta-se a todas às suas demandas, atendendo-as, ilimitadamente, independente das noções de tempo e espaço, como aconteceu, mais ainda, com a aceleração do trabalho remoto e digital imposto pela pandemia da Covid-19. O discurso hegemônico apregoa que o trabalhador deve permanecer calado e agradecer pela oportunidade de ser explorado, afinal, há um grandioso “exército de reserva” que aguarda ansiosamente por um lugar ao sol.

Mendes (2018, 2022) e Mendes et al. (2020) propõem que o excesso de voz e de demanda, que caracteriza o discurso capitalista colonial, representado nas vozes do supereu, notadamente frente à gestão pela ameaça e pelo medo, sustentados pelo desemprego e pela precarização do trabalho no contexto brasileiro, remete o sujeito ao tempo arcaico da voz primordial, de modo que:

O sujeito [do trabalho] se constitui pela demanda, “desejo” encantado, sedução das promessas do capital de ter mais e com isso ser mais, caindo na armadilha do “canto da sereia”. É atraído pela sonoridade da promessa que remete à ideia de satisfação plena e absoluta da pulsão. Esse canto é da ordem do registro do imaginário, é um lugar ocupado pelas ilusões e desilusões frente ao real. Aí se constitui o sujeito do trabalho, invocado pela subalternidade do seu desejo ao desejo do Outro e pela subalternidade sócio-histórica, um encontro entre o psíquico e social, entre sujeito e trabalho. (Mendes, 2018, p. 52).

Assim, ao que Mendes et al. (2020) colocam como fusão colonizador-colonizado, parece, à luz da própria teoria psicanalítica, mais apropriado pensar como relação de identificação. Deste modo, tem-se como hipótese que a identificação do colonizado com o discurso do colonizador, que se faz possível pelo discurso unívoco proferido pelas vozes do supereu, remete às identificações primárias, que por sua vez conduzem ao sentimento de segurança e estabilidade, diante do caos do desamparo. Se de um lado esse discurso unívoco dissolve a singularidade, faz desaparecer o sujeito na sua existência ético-política, de outro, promete a enganosa permanência num lugar social sustentado pelo produtivismo e objetificação de si. “Se sou explorado, logo existo”; ou ainda, como veio a apontar Antunes (2018), é o privilégio da servidão.

Nesse tortuoso caminho, o sujeito do trabalho—a-sujeitado—acredita se fazer existir à medida em que serve ao capital, que se lança na empreitada de tentar atender todas as demandas

do Outro, representadas pelas vozes proferidas pelos atores do cenário organizacional, como se assim pudesse se fazer insubstituível diante de tanto desemprego e precarização. Mais do que servir ao capital, acaba assumindo para si o discurso capitalista, fazendo-se porta-voz dele, tomando para si a culpabilização que lhe é dirigida quando adoece ou quando se confronta com seus limites humanos.

Mendes et al. (2020), ao analisarem uma das psicopatologias produzidas pelo discurso capitalista colonial - a melancolização - a partir da lógica do circuito da pulsão invocante, depreendem a existência de um jogo surdo-mudo, ao contrário do duo e da improvisação que se faz por ocasião da constituição do sujeito: “Alguém diz, mas não fala, para alguém que ouve, mas não escuta”. (p. 84). O excesso de voz diz muitas coisas, ecoa gritos de desqualificação e imperativos aos trabalhadores, mas não há fala. O trabalhador, subjugado, oprimido, tende a repeti-los, num discurso que não é seu; logo, está calado, silenciado, aprisionado, impossibilitado de ex-sistir, existir fora desse discurso hegemônico. Quando tenta se fazer existir a partir da improvisação, da criação, do trabalho vivo, ou quando tenta externar pela via da linguagem, seu sofrimento, sua dor, confronta-se com a ameaça de substituição e perda desse lugar em que se ampara. E se não é escutado, não há relação, não há laço, há tão somente promessa.

Diante desse excesso de voz, da impossibilidade de fazer-se comparecer como sujeito, o adoecimento tende a colocar-se como a única alternativa possível ao trabalha-dor. Escutar essa dor, enquanto sintoma, produção singular, parece se traduzir como um caminho para o trabalha-dor operar o ensurdecimento de vozes proferidas pelo discurso capitalista, e escutar a sua própria voz, enquanto se reconstituir como fala-ser.

Então, se há, de um lado, o trabalho de escutar o sujeito, no seu sintoma, na sua dor, que se constitui como caminho para a cura e de outro, o trabalho que adoece, afinal, qual noção de trabalho sustenta esta tese?

II. Trabalho de ensurdecimento e invocação do sujeito

*“Eu hoje tive um pesadelo e levantei atento, a tempo.
 Eu acordei com medo e procurei no escuro
 Alguém com seu carinho e lembrei de um tempo, porque o passado me traz uma lembrança,
 do tempo que eu era criança
 E o medo era motivo de choro, desculpa para um abraço ou um consolo.
 Hoje eu acordei com medo, mas não chorei, nem reclamei abrigo.
 Do escuro eu via um infinito sem presente
 Passado ou futuro
 Senti um abraço forte, já não era medo
 Era uma coisa sua que ficou em mim
 De repente a gente vê que perdeu
 Ou está perdendo alguma coisa
 Morna e ingênua
 Que vai ficando no caminho, que é escuro e frio, mas também bonito, porque é iluminado pela beleza
 do que aconteceu
 há minutos atrás.”*

“Canção *Poema*, Cazuzza, Agenor Neto & Frejat).

Objetiva-se, com o presente capítulo, apresentar a noção de trabalho que se pode apreender a partir de passagens da obra de Freud e Lacan. Tal percurso coloca-se como indispensável nesta tese, considerando-se que se tem por objeto de estudo a clínica psicanalítica com trabalhadores em adoecimento. Parece, pois, contraproducente, de um lado pensar o adoecimento pelo trabalho; e de outro a possibilidade de cura por meio de uma psicanálise, sem atentar para qual trabalho está em questão, lá e cá.

Destaca-se, pois, antes de tudo, que tem-se como pressuposto basilar, no qual esta tese se ancora, a concepção marxista de trabalho, especialmente quando o autor se ocupa ao longo do capítulo 5, livro I, de *O Capital* (Marx, 1857/2013) de um estudo minucioso do processo de trabalho, delineando ali uma radical disjunção entre:

- a) o trabalho enquanto condição natural da vida humana, portanto independente de qualquer forma social determinada, segundo o qual o ser humano transforma a natureza e a si mesmo, produzindo as condições para a sua existência a partir do uso e da criação dos meios de trabalho;

b) o trabalho enquanto subordinado ao modo de produção capitalista, que determina as condições sociais nas quais se trabalha, operando, portanto, radical diferenciação em termos de “como” o trabalho é feito, como se dará a participação humana no processo quanto ao uso e criação dos meios, e mais ainda, em termos da articulação ou apropriação pelo trabalhador da produção.

Ao realizar essa análise distintiva inicial, Marx segue debruçando-se sobre a configuração que o trabalho toma sob a égide do capital, delineando as especificidades e as repercussões sociais, e por que não dizer psíquicas, dessa configuração. Segue sua disjunção nomeando, mais à frente o trabalho vivo, enquanto uma forma que diz respeito única e exclusivamente ao ser humano, para então, demarcar outra disjunção ao nomear o trabalho morto, sendo este o sustentáculo e a base a partir dos quais se pode caracterizar o modo de produção capitalista e a acumulação que constitui sua essência.

Assim, esta tese parte do pressuposto marxista de que há uma transformação, assim nomeada pelo autor, mas que aqui arrisca-se dizer que há uma mutilação do próprio modo de produzir, portanto do trabalho enquanto categoria ontológica do ser, quando ele é subordinado ao capital. Tal mutilação sustenta-se na exaltação ao trabalho morto (a atividade das máquinas, dos *softwares*, a extorsão informacional feita pelos algoritmos, que retroalimenta com voracidade o mercado, o consumo, a produtividade, para citar apenas alguns exemplos) em detrimento do trabalho vivo, posto que o trabalhador é rebaixado à condição de mercadoria, “à mais miserável das mercadorias”, e então, “labora sob o controle do capitalista, a quem pertence o seu trabalho”. (Marx, 1857/2013, p. 205, 191).

Partindo dessa disjunção entre trabalho vivo e trabalho ‘criativamente’ morto, negada e escamoteada pelo discurso capitalista colonial digital sob a eterna e falaciosa promessa de tornar-se vivo, tem-se o objetivo aqui, de analisar como o trabalho comparece na obra freudiana, e ainda o que se pode depreender enquanto noção de trabalho a partir da leitura de

Lacan. Pergunta-se: onde se pode encontrar, em Freud e Lacan, elementos indicativos da dimensão ontológica do trabalho e da disjunção entre trabalho vivo e trabalho morto?

Em Freud, o significante “trabalho” está colocado em diferentes passagens, e de diferentes formas, podendo suscitar reflexões e questionamentos. Em 1915, ao delinear a natureza do conceito de pulsão, categoria-chave na psicanálise, Freud a caracteriza como uma medida de exigência de trabalho feita ao psiquismo, dada a sua relação com o corpo. Mais de uma década à frente, em 1930, novamente, em articulação com a categoria pulsão, ao tratar sobre “técnicas de vida” possíveis frente ao anseio humano de conquistar a felicidade, o autor se refere ao processo de sublimação e destaca a possibilidade de obtenção alargada de ganho de prazer, que pode advir das fontes de trabalho psíquico e intelectual.

Ainda nesse último texto, em longa nota de rodapé, o autor segue apontando a possibilidade de se obter satisfação pulsional a partir do trabalho, qualificando-o como trabalho profissional, reconhecendo-lhe, por isso, “um valor que não fica atrás do seu caráter indispensável de afirmação e justificação da existência na sociedade” (Freud, 1930/2020, p. 326). Em continuidade, neste mesmo texto, refere-se a tal trabalho como atividade profissional.

Esses, que parecem ser dois usos diferentes do significante “trabalho”, chamaram-nos atenção, especialmente no que se refere à adjetivação que o fundador da psicanálise vai estabelecendo nas entrelinhas. Que diferença estaria sendo colocada ali, por Freud? Como se pode pensá-la na clínica psicanalítica com trabalhadores em adoecimento? Aliás, como pensar o trabalho na e a partir da teoria psicanalítica? Já que Freud não se deteve nestas questões, deixando tão somente algumas preciosas pistas, nem Lacan o trouxe de modo direto, optou-se por buscar na produção científica dos últimos anos, referências acerca da noção de trabalho na psicanálise.

Assim sendo, fez-se revisão bibliográfica sistemática integrativa, que segundo Whittemore e Knafl (2005), possibilita o desenvolvimento de teorias e áreas de estudo por meio

da apresentação do estado da arte de um tema. Entre janeiro de 2020 e abril de 2021 foram levantados estudos nas bases de dados eletrônicas BVS-Psi, SciELO e CAPES. Utilizaram-se os descritores “Trabalho” (AND) “Psicanálise” e “Trabalho na Psicanálise”.

Antes da aplicação dos critérios de inclusão, foram identificados 258 artigos para “Psicanálise” (AND) “Trabalho”, e 55 para “Trabalho na Psicanálise”. Fez-se uma pré-seleção a partir da leitura dos resumos, o que resultou em 124 e 35 artigos, respectivamente. Os 159 artigos foram mais uma vez avaliados, adotando como critérios de inclusão: a) artigos contendo os termos “Psicanálise” e/ou “Trabalho” no título ou no corpo do texto; b) publicados em língua portuguesa; c) em periódico com revisão cega de pares; d) disponibilizados virtualmente de modo integral. Considerando esses critérios, foram selecionados 54 artigos. Excluíram-se: a) dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso, livros, capítulos de livro, resenhas e editoriais; b) artigos em duplicidade; c) artigos cujos descritores constavam apenas nas referências; d) artigos que não estavam integralmente disponíveis; e) artigos que adotavam referencial teórico principal baseado em outros autores que não Freud e/ou Lacan, e; f) os publicados há mais de dez anos. A aplicação desses critérios excluiu 40 artigos, e o conjunto final de textos analisados foi de 14 publicações.

Desses, constatou-se que: a) quanto ao ano de publicação, a maioria (10) foi publicada entre 2011 e 2014. O mais recente foi publicado em 2019, sendo que se observou significativa queda no número de publicações a partir de 2015, tendo sido apenas uma neste mesmo ano, duas em 2016 e uma em 2019; b) quanto à natureza do estudo, a significativa maioria é teórica (12), sendo apenas dois empíricos, ambos relatos de caso.

Em termos de conteúdo, a maioria dos artigos analisados ($n = 9$) não faz qualquer discussão teórico-conceitual sobre a categoria “trabalho”, embora alguns deles ($n = 4$) contenham uma crítica ao trabalho enquanto inserido no modo de produção capitalista (Barros & Andrade, 2013; Borges & Ribeiro, 2013; Cunha, 2010; Moraes & Loffredo, 2019). Nos

outros cinco artigos, observa-se que o significante “trabalho” comparece para se referir ao trabalho psíquico, que acontece numa experiência de análise: trabalho do luto, trabalho de separação, trabalho analítico, trabalho de simbolização (Avelar, 2011; Klautau & Damous, 2015; Rinaldi et al., 2013; Rosa & Vilhena, 2015; Sanches, 2014), mas sem que haja uma discussão em torno de tal significante na psicanálise.

Dentre os cinco artigos que trazem alguma discussão teórico-conceitual sobre a categoria “trabalho”, dois colocam em questão a natureza do trabalho do analista, e para sustentá-lo como tal, algo chamou a atenção: um deles usa o referencial de trabalho em Marx (Tupinambá, 2014); e o outro respalda-se na Sociologia, especificamente na noção de trabalho imaterial (Laureano, 2012). Parece interessante tal articulação, ao mesmo tempo em que não comparece ali a noção de trabalho na psicanálise, embora se tenha como objeto de análise o trabalho do analista.

No terceiro artigo, também chamou a atenção que se propunha uma discussão sobre subjetividade e trabalho, sendo que ao tratar da subjetividade, há todo um resgate teórico da teoria freudiana, notadamente da teoria das pulsões, ao mesmo tempo em que, sem haver uma delimitação conceitual, afirma-se que “o trabalho não é valorizado como fonte de felicidade dentro daquilo que a psicanálise entende do termo”. (Lazarini, 2014, p. 65). Ainda nesse artigo, aponta-se para a impossibilidade de a subjetividade comparecer no contexto do trabalho capitalista, atribuindo-se, a isso, a existência de psicopatologias do trabalho, no que é usado o referencial teórico da Psicodinâmica do Trabalho dejouriana, em articulação com proposições de Foucault.

O quarto artigo, dentre aqueles que contemplam alguma discussão teórica, propõe-se a articular trabalho, psicanálise e laço social, mas justo na sessão em que aborda sobre o primeiro, a teoria psicanalítica não comparece como sustentação, no que os autores optaram por uma articulação entre teóricos contemporâneos - Lipovetsky, Dejours, Gaulejac - e o pensamento

marxista. Mais adiante, a teoria lacaniana dos quatro discursos é usada para explicar a natureza perversa do discurso capitalista, no qual “o trabalho está do lado do escravo; é fruto da exploração do homem pelo homem” (Borges & Ribeiro, 2013, p. 21), e tem como efeitos: sofrimento, isolamento e mutismo.

Por fim, encontrou-se um único artigo no qual há uma discussão mais aprofundada sobre o significante “trabalho”, e sustentada específica e exclusivamente na obra freudiana. O artigo trata da dimensão do trabalho que se dá na experiência psicanalítica, qualificando-o enquanto operação psíquica, mais precisamente enquanto esforço do psiquismo em lidar com o excesso pulsional; contextualiza a experiência psicanalítica como um trabalho erótico em busca de mobilidade pulsional (Ventura, 2016) e segue fazendo uma análise e uma distinção das diferentes expressões do alemão, usadas por Freud para nomear cada uma dessas dimensões do trabalho psíquico que se opera na experiência analítica (trabalho do luto, elaboração onírica e perlaboração), das quais se valerá mais adiante.

Considerando-se que a revisão de literatura apontou este único estudo teórico aprofundado acerca da noção de trabalho na psicanálise, e ainda que este é situado tão somente no contexto da experiência analítica, optou-se por retomar algumas questões colocadas por Freud, fazendo eventuais articulações com o pensamento de Lacan, na tentativa de pensar a função e a natureza do trabalho enquanto categoria ontológica e as implicações disso.

Da atividade da pulsão à ontologia do trabalho em Freud

Como destacado no começo deste capítulo, faz-se interessante notar que o significante ‘trabalho’ comparece, na obra freudiana, muito articulado ao conceito de pulsão, por sua vez, definido por Lacan como um dos conceitos fundamentais da psicanálise. Nota-se, de modo mais específico, que em *As pulsões e seus destinos* (1915), Freud falou de uma exigência de trabalho (*Arbeitsanforderung*), sem qualificar a natureza de tal trabalho; na sequência, em diferentes passagens do texto, usou com muita frequência o significante “atividade”, para se

referir ao caráter ativo da pulsão, em oposição à passividade, como se pode ler neste trecho: “Toda pulsão é uma parcela de atividade; quando se fala de modo descuidado de pulsões passivas, essas nada mais seriam que pulsões com uma meta passiva” (Freud, 1915/2017, p. 25).

Partindo do entendimento da pulsão como uma espécie de elemento de desassossego, de caráter impelente, que faz ao aparelho psíquico uma exigência de trabalho na busca de objetos para sua satisfação (Freud, 1915/2017), parece que não pode haver existência sem que haja tal movimento.

Pode-se asseverar, então, que Freud enfatizou nesse texto o caráter ativo das pulsões e sua inexpugnabilidade pelas ações de fuga, dizendo com isso que funcionam como um empuxo para a vida, para o existir. Fez um esforço para descrever e sistematizar a natureza da “atividade anímica”, assim por ele qualificada, para dizer das operações que ocorrem no aparelho psíquico, movido por essa força constante que é a pulsão, na busca por caminhos e objetos que gerem satisfação. Entende-se ser esta a natureza do trabalho, que aqui toma-se como atividade, a que as pulsões impelem o ser humano.

A lógica do raciocínio freudiano remete a pensar o jogo das pulsões que operam o psiquismo como motor do sujeito e das neuroses (Chemama & Vandermersch, 2007). Logo, ao longo do texto, à medida que vai descrevendo os mecanismos do desenvolvimento do Eu e as escolhas objetais ao longo da vida, tecendo os fundamentos da economia libidinal, Freud aponta para operações psíquicas que se articulam diretamente com o que é próprio e característico da existência humana. Dessas construções metapsíquicas, depreende-se ser impossível pensar em existência, em sujeito, sem articulá-lo à força das pulsões, a uma dada exigência de trabalho que elas - as pulsões - fazem ao psiquismo, a partir do qual o Eu pode constituir-se, amar, odiar, relacionar-se com o mundo.

Arrisca-se dizer que o trabalho assume aqui uma dimensão ontológica, sendo a partir dele que o sujeito pode constituir-se, à medida em que vai se movimentando na busca de objetos materiais ou não, internos e externos, visando satisfação pulsional. Não obstante, faz-se interessante notar que Freud, nesse texto, embora caracterize a pulsão como uma medida de exigência de trabalho, deixando clara a natureza psíquica e ao mesmo tempo econômica do trabalho que se dá, não o adjetiva.

Oportuno notar, que no esforço de classificação das pulsões, o fundador da psicanálise diferencia, nesse primeiro momento, dois grupos—pulsões do Eu e pulsões sexuais—deixando claro que até ali a psicanálise somente pôde estudar o segundo grupo. Mas ao mesmo tempo, deixa pistas das quais, ele mesmo e depois Lacan—ao dizer que toda pulsão é eminentemente pulsão de morte—parecem partir:

Mas essa classificação não tem o significado de um pressuposto necessário [...]; trata-se de uma mera construção preliminar, que só deve ser mantida enquanto for útil e cuja substituição por outra pouco alterará os resultados de nosso trabalho de descrição e ordenação (Freud, 1915/2017, p. 29).

Freud reconhece, pois, que qualitativamente, todas as pulsões são basicamente da mesma ordem, e atribui os diferentes efeitos que lhes são consequentes: de um lado, à magnitude de excitação que cada uma provoca—aspecto econômico—e de outro, à diversidade das fontes pulsionais. Entretanto, deixa bem claro sua ênfase, no referido ensaio, no primeiro aspecto: “só num contexto posterior poderá ser esclarecido o que significa o problema da qualidade pulsional” (Freud, 1915/2017, p. 29).

Ainda sobre a natureza das pulsões, e agora se referindo especificamente às de caráter sexual, Freud afirma que elas se substituem uma pela outra, e trocam de objetos com relativa facilidade, exceto em períodos remotos do desenvolvimento pulsional, quando é mais comum uma ligação muito estreita com o objeto: fixação. Assevera, ainda, que como consequência

dessa mobilidade, as pulsões sexuais são capazes de realizações muito distantes das ações originais (obtenção de prazer orgânico, funções de conservação e reprodução), referindo-se à possibilidade de sublimação das pulsões sexuais, sem que, todavia, se debruce isso.

Mais à frente, Freud aponta a existência de quatro destinos da pulsão: 1) a reversão em seu contrário; 2) o retorno em direção à própria pessoa; 3) o recalque, e; 4) a sublimação, enfatizando que ao longo do ensaio, deter-se-á tão somente nos dois primeiros. Por hora, para fins do objetivo neste capítulo, vale registrar que Freud novamente deixa claro que não vai tratar da sublimação.

A partir desse ponto do ensaio, Freud utilizou muitas vezes o significante “atividade” (*Aktivität*), destacando-se o seguinte uso: ao descrever a passagem de uma pulsão da atividade (dirigida para um objeto) para a passividade (retorno da pulsão ao Eu). Logo, ‘atividade’ aqui se articula a uma fase do deslocamento pulsional. É também nesse sentido que o autor afirma que o sadismo consiste em atividade de violência, e que o olhar caracteriza uma atividade dirigida a um objeto alheio (Freud, 1915/1917). Então, tal significante “atividade” (*Aktivität*) é usado para designar o caráter ativo da meta da pulsão, e não a natureza ou magnitude do trabalho envolvido.

Seguindo no texto, após descrever os mecanismos envolvidos nos dois primeiros destinos, Freud lança as bases da teoria lacaniana das relações objetais e, ao final, acentua as três polaridades que dominam a vida psíquica, e das quais os movimentos pulsionais sofrem influência direta ao longo do desenvolvimento e de toda a vida humana: polaridade biológica da atividade-passividade; polaridade econômica, a do prazer-desprazer; e a polaridade real, a do Eu-mundo externo.

Como já foi dito, convém destacar que já aí, ao detalhar as bases das moções das pulsões sexuais, abordando-as a partir das polaridades que dominam a vida psíquica - biológica, econômica e real - fica claro que Freud trata de operações no aparelho psíquico que são

essenciais na constituição do sujeito, e que demarcam a singularidade do humano. Essa noção parece guardar significativa aproximação com a concepção marxista do trabalho enquanto trabalho vivo, que diz respeito única e exclusivamente ao ser humano, segundo o qual nós, humanos, produzimos as condições para a nossa existência a partir da criação e do uso dos meios de trabalho, transformando-nos a nós mesmos e a natureza a nossa volta enquanto trabalhamos. Noção esta, tanto em Freud quanto em Marx, muito anterior e oposta ao que vem a ser posteriormente qualificado como o trabalho capitalista assalariado de ganhar o pão com o suor do próprio rosto, que remete ao trabalho enquanto meio de subsistência e à produção de mercadoria, lógica própria do modo de produção capitalista.

Freud vem a retomar a questão da qualidade pulsional em *O mal-estar na civilização* (Freud, 1930/2020), sendo interessante observar que ao fazê-lo, ou quiçá para fazê-lo, traça uma importante disjunção, justamente em termos do uso do significante ‘trabalho’. Nesse texto, refere-se ao trabalho enquanto exercício de uma profissão, qualificando-o como atividade profissional. Quando aponta a possibilidade de se obter satisfação pulsional por meio do exercício de uma profissão ou de uma atividade, o trabalho passa ao lugar de objeto de investimento libidinal, no que o autor parece fazer uma importante distinção, ao nomeá-lo de outro modo. Reconhece, no exercício de uma atividade profissional, a possibilidade de um valor sublimatório, tanto quanto seu caráter indispensável de afirmação e justificação da existência na sociedade, mas não necessariamente (Freud, 1930/2020).

Nem sempre o trabalho profissional, ou quase nunca, considerando-se sua subordinação ao capital, permite o trabalho psíquico de se fazer existir e comparecer enquanto sujeito do desejo. Voltar-se-á a este ponto mais adiante. Assim, a atividade profissional, o trabalho capitalista assalariado, assumem um caráter outro, que não o de trabalho psíquico (Freud), trabalho de criação e transformação (Marx). Estes, equivalentes enquanto categoria ontológica, dizem de um modo singular de se colocar na vida, de produzir e criar(-se), por meio do

deslocamento das pulsões, diferente do lugar de afirmação social, que remete muito mais ao conceito de identidade, se assim se puder associar.

No texto em questão, Freud também retoma, ainda que brevemente, a questão da sublimação, que ficou em aberto em *A pulsão e seus destinos* (1915). O faz referindo-se aos deslocamentos da pulsão como uma técnica de defesa contra o sofrimento em que é possível deslocar as metas pulsionais e driblar os impedimentos impostos pela civilização. Interessante notar que neste texto, e exatamente no ponto em que discorre sobre a sublimação como uma técnica de vida que pode proporcionar alguma felicidade diante do dilema humano civilizatório, o autor destaca a possibilidade de elevação do ganho de prazer proveniente de determinadas fontes de trabalho, e agora o qualifica - trabalho psíquico e intelectual.

Freud cita o exemplo de artistas e pesquisadores diante de atos de criação - os quais entende-se que somente podem se dar mediante alguma operação psíquica singular, enquanto marca própria de um sujeito. Eis o trabalho vivo para ao qual Marx articulara a possibilidade de manejo do uso e criação dos meios de trabalho. Freud reconhece que esse tipo de atividade profissional, que possibilita atos de criação, possui uma qualidade particular—seu caráter sublimatório—ao tempo em que aponta como sua fraqueza o fato de não ser universalmente aplicável e acessível a poucas pessoas.

Talvez nesse ponto se possa colocar em questão algumas afirmações freudianas. Primeiro, quando parece atribuir a impossibilidade da aplicação universal da sublimação e sua acessibilidade a poucas pessoas, muito mais à inexistência, em proporção eficaz, do que nomeia como predisposições e aptidões individuais especiais, do que ao modo de produção ao qual o trabalho está subordinado na sociedade capitalista. Segundo, quando, ao afirmar sobre uma suposta aversão natural dos seres humanos ao trabalho profissional não coloca em questão suas origens social e histórica; ao contrário, afirma que é dessa aversão que derivam os mais graves problemas sociais (Freud, 1930/2020).

Do ponto de vista de uma dialética psíquico-social, questiona-se: não poderia ser também o contrário? Graves problemas sociais, econômicos e políticos, tipicamente estruturais em termos da sociedade capitalista, da sua divisão social do trabalho e das classes sociais, que podem ser causa de alguma aversão ao trabalho assalariado? Até que ponto ainda se sustenta essa aversão ao trabalho, como pensada por Freud? Poderíamos, em contrário disso, ou em paralelo, pensar em uma exaltação tal ao trabalho assalariado como se fosse ele a única forma de trabalho possível? Poderíamos pensar no amor ao trabalho capitalista como uma patologia que tem como causa o discurso capitalista colonial digital, o próprio modo de produção capitalista?

Ao mesmo tempo, Freud deixa uma pista bastante interessante quando ressalta que a atividade profissional pode proporcionar uma satisfação especial se escolhida livremente, condição essa em que permite, via sublimação, a utilização de inclinações próprias de cada sujeito, e deslocamentos pulsionais de natureza singular.

Ora, retomando a história do trabalho no Brasil, marcada pelas feridas da escravidão até hoje não curadas, às quais somam-se, de um lado, a condição de privilégio de servir face à drástica redução dos postos de trabalho assalariado; de outro, à total precarização das atividades profissionais, não seria difícil, sob outro olhar, a concordância com as afirmativas freudianas quanto ao caráter impossível da sublimação pela atividade profissional e da sua acessibilidade limitada a pouquíssimas e raras categorias profissionais e contextos de trabalho. Quanto à suposta aversão ao trabalhar, é curioso pensar que, ao contrário, em alguns casos, ela parece ter tomado outro rumo, de exaltação ao trabalho produtivista, a partir da lógica do mais-degozar, assumida no discurso capitalista colonial, tal qual será retomado com Lacan e Mendes mais à frente.

Quanto à noção de trabalho passível de se deprender até aqui, a partir da análise de alguns trechos de *As pulsões e seus destinos* e *O mal-estar na civilização*, é possível observar

que se pode tomar o trabalho a partir de uma dimensão ontológica, muito anterior à sua inserção nos modos escravista e capitalista, tomado que é enquanto operações psíquicas a partir das quais o sujeito faz o manejo inconsciente das suas pulsões, e vai marcando um modo singular de funcionar, de existir. Pode-se conceber, ainda, uma dimensão econômica, enquanto trabalho de escoamento, endereçamento, a partir do esforço do psiquismo para lidar com a intensidade das energias pulsionais.

Neste último caso, Freud se referia à uma atividade, uma ação que se exerce sobre algo, portanto, à própria ação de trabalhar em si mesma, enquanto possibilidade de descarga, sem com isso enfatizar a qualidade do trabalho ou a qualidade pulsional (Ventura, 2016). É nesse ponto que se pensa estar articulada a noção de atividade profissional, que nem sempre implica em trabalho psíquico e intelectual, nem sempre se apresenta como possibilidade de sublimação, embora possa, eventualmente, se apresentar como fonte de descarga pulsional, no sentido econômico freudiano.

Quanto ao caráter ontológico do trabalho, é possível constatar Freud qualificando-o de modo mais detalhado, e descrevendo suas operações, em três outros textos: *A Interpretação dos Sonhos* (1900), *Lembrar, Repetir, Perlaborar* (1914) e *Luto e melancolia* (1917). Em cada um deles, a natureza ontológica do trabalho vai sendo marcada de modo bem mais preciso, notadamente quando o autor insiste no uso de prefixos ao significante *arbeit*, possibilitando, portanto, uma radical diferenciação em relação à *arbeiten*—trabalhar enquanto uma ação em si, sem designação sobre sua natureza e à *arbeit professionelle*—trabalho ou atividade profissional.

No texto de 1917, o autor refere-se diretamente, e por diversas vezes, ao trabalho do luto (*Trauerarbeit*), caracterizando-o enquanto operação psíquica que se coloca diante da perda de um objeto amado, seja ele uma pessoa ou um ideal, e que consiste, em linhas gerais, em retirar a libido até então investida ali e deslocá-la para um novo objeto. Freud atesta que, quanto

a isso, se levanta uma notável oposição, posto que não é de bom grado que o sujeito abandona uma posição libidinal, ainda que outro objeto lhe acene como substituto (Freud, 1917/2016). Afinal, é nas relações objetais que muitas vezes o sujeito sustenta pilares da sua existência, fixando-se em dados objetos.

Nota-se que, ao nomear este como trabalho do luto, Freud descarta a possibilidade de considerá-lo um estado patológico e acentua o caráter ontológico dessa experiência de trabalho na arte de viver. Quanto ao que se pode ler como importantes e imprescindíveis condições para que o sujeito do inconsciente possa realizar tal operação, o autor não titubeia em dizer: “ela é cumprida pouco a pouco, com grande dispêndio de tempo e de energia de investimento” (Freud, 1917/2016, p. 101).

Quanto aos mecanismos envolvidos, Freud destaca que a existência do objeto é, de início, psiquicamente prolongada, podendo isto ser observado no fato de que cada uma das lembranças e expectativas, a partir das quais a libido se ligava ao objeto, vai sendo enfocada e superinvestida pelo sujeito, ao mesmo tempo em que é a partir disso que sua dissolução acontece. Ainda sobre as repercussões subjetivas do trabalho do luto, aponta que a inibição e a falta de interesse pelo mundo, que se torna pobre e vazio sem o objeto da libido, se dão por estarem articuladas a este superinvestimento libidinal no objeto perdido.

Em tempo, Freud deixa de lado a pretensão de, com essa descrição do caráter econômico do trabalho psíquico, dar conta de explicar sua natureza “tão extraordinariamente dolorosa”, ao tempo em que reafirma: “esse desprazer doloroso nos parece natural”. E conclui que, como efeito de tal trabalho, o Eu se torna novamente livre e desimpedido libidinalmente (Freud, 1917/2016).

O trabalho do desejo, de Freud à Lacan

Em Lacan, o trabalho do luto toma outra magnitude, à medida em que a perda de um objeto confronta o sujeito com a perda originária, com o recalque, com a falta, constituinte de

todo ser, à qual é tão supostamente tamponada com objetos, de qualquer natureza que eles sejam. Nesse sentido, Lacan radicaliza a função do luto, tomando sua identificação como a matriz da relação de objeto e do acesso, pelo sujeito, a uma posição subjetiva. É a partir do luto do objeto que pode advir a falta, que, por sua vez, faz advir o sujeito como sujeito de uma falta, portanto, sujeito do desejo (Chemama & Vandermersch, 2007).

Depreende-se daí, que o sujeito só pode advir a partir do trabalho do luto, do confronto o Real³, que se coloca a partir dessa falta originária. Trata-se do confronto com o lugar vivo de uma falta, insuportável, inominável, a partir da qual o sujeito responde com uma construção imaginária, isto é:

vai se identificar com alguma coisa que vai representar, para ele, no plano imaginário, essa falta como tal. E o objeto a^4 do desejo, na fórmula do fantasma, é esse correlato do sujeito, esse objeto que sustenta a relação do sujeito com aquilo que ele não é (Chemama & Vandermersch, 2007, pp. 236–237).

O trabalho do luto, como proposto por Freud, coloca-se a partir da perda do que foi colocado no lugar de objeto fálico⁵. Para Lacan, eis o momento da convocação da ordem simbólica: trabalho de simbolização, por meio da fala, que faz surgir a função do objeto a . Ao mesmo tempo, faz-se necessário partir do pressuposto de que “viver um luto é afrontar o problema da representação do que justamente não se rerepresentará nunca mais na realidade” (Chemama & Vandermersch, 2007, p. 237).

³ Na teoria lacaniana, a constituição do sujeito é concebida a partir da noção de três registros: Real, Simbólico e Imaginário. O registro do Real que atravessa e constitui o sujeito diz sobre a experiência com aquilo que o ultrapassa, que é inominável, traumático e deixa uma marca singular, constitutiva.

⁴ Em Lacan, o objeto a é aquele que, em não dando conta de aplacar a falta fundante do sujeito, coloca-se como causa dela e nisso, mobiliza o sujeito para a criação, impulsionando para uma existência.

⁵ Em psicanálise, trata-se daquilo que é visado pelo sujeito como aquilo que falta para suplantarmos um vazio e ser pleno, o falo.

Logo, sempre haverá um resto pulsional, ainda que se possa, de acordo com Freud, encontrar outros objetos de investimento, fazendo-se o trabalho de deslocamento da pulsão e de simbolização. Nessa linha de raciocínio, sob o referencial lacaniano, pode-se tomar o trabalho do luto como simbolização da experiência da perda originária do objeto, que se atualiza continuamente diante dos atravessamentos do Real. Logo, tal trabalho assume, também aqui, caráter ontológico, trazendo à tona a possibilidade de um (re)posicionamento subjetivo. É possível, pois, pensar na simbolização enquanto elaboração da perda do objeto. Então, é oportuno voltar ao Freud.

Em *Lembrar, Repetir, Perlaborar* (1914), logo na primeira página, ele refere-se ao trabalho de interpretação, para dizer de intervenções do analista, que, a partir da narrativa livre do analisando, faz marcações sobre aquilo que este não consegue lembrar e/ou nomear, possibilitando que os elementos não manifestos, seja dos sonhos, dos atos falhos ou do discurso do sujeito, possam ser elaborados. Com Lacan e sua proposição do inconsciente estruturado como uma linguagem, o analista, para introduzir o analisando na linguagem do inconsciente, do desejo, destaca o caráter polissêmico do que é dito, e a interpretação enfatiza a abertura a novas significações, ao tempo em que permite virem à tona os significantes (repetidamente) presentes na história do sujeito (Chemama & Vandermersch, 2007).

Ainda em *Lembrar, Repetir, Perlaborar* (1914), faz-interessante marcar a referência freudiana ao que foi nomeado como o “trabalho de lembrar”, realizado no percurso de uma análise, por meio da neurose de transferência. Em tal empreitada, a partir da interpretação do analista, vai sendo possível ao sujeito deslizar entre repetição e perlaboração, esta última também descrita por Freud como um trabalho feito pelo sujeito, nos (des)caminhos de uma experiência analítica. Pode ser tomada então, a perlaboração (*Durcharbeitung*)—considerando-se o *Arbeiten*, acompanhado do prefixo *Durch*—como o “trabalho que se pode fazer através de”, no caso, atravessado pela interpretação. Chemama e Vandermersch (2007, p.

292) a definem como “Trabalho, muitas vezes longo e silencioso, pelo qual a interpretação abre seu caminho, apesar da resistência”. Eis uma pista do trabalho entre analista e sujeito, que se dá na relação transferencial.

Cabe pontuar, ainda sobre a particularidade do trabalho de interpretação feito pelo analista, sua dimensão singularmente marcada pelo que nomeamos aqui como “trabalho vivo do inconsciente”: “A interpretação não é uma intervenção refletida, nem calculada; a interpretação é um nome que se dá sem se saber demais e, ao dá-lo, realiza-se um salto.” (Nasio, 1993, p. 53). Pode-se pensar nesse salto como sendo a possibilidade do trabalho de perlaboração pelo sujeito, por meio do qual se torna possível “fazer as pazes com o recalcado” (Freud, 1914/2017, p. 157). Parece ser esse um ponto que marca diferença entre o trabalho de elaboração (*bearbeiten* ou *verarbeiten*) e o trabalho de perlaboração (*Durcharbeitung*), que fica mais claro quando se retoma à seguinte passagem do autor:

Precisamos dar tempo ao paciente para que ele se aprofunde na resistência que até então lhe era desconhecida, para *perlaborá-la*, superá-la, na medida em que ele, a ela resistindo, continua o *trabalho* de acordo com a regra fundamental. Só no ponto mais alto deste *trabalho* é que, em conjunto com o analisando, iremos descobrir as moções pulsionais recalçadas, que alimentam as resistências e de cuja existência e poder o paciente se convencerá através dessa vivência (Freud, 1914/2016, p. 161), grifo nosso.

Observa-se que Freud faz todo um esforço insistindo na caracterização da perlaboração como trabalho psíquico de superação das resistências, realizado pelo analisando no percurso de uma análise. Nessa perspectiva, tanto Laplanche e Pontalis (1991), quanto Chemama e Vandermersch (2007), a definem como “trabalho do tratamento”. Interessante ainda notar que em *Durcharbeitern*, o prefixo *Durch*, que é equivalente a “através”, em português, junto ao verbo alemão *arbeiten*, descreve um trabalho que se dá “através de”, no caso, atravessado pela experiência de uma análise.

Por sua vez, o significante ‘elaboração’ assume especificidades outras, às quais Freud inclusive fez questão de marcar, usando expressões diferentes do alemão, que não encontram correspondência direta no português. Em *Introdução ao Narcisismo* (1914/2011), ao tratar do funcionamento do aparelho psíquico e dos seus investimentos libidinais, muitas vezes usa *Verarbeitung*, *Ausarbeitung* e *Aufarbeitung* para indicar o trabalho espontâneo, se assim for possível qualificá-lo, e ao mesmo tempo sempre insuficiente, fazendo-se uma leitura lacaniana: do aparelho psíquico para dominar as excitações no seu interior. Trata-se, pois, do trabalho psíquico que consiste em investidas de integração das excitações no psiquismo, mediante a transformação do volume de energia disponível, derivando-a ou ligando-a.

Encontra-se o uso do significante “elaboração” qualificado como um trabalho de outra natureza em 1900, em *A interpretação dos Sonhos*. Nesta obra-marco, quando ainda estava em vigor a sua primeira tópica do aparelho psíquico, Freud debruçara-se em descrever e caracterizar o que chamara de “trabalho do sonho” (*Traumarbeit*), que tem como um de seus matizes a elaboração secundária (*Bearbeitung*). Interessante que no alemão, o uso do sufixo *Be* transforma o verbo *arbeiten* em transitivo direto; logo, implica em realizar o trabalho em algo ou em alguém; outro entendimento é de que o trabalho será feito em algo que já foi produzido antes, tal como se trabalha em um texto para corrigi-lo, e não para de criá-lo. Por vezes, também pode ter o sentido de um trabalho tal que se faz sobre algo que já existe, que altera a sua essência.

Assim é que a elaboração secundária se constitui como trabalho psíquico que acontece num segundo momento, posterior ao trabalho do sonho, sendo efeito da censura, que altera o conteúdo latente do sonho, de modo a dotá-lo de coerência e inteligibilidade (Freud, 1900/2019).

Nesses termos, o sonho é tomado como uma produção psíquica que implica uma deformação, a qual permite a dissimulação dos afetos e cifragem do desejo inconsciente

(Chemama & Vandermersch, 2007). Só pode haver sonho, se houver trabalho psíquico enquanto ação transformadora, cabendo marcar que fica claro na teoria freudiana dos sonhos, o caráter singular dessa transformação operada por cada sujeito. E o sonho constitui-se, pois, numa via de acesso privilegiada ao inconsciente.

Freud ocupou-se em detalhar o trabalho psíquico que é realizado na formação do sonho, apontando duas operações principais: a produção dos pensamentos do sonho e a sua transformação em conteúdo manifesto do sonho. O trabalho do sonho, estritamente, está concentrado nessa segunda operação, sendo que o autor se dedicou em compreender os mecanismos pelos quais essa transformação acontece, tendo chegado a quatro, nomeados como: a) trabalho de condensação; b) trabalho de deslocamento; c) consideração da figurabilidade; e d) elaboração secundária, sendo que deu lugar particularmente relevante aos dois primeiros, os quais serão discutidos a seguir.

A condensação reflete a finalidade do trabalho do sonho, qual seja a de formar uma imagem única e coerente. Logo, o conteúdo latente é condensado em conteúdo manifesto; o sonho em si, como atesta Freud, a partir das análises realizadas em *A interpretação dos Sonhos* (1900), é conciso, lacônico, ao passo que os pensamentos que advêm com a narrativa do sonho alcançam maior magnitude, e na experiência analítica, com a interpretação, como proposta pela psicanálise lacaniana, permitem o trabalho da perelaboração. Convém pontuar que a condensação não se traduz por uma síntese ou resumo, considerando-se que se cada elemento manifesto é determinado por várias significações latentes, no sentido inverso, tem-se que cada uma destas pode encontrar-se em vários elementos. Além disso, tomando-se um elemento manifesto de um mesmo relato, ele não representa cada uma das significações de que deriva.

Chamou-nos atenção a consideração feita por Chemama e Vandermersch (2007), quanto ao caráter criativo do trabalho de condensação, à medida em que não apenas concentra pensamentos esparsos do sonho, mas cria compromissos e meios-terminos entre as diversas séries

de representações e pensamentos. Nesse sentido, os autores destacam seu caráter ambivalente, porque se de um lado parece bastante apropriado para driblar a censura e fazer emergir o desejo inconsciente, por outro, torna mais difícil a leitura do relato manifesto do sonho. Importante ressaltar ainda que a condensação, conforme reconhecida pelo próprio Freud, reflete uma operação típica do trabalho do inconsciente, sobretudo em termos da dimensão econômica do aparelho psíquico, e se faz presente também em outras das suas manifestações.

Em Lacan, a condensação comparece como “superimposição de significantes”, com mecanismo que se aproxima ao da metáfora (Chemama & Vandermersch, 2007), naquilo que esta remete à transferência de uma denominação, havendo uma substituição, mas sem que o significante supostamente ocultado se faça ausente, já que permanece presente por sua conexão na cadeia de significantes.

O trabalho do deslocamento, por sua vez, também está diretamente articulado à dimensão econômica do aparelho psíquico, e consiste no mecanismo pelo qual uma quantidade de afetos se desprende da representação inconsciente a qual está ligada, movimentando-se para se ligar a outra representação, que somente tem com a precedente laços associativos pouco intensos ou mesmo contingentes. Segundo descreve Freud em termos do trabalho do sonho, é por esse mecanismo que o conteúdo manifesto do sonho se afasta dos pensamentos latentes dele advindos e, então, é assim que o sonho opera a deformação do desejo inconsciente. Na perspectiva lacaniana, em que o inconsciente se estrutura como linguagem, o deslocamento aproxima-se da metonímia, sendo por meio da sucessiva fragmentação que comparece nas palavras recortadas pela via da linguagem, que o desejo vai sendo encoberto e ao mesmo tempo se colocando.

Freud insiste em marcar que a essência do sonho consiste no trabalho realizado na sua formação, não no seu conteúdo, nem mesmo o latente. Dá pistas de quão importante se faz para o sujeito, tal trabalho, o de sonhar; não o qualifica como criador, ressaltando seu caráter

transformador. Não é criador, porque o desejo já está posto, é anterior; mas considerando-se o recalque, o trabalho do sonho implica numa produção psíquica singular e enigmática de cifragem do desejo.

Pode-se depreender, do caminho teórico percorrido até aqui, que a noção de trabalho na Psicanálise, tomando-se por referência alguns dos textos do seu fundador, comparece frequentemente articulada à noção de pulsão, à qual Lacan confere lugar entre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. É a pulsão, que em gerando dentro do aparelho psíquico excitações, faz uma exigência de trabalho, qual seja: o de lidar com o excesso pulsional, encontrando caminhos para sua ligação e escoamento. Eis que se está diante do trabalho psíquico originário de buscar objetos de satisfação libidinal.

A este trabalho, Freud nomeou como *Verarbeitung*, que se traduz como o trabalho de elaboração, entendendo-a enquanto mecanismo primeiro, que se coloca para o sujeito desde os primórdios da infância, ainda no bebê. Nesse caminho de busca por diminuição das excitações no interior do aparelho psíquico, o sujeito vai se confrontar com o recalque, com a castração, a sua e a do Outro. Eis que surge o luto originário, que vai se atualizar a cada perda objetual ao longo da vida, fazendo ao psiquismo a exigência do trabalho de luto, de deslocamento da energia libidinal do objeto perdido.

Nesse movimento de destinos para as pulsões, considerando-se o recalque imposto pela entrada na civilização e na linguagem, o inconsciente trabalha na cifração do desejo, e um dos caminhos é a sua transformação por meio do trabalho do sonho, da produção de atos falhos, chistes, do sintoma e tantas outras manifestações do inconsciente, que se coloca também por meio da repetição dos significantes que marcam a história do sujeito. Ver-se, dentro dessa lógica psicanalítica, que o trabalho se traduz enquanto trabalho psíquico, enquanto operações psíquicas inconscientes. Faz-se interessante registrar que Freud vai, ao longo da sua obra, fazendo uso recorrente de diferentes prefixos junto ao verbo *arbeiten* (trabalhar), e assim insiste

em qualificar a natureza de diferentes processos psíquicos, atribuindo-lhes valor conceitual decisivo na sua teorização.

O fundador da Psicanálise assinala com a possibilidade de um dos destinos das pulsões ser o trabalho profissional, especificamente, ao mencionar o processo sublimatório. Logo, demarca com clareza o lugar possível do trabalho assalariado, deixando posto que este pode ser de fundamental relevância na vida psíquica, à medida em que for possível deslocar para ele uma porção volumosa de componentes libidinais. Ao mesmo tempo, já circunscreve seus limites e as barreiras colocadas pelas condições sociais, ao assinalar que tal satisfação libidinal somente se faz possível quando a escolha da atividade profissional pode ser feita livremente.

Então, o autor destaca que é somente nessa condição que o trabalho profissional permitirá ao sujeito fazer uso das suas inclinações, do seu modo de funcionar subjetivo, colocando neste trabalho aquilo que é da ordem da singularidade. É só assim que o trabalho profissional pode se aproximar do trabalho psíquico tal como postulado na psicanálise, enquanto trabalho do desejo, do inconsciente, de transformação, tal qual acontece, por exemplo, no trabalho do sonho, na perlaboração, enfim, no trabalho de se fazer existir.

Poderia também, o trabalho profissional, considerando a impossibilidade de um objeto completo e da satisfação libidinal absoluta, e o atravessamento do real que nele comparece, ser um lugar possível de realização do trabalho do luto. Entretanto, ao contrário: a demanda que se coloca aos trabalhadores é de um sujeito onipotente, que tudo sabe, para cujas realizações não existem fronteiras e nem limites. Ao mesmo tempo, um sujeito sem voz e sem fala, submetido ao trabalho morto, já que o desejo não pode comparecer e não há espaço para o improvisado, a criação, para a ex-istência.

Constituição do sujeito e Circuito da Pulsão Invocante

Tendo-se pensado o trabalho em Freud e Lacan tomando-se por referência a noção marxista do trabalho enquanto categoria ontológica, trabalho vivo, pôde-se chegar à construção

de que só há trabalho, se o sujeito puder comparecer enquanto sujeito do inconsciente, que se constitui a partir da linguagem, portanto, de um lugar de fala, de elaboração, de criação, de trabalho psíquico. Nesse caminho, cabe questionar: qual a função da fala na constituição e na existência do sujeito? Como pensar os modos de subjetivação no contexto do trabalho assalariado?

Partindo de tais questões, fez-se mais uma revisão sistemática integrativa. Em junho de 2021, foram levantados estudos nas bases de dados eletrônicas BVS-Psi, SciELO e CAPES, utilizando-se “Pulsão” (AND) “Invocante” AND “Trabalho”. Apenas cinco estudos foram encontrados. Seguiu-se pesquisando “Pulsão” AND “Invocante”, e surgiram 22 publicações. Fez-se uma leitura prévia dos resumos, e considerando-se os constructos abordados e os objetivos de cada publicação, foram mantidos cinco e 18 trabalhos, respectivamente.

As 23 publicações foram mais uma vez avaliadas, adotando como critérios de inclusão: a) artigos contendo os termos “Pulsão invocante” no título ou corpo do texto; b) publicados em periódicos com revisão cega de pares; c) disponibilizados virtualmente de modo integral. Considerando esses critérios, selecionaram-se 22. Excluíram-se: a) dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso, livros, capítulos de livro, resenhas, editoriais; b) artigos em duplicidade. A aplicação de tais critérios excluiu 12 artigos, e o conjunto final de textos analisados foi de dez publicações.

Destes, constatou-se que: a) quanto ao ano de publicação, nos últimos cinco anos foram publicados somente cinco estudos; o mais antigo em 2009 e o mais recente em 2021; b) quanto à natureza do estudo, mais da metade é exclusivamente teórico (07), sendo que os outros três partem do relato de uma experiência ou de um caso, para propor hipóteses teóricas. Quanto às questões abordadas, seis artigos tratam a questão da música e/ou da musicalidade, sendo que: a) um deles aborda a articulação entre música e psicanálise a partir de uma dada obra musical; b) outros quatro tratam da função na musicalidade na constituição do sujeito e nos rearranjos

psíquicos possíveis ao longo da vida; c) o último faz uma análise do uso de oficinas de música na clínica das psicoses. Por fim, foram quatro publicações que abordaram diretamente a questão da pulsão invocante, tomando a voz como objeto pulsional e analisando o percurso de invocação do sujeito. Destes, três artigos partiram da enigmática questão do autismo, para pensar acerca dos caminhos e descaminhos dessa invocação, bem como as possibilidades de tratamento.

Observando-se, pois, ser a questão do circuito da pulsão invocante pouco estudada, mesmo entre os psicanalistas, e muito menos ainda no contexto do adoecimento no trabalho, propõe-se aqui, retomá-la a partir das construções freudianas e lacanianas e das proposições de Vivès (2009a, 2009b, 2013, 2018a, 2018b, 2019, 2020).

Retomando a noção de pulsão em Freud, interessante destacar que ele a articula a outros quatro conceitos: pressão, meta, objeto e fonte da pulsão (Freud, 1915/2017). É a partir deles que fica mais clara a noção de circuito da pulsão, no qual a pressão traduz a força da pulsão, seu caráter impelente e de incessante atividade, que assim se coloca porque a meta de toda pulsão é sempre a satisfação, a fim de restabelecer a homeostase no organismo. Nesse circuito de busca da satisfação, as pulsões podem tomar diferentes caminhos, sempre mantendo o mesmo alvo, mas com a possibilidade de elegerem diferentes objetos por meios dos quais visam alcançar a meta.

Ao contrário da meta, que se mantém sempre a mesma, os objetos são o que há de mais variável na pulsão, podendo ser substituídos incontáveis vezes, o que não descarta a possibilidade de ligações mais estreitas com dados objetos, caracterizando o que Freud (1915/2017) nomeou como “fixação”. Por sua vez, como fonte da pulsão, tem-se o processo somático de origem no corpo ou em uma parte dele, cujo estímulo tem uma representação em termos psíquicos.

No *Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan parte dessa noção da variabilidade dos objetos para estabelecer a proposição do objeto *a*, objeto para sempre perdido, de modo que o encontro com o objeto é, então, sempre o encontro com a presença de um cavo, de um vazio (Lacan, 1964/1998), colocando, portanto, o sujeito diante do trabalho do luto e da simbolização, pois que é da natureza do objeto pulsional nunca estar à altura da expectativa de satisfação (Chemama & Vandermersch, 2007). Ao contrário da atividade da pulsão, que busca incessantemente a satisfação, atuando como uma força diante da qual não há fuga possível, no trabalho de advir, a constituição do sujeito e da subjetividade somente pode dar-se a partir daquilo que se ergue como impossibilidade, como falta, por meio da qual é possível adentrar a “corrida desejante”. (Vivès, 2009b, p. 333).

Nesse caminho, a leitura lacaniana das pulsões e seus destinos marca o alvo pulsional como impossível de ser alcançado diretamente, e, nestes termos, descreve o circuito da pulsão como uma cadeia de anéis em torno dos objetos, de modo que ela sempre retorna ao seu ponto de origem, reativando sua fonte e iniciando um novo trajeto. Como assinala Lacan no *Seminário 11*, especificamente ao tratar da desmontagem da pulsão: “ela não tem subida nem decida, ela é uma força constante”. (Lacan, 1964/1998, p. 157).

Voltando à Freud, ele nomeia como zonas erógenas, fonte das pulsões, os órgãos do corpo, que fazem uma exigência de satisfação pulsional ao psiquismo, e que assim sendo, elegem objetos de satisfação. Os primeiros são justamente o seio materno e as fezes (Freud, 1940/2018). Assim, Freud destaca o seio da mãe como o primeiro objeto erótico da criança, por meio do qual ela busca a satisfação da pulsão oral. Lacan acrescenta ao campo pulsional a pulsão escópica e a pulsão invocante, às quais tem como objeto o olhar e a voz, respectivamente; com isto, parece que Lacan permite distinguir de modo radical o que é da ordem da necessidade e o que é da ordem pulsional.

O movimento de busca pela satisfação pulsional está num registro absolutamente descolado da necessidade, muito além; sendo, a partir deste vai e vem do movimento pulsional, que o sujeito pode nascer com o significante que lhe é atribuído pelo Outro. Se assim for possível dizer, é da conjunção do sujeito, no campo da pulsão, com o sujeito que se evoca no campo do Outro, que pode advir o fala-ser, sujeito da linguagem, da fala, portanto, do desejo. Tal pressuposto, vale registrar, demarca o atravessamento inegável da dimensão social na constituição subjetiva, segundo os pressupostos psicanalíticos.

Já em Freud (1915/2017), tem-se uma primeira descrição do circuito da pulsão do olhar:

- a) a partir da excitação que se traduz no corpo, a criança dirige o olhar para um objeto: atividade do olhar;
- b) por um movimento de reversão da pulsão para a passividade, opera-se o abandono do objeto e o retorno da pulsão do olhar para uma parte do próprio corpo, e então, tem-se uma nova meta: ser visto;
- c) por fim, adentra no circuito um terceiro sujeito (a mãe, o cuidador), a quem a criança se mostra. Interessante retomar algumas observações do autor quando destaca que a pulsão do olhar é autoerótica no início da sua atividade, posto que no início fase *a*, o objeto é encontrado no próprio corpo, antes que se dirija, posteriormente, a um objeto externo (corpo da mãe).

Além disso, Freud ressalta que a reversão da pulsão de atividade em passividade nunca dá conta de toda a moção pulsional, logo, tais fases coexistem lado a lado. A fim de descaracterizar qualquer sequência linear do desenvolvimento pulsional, Freud acentua:

Podemos decompor a vida de cada pulsão em ondas singulares, cronologicamente isoladas, sendo cada uma delas homogênea no interior de um período de tempo, seja qual for sua duração, e que se comportam entre si de modo comparável a *sucessivas erupções de lava*. Podemos, então, de certo modo, imaginar que a primeira e mais

original erupção pulsional prosiga de forma imutável, sem experimentar nenhum tipo de desenvolvimento. Uma *onda* posterior experimentaria, desde o início, uma alteração, tal como a passagem para a passividade, juntando-se com esse novo caráter à erupção anterior, e assim por diante. Se olharmos de forma global a moção pulsional, desde seu início até certo ponto, a *sucessão de ondas* descritas deve nos fornecer a *imagem de um claro desenvolvimento da pulsão* (Freud, 1915/2017, pp. 44–45).

Vale registrar, ser partindo daí que Lacan chega à articulação entre a circularidade da pulsão e o campo do Outro, pois que retomando o circuito da pulsão nomeada por ele como escópica, radicaliza a ênfase na fase “c”, bem como na consideração freudiana de que o olhar autoerótico inicial não é dirigido para outra parte do corpo senão para o órgão sexual. Concentra, então, a atividade da pulsão do olhar em “se fazer ver”, ali. Funda, assim, o que se pode tomar como nascimento do sujeito, a partir do campo do Outro, fazendo uma provocação: “De algum modo, como o número dois se regozija com seu ímpar, o sexo ou o brinquinho, se regozija com o ser olhado. Quem jamais pôde sacar o caráter verdadeiramente subjetivável dum sentimento desses?” (Lacan, 1964/1998, p. 184). Interessante registrar, ainda, como ficará perceptível mais adiante, que Lacan reveste a questão colocada por Freud acerca da passividade desta fase do “se fazer ver”, ressaltando que o próprio Freud não estaria, senão, a dar ênfase ao movimento de vai e vem da pulsão, e que, portanto, há quase nada de passivo em tal movimento.

Então, Lacan, na sua teorização, propõe uma topologia da constituição do sujeito. Para tanto, evoca como elemento-chave a questão do inconsciente estruturado como uma linguagem, cuja articulação com o circuito das pulsões parece imprescindível. No seu estilo sarcástico e provocativo, diz ser preciso que vá, depressa, fechar os buracos que Freud deixou abertos em sua enumeração das pulsões. Assim, acrescenta ao desenvolvimento pulsional a noção da

pulsão invocante: “Depois de *se fazer ver*, trarei um outro, o *se fazer ouvir*, de que Freud nem mesmo nos fala”. (Lacan, 1964/1998, p. 184). A esta, como será visto, articula diretamente o movimento de subjetivação: o nascimento do sujeito.

Lacan faz ainda uma demarcação que será relevante no escopo deste projeto de tese, qual seja, a de qualificar a pulsão invocante como aquela que tem o privilégio de não poder se fechar:

Os ouvidos são, no campo do inconsciente, o único orifício que não se pode fechar. Enquanto que o *se fazer ver* se indica por uma flecha que verdadeiramente retorna para o sujeito, o *se fazer ouvir* vai para o outro. (Lacan, 1964/1998, p. 184).

É com essa releitura do circuito da pulsão escópica, e com o acréscimo da pulsão invocante, que Lacan enfatiza a articulação entre o nascimento do sujeito: sua subjetivação, a linguagem e o campo do Outro. E continua:

Se o sujeito é o que lhes ensino, a saber, o sujeito determinado pela linguagem e pela fala, isto quer dizer que o sujeito, *in initio*, começa no lugar do Outro, no que é lá que surge o primeiro significante. (Lacan, 1964/1998, p. 187).

Daqui se pode depreender que é marcado pela linguagem, por um significante primeiro (S1 – significante mestre), por um nome, um lugar que lhe é atribuído pelo Outro, que supõe um-sujeito-que-pode-advir (Vivès, 2020), e ainda pelo movimento de apelo (“se fazer ver” e “se fazer ouvir”), que a constituição subjetiva pode se fazer, que o sujeito pode nascer para além da dimensão biológica, em uma dimensão psíquica e humana. Eis o vai e vem da atividade da pulsão escópica—“se fazer ver”, e da atividade da pulsão invocante—“se fazer ouvir”.

Nesse circuito, Lacan sinaliza e aponta para o que se chamará aqui de ambiguidade da natureza desse significante primeiro, o Significante-mestre (S1). Dada a marca que ele traz em si, naquilo que se articula ao nascimento do sujeito, sem o qual não é possível vir a ser, é ali também que o sujeito tende a se coagular, se fixar, e ao mesmo tempo congelar as

possibilidades de circular na cadeia dos significantes. “O sujeito nasce no que, no campo do Outro, surge o significante. Mas por este fato mesmo, isto - que antes não era nada senão sujeito por vir - se coagula no significante”. (Lacan, 1964/1998, p. 197). Talvez se possa pensar que o medo de voltar à condição primeira de não ser nada, faz com que o sujeito, não obstante constituído como tal, insista na fixação no significante, na repetição, ainda que isso implique no seu aprisionamento. Ainda sobre o campo do Outro, a mediação da linguagem e o nascimento do sujeito, acentuando seu caráter ambíguo, tem-se que:

O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito da significação. Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, *petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito* [grifo nosso]. (Lacan, 1964/1998, p. 197).

Sobre o significante, Lacan insiste em situá-lo em contrário ao signo. Enquanto este se concentra em torno de um nó, posto que representa algo para alguém, este algo pode ser tomado por qualquer um; o significante, ao contrário, é o que representa um significante para outro significante (Lacan, 1964/1998), sustentando-se, pois, a partir de um recorte da ordem da singularidade, se assim se pode dizer. Partindo daí, situa-se o significante como “elemento do discurso, situável tanto no nível do consciente quanto do inconsciente, que representa e determina o sujeito”. (Chemama & Vandermersch, 2007, p. 346).

Tal representação e determinação implicam que o sujeito é mergulhado em um banho de linguagem, e nisso pode advir em termos de dimensão subjetiva, como fala-ser, ao mesmo tempo em que, se essa linguagem lhe é preexistente, ele será tomado por ela e terá que se haver com uma estrutura em seu conjunto, que comparece enquanto discurso do Outro. Nesse discurso se exprimem a demanda e o desejo do Outro em relação a ele, e assim sendo, o sujeito também ocupa o lugar de objeto (Chemama & Vandermersch, 2007).

Interessante esse “também ocupa o lugar de objeto”, porque há nesse percurso um aspecto relevante, que remete a uma relação, que se diria, dialética ou mesmo paradoxal. Esse Outro, com “O” maiúsculo, só pode se constituir como tal à medida em que o sujeito lhe dirige, lhe endereça também uma demanda; é desse endereçamento que se constitui seu poder e influência sobre o próprio sujeito. Em uma perspectiva clínica, essa perspectiva terá implicações sobremaneira relevantes.

Nesse caminho de constituição subjetiva pela via da linguagem e do campo do Outro, cabe frisar a articulação com aquilo que Lacan nomeou como o “campo do simbólico”. Segundo Chemama e Vandermersch (2007, p. 348), trata-se de “função complexa e latente que envolve toda *atividade humana* [grifo nosso], comportando uma parte consciente e outra inconsciente, ligadas à função da linguagem e, mais especialmente, à do significante”. Questiona-se, aqui, diante do que fora exposto no capítulo anterior, se não seria mais oportuno dizer de uma função complexa, que implica necessariamente em trabalho, trabalho psíquico, trabalho de simbolização.

Em todo o caso, cabe destacar, então, que na teoria lacaniana da constituição do sujeito, é esse campo do simbólico, enquanto campo da palavra, que marca a singularidade do humano e determina as formas do vínculo social: “O simbólico faz do homem um animal fala-ser” (Chemama & Vandermersch, 2007, p. 348).

Essa marca da singularidade do humano enquanto fala-ser, e enquanto sujeito do inconsciente, comparece de forma clara em Lacan, quando, partindo de Freud, ele radicaliza a diferença entre necessidade e desejo, portanto, descartando qualquer chance de pensar a pulsão a partir de uma dimensão biológica, e assim o faz à medida em que introduz o conceito de demanda, que se articula diretamente às categorias conceituais de significante e simbólico.

A demanda se constitui, pois, enquanto desejo do Outro, que incide sobre o sujeito, e que se coloca como tal, muito antes da concepção do bebê, pela via dos significantes, que são

significantes da demanda, os quais vão constituindo, desde antes, o sujeito do inconsciente, e podem ser ilustrados, por exemplo, nas falas ditas ou pensadas nesse anterior à concepção biológica, às quais se somam “a constelação dos significantes que veiculam os desejos, conscientes e inconscientes dos Outros parentais” (Chemama & Vandermersch, 2007, p. 71).

Eis a alienação simbólica, traduzida pela via da linguagem, do discurso do Outro, que determina e congela o sujeito, ao mesmo tempo em que opera um chamado a partir do qual ele pode advir. Nesse sentido, como já ressaltado, o sujeito nasce a partir da demanda que comparece no discurso do Outro, sendo que este também só se constitui como tal na medida em que o sujeito, para advir, lhe faz uma demanda de reconhecimento. Então, é partir do conceito de demanda, conforme proposto na teoria lacaniana, que o desejo se distingue radicalmente da necessidade, marcando a dimensão da subjetividade, que caracteriza e distingue o ser humano em relação aos outros animais.

Por sua vez, nesse caminho, é possível dizer que é a partir do desejo ou pelo desejo que o trabalho, enquanto categoria ontológica, se distingue drasticamente da atividade articulada que está à demanda do Outro. Talvez se possa pensar, a partir desse pressuposto teórico, uma leitura outra acerca da evidente articulação no Brasil, entre trabalho assalariado, adoecimento e violência, concebendo que, inserido no modo de produção capitalista, associado à marca da escravidão e ao colonialismo que ainda são muito presentes, o trabalho assalariado se coloca tão somente como atividade, demandando do sujeito trabalhador, objetificado que é, aquilo que é da ordem do absoluto, do sempre mais, do insaciável, e por que não dizer, da pulsão de morte.

Retomando a noção do circuito pulsional e do campo do Outro, sem o qual o sujeito não pode advir, Lacan funda um outro conceito fundamental, imprescindível no escopo deste projeto de tese: a falta. Nessa construção lógica, a falta se coloca como condição do ser falante. Aqui é importante lembrar do curioso fato de que um fio de vida só pode efetivamente se sustentar se houver um corte entre mãe e bebê (o corte umbilical), uma perda, que se materializa

numa perda no corpo, a da placenta, como colocou Lacan no *Seminário 11*, e, por fim, uma separação. Assim, na topologia lacaniana, a constituição do sujeito se dá na e a partir da incompletude, a partir de quando não há mais simbiose, quando pode então se instaurar uma demanda; e se há trabalho de luto, o desejo.

A título de ilustração, pode-se asseverar que é a alternância presença-ausência da função materna que, frustrando o bebê da presença do primeiro objeto pulsional, o seio, abre o lugar da falta e faz o bebê lançar seu apelo ao Outro, e a partir daí há o confronto com a falta simbólica. Logo, a constituição do sujeito passa pelo trabalho do luto em relação ao objeto perdido, pelo trabalho de simbolização da falta estruturante, a partir do que se mantém o lugar da “falta-a-ser” do sujeito, que abre espaço, então, para o desejo. Se é assim, faz-se oportuno destacar que ali onde a demanda é sempre atendida, onde impera a completude, não pode advir a falta, logo, não haverá desejo, e o sujeito não aparece, se coisifica, se faz única e exclusivamente objeto.

E o que pode promover essa ausência-presença da função materna? Um terceiro, a presença do Nome-do-Pai. “O Nome-do-Pai é aquilo que, por meio do interdito do incesto, tem autoridade, à medida que dele depende a instalação ordenada do significante fálico, como recalado, dessa forma indo o Nome-do-Pai aumentar a função simbólica, no lugar do Outro”. (Chemama & Vandermersch, 2007, p. 71). Vale registrar que essa ordem simbólica, que estabelece o interdito, o recalque, o limite, comparece por meio da sobredeterminação significante da linguagem, portanto, independente do sujeito, instalando a Lei, sob a qual ele a que se submeter. Então, pode-se acrescentar que a constituição subjetiva não pode se dar sem a presença da Lei, portanto, da castração, do limite.

Retomando a noção de circuito a partir do Freud, com as fases da pulsão do olhar, passando por Lacan, com tempo do “fazer-se ver”, pode-se constatar o quão imprescindível é, para a constituição do sujeito, o “ser olhado” e o “se fazer olhar”, oferecendo a si, ao seu corpo,

como objeto de investimento pulsional. Nisso, o bebê pode constatar o prazer, o gozo desencadeado no Outro primordial, quando este reage com alegria, surpresa, riso, e eis que ele se engata, então, no circuito pulsional, formulando ali o que Freud, em *Projeto para uma Psicologia científica* (1895/1996), chamou de traços mnêmicos de representação do desejo.

Não obstante, é por que a mãe faz, em algum momento, uma interrupção desse gozo, e diz ao bebê que “pare” (e isso só pode se dar pela presença simbólica de um terceiro), reconhecendo-se como marcada pela castração, pela falta e submetida à Lei, que é possível a inscrição do sujeito nessa mesma ordem. Interessante que a lembrança de observações e vivências cotidianas remetem à constatação de que, às vezes, nesse jogo pulsional, não é incomum que bebês experimentem uma excitação tão intensa, riem tanto, que alguns parecem se engasgar, perder o fôlego. E sem fôlego não há como viver. É tanta excitação, tanto gozo, que pode levar à morte, no que a mãe diz “pare”, e cessa o jogo, instaurando a Lei, a falta, que permite ao bebê ir se constituindo como sujeito no e a partir do Campo do Outro, à medida em que adentra à corrida desejante.

A partir desse entendimento, questiona-se: e em se tratando da pulsão invocante, como as operações psíquicas se dão? Qual a natureza do jogo pulsional que se dá entre o bebê e o Outro primordial? Segue-se com um breve estudo do circuito da pulsão invocante e das operações psíquicas que lhe são características, sem as quais o sujeito não pode advir.

Circuito da pulsão invocante e trabalho de ensurdecimento

Como ficou evidente no levantamento, são raros os estudos que têm o circuito da pulsão invocante e sua relevância na constituição do sujeito como objeto de investigação e teorização. O próprio Lacan abordou essa questão diretamente tão somente em dois dos seus seminários: *Seminário 10 – A angústia* e *Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

Encontra-se em Vivès (2009a) ênfase no aprofundamento dos estudos sobre a voz como objeto pulsional, no que o autor vem afirmar que “o sujeito nasce com a voz do Outro” (p. 329),

e propõe, então, pensar o processo de subjetivação na sua articulação com o circuito da pulsão invocante. Tal como Lacan partiu da pulsão do olhar freudiana, nas suas fases “a”, “b” e “c”, para introduzir a pulsão invocante, radicalizando a fórmula do “se fazer ver”, “se fazer ouvir”, para pensar a constituição do sujeito no campo do Outro. Vivès volta à pulsão do olhar em Freud, e a partir da formulação lacaniana, propõe com mais clareza três tempos do circuito da pulsão invocante, dando ênfase ao caráter de chamamento e endereçamento que sustenta os tempos desse circuito, demonstrando seu vaivém a partir da relação mãe-bebê. Vai ainda mais além, ao pensar este circuito na relação analista-analisando, fazendo proposições acerca de suas consequências éticas e clínicas.

Tomando-se a voz como objeto pulsional, representando o campo do Outro, ela traz também consigo o caráter ambivalente que marca esse campo, em se tratando de constituição subjetiva. De um lado é invocação, é chamamento, que permite ao sujeito advir; de outro, em se colocando como objeto *a*, a voz faz esse chamamento, também o faz enquanto apelo incondicional à preservação do estado de indiferenciação, tal qual se dá, se assim for possível pensar, enquanto o bebê está no ventre, onde reina uma plenitude adormecida, refletida num estado de homeostase tal que se traduz como gozo pleno. É essa, conforme Vivès (2009b, p. 333), “a dimensão real da voz, sem as amarras simbólicas”, que ganham representação, segundo o autor, no grunhido mortífero das sereias, sem linguagem, sem palavras, portanto, sem simbolização. E já como visto, a marca distintiva do humano se faz pelo mergulho na linguagem, no significante; do contrário, não há interdito, não há recalque, não há Lei, imperando um gozo mortífero, mortificante.

Ao grunhido das sereias, no mito, opõe-se o canto da poetisa. O canto contém a palavra, a linguagem e, assim, *amortece*, se assim pode-se dizer, o real da voz do Outro por meio das amarras simbólicas. Então, para que o sujeito possa advir, há que driblar a voz do Outro primordial, do contrário, será tomado por ela, e não poderá acessar a linguagem. Como essa

operação se dá? Que caminhos são percorridos? Há que se constituir um ponto surdo (Vivès, 2009a), em torno do qual a psiquê possa estruturar-se, o que não pode se dá sem que haja um trabalho de ensurdecimento (Vivès, 2018b).

Partindo-se do vai e vem pulsional do “fazer-se ver” formulado por Lacan, depreende-se que o bebê, inicialmente, objeto de olhares que não cessam, a partir de um dado momento, começa a desviar do olhar do Outro, a fim de que possa ele exercer a atividade pulsional de olhar. Assim sendo, é por essa dimensão de ausência—que se constitui mediante um “ponto cego”—que é possível à criança se movimentar no circuito da pulsão escópica, escapando ao olhar do Outro, sem o qual, ao mesmo tempo, ele não poderia ser visto.

Ela [a criança] é olhada o tempo todo, sem que ela saiba de onde ela é olhada. Para que a criança comece a ter prazer em olhar, é preciso que ela esqueça que o olhar do outro pesa sobre ela (Vivès, 2013, p. 20).

Partindo dessa teorização, e tomando por referência sua clínica com crianças autistas, o autor propõe ser possível pensar o instante mítico do nascimento do sujeito a partir do circuito da pulsão invocante. Estabelece, então, a hipótese metapsicológica, de que o processo de constituição do sujeito somente pode acontecer mediante operação similar e correspondente, por meio da qual, essa mesma voz primordial que chama o sujeito a advir, é também mantida à distância pelo bebê.

Deste modo, à voz primária, a partir da qual o campo do Outro se coloca e faz um chamamento, e a criança pode falar, para fazê-lo, é necessário ensurdecer desta voz, escapar dela, sem o quê o bebê não poderá experimentar o prazer de falar, fazendo-se ouvir, a partir do que será possível se constituir subjetivamente, distinto da voz e também da fala do Outro. Assim, é que tal qual o olhar tem um caráter persecutório, que se articula à sua dimensão originária, a voz tem um caráter aterrorizante articulado à sua dimensão originária real.

Sobre a dinâmica do circuito da pulsão invocante, Vivès (2009a) traz que, nos primórdios da vida, mediante uma tensão endógena impossível de ser gerida, o bebê lança mão de um grito—grito puro—que na sua expressão enquanto real, não é um apelo ou chamamento, sendo tão somente expressão vocal de um sofrimento resultante de um excesso pulsional. Esse grito se torna apelo a propósito do campo do Outro, à medida em que o Outro primordial supõe ali uma demanda: de reconhecimento, de amor. Eis que o significante entra no real. O grito puro se faz grito para. Nas palavras de Vivès (2009a, p. 195):

É a voz do Outro que introduz o *infans* na fala e faz com que ele perca para sempre o imediatismo da relação com a voz enquanto objeto. [...] a materialidade do som será, a partir daí, irremediavelmente velada pelo *trabalho da significação*.

Destaca-se, pois, que assim, a constituição do sujeito se articula à perda do imediatismo do gozo da indiferenciação, a partir de quando o Outro supõe ali naquele grito, uma demanda, atribuindo a ele uma significação. Essa perda se traduz como despossessão do seu grito pelo bebê, posto que ele passa a ser dotado de significação pelo Outro, que ali supõe uma fala. “A resposta do Outro, a recepção que reserva ao grito puro, transformando-o em grito ‘para’, leva à significação do sujeito à luz do significante do Outro” (Vivès, 2018a, p. 21).

A perda da voz como objeto *a*, permite que possa haver uma ruptura na indiferenciação pela suposição do Outro e o bebê, que era invocado pelo som originário da voz primordial, se torna aquele que invoca, que faz um chamamento, sendo assim, inserida na linguagem, o que permite o início da operação de subjetivação e a inserção na corrida desejante.

Nesse caminho, Vivès (2018a) propõe três tempos para o circuito da pulsão invocante, a partir das fases “a”, “b”, e “c”, estabelecidas por Freud para a pulsão do olhar e do tempo do se fazer ouvir, radicalizado por Lacan. O 1º tempo é o do “ser ouvido”, que se traduz como aquele em que há a expressão do grito puro pelo bebê, decorrente do excesso de pulsão na zona erógena da boca; assim sendo, está-se diante da atividade da pulsão, não há sujeito ainda senão

o sujeito do gozo absoluto, da indiferenciação; o 2º tempo, por sua vez, corresponde àquele em que o Outro primordial se faz presente respondendo ao grito, supondo ali uma fala, um dizer, uma demanda: será fome, dor de barriga ou o quê? Supõe-se que registros de representação mnêmicos vão se estabelecendo, de modo que, diante daquela presença, o bebê começa a fazer o movimento de ir em busca do ouvido do Outro, supondo-o não surdo, visando obter uma resposta. “O terceiro tempo é, pois, o da posição subjetiva em que o sujeito constitui um Outro não surdo capaz de ouvi-lo” (Vivès, 2018a, p. 21).

É a esse terceiro tempo que Vivès (2009a, 2009b, 2013, 2018a) atribui a constituição de um ponto surdo em torno do qual a psique se estrutura e o sujeito pode advir como falante. Tal qual o prazer de olhar só se faz possível a partir de um ponto cego em que o bebê escapa do olhar do Outro e pode se fazer olhar, oferecendo-se como objeto, mecanismo similar precisa se operar para que o sujeito possa se fazer ouvir. “A surdez à voz primordial dá ao sujeito que advirá a possibilidade de ter sua própria voz. Quem não chega a estruturar esse ponto surdo por intermédio do recalque originário se vê tomado pela voz do Outro”. (Vivès, 2018a, p. 20). É por essa reversão da pulsão que o sujeito se movimenta de invocado à invocante, se faz ouvir.

Interessante notar que posteriormente, Vivès (2018b) vai propor detalhamento daquilo que é nomeado por ele como algumas pistas abertas nesses trabalhos iniciais, notadamente as que dizem respeito ao ponto surdo. Assim, dá ênfase ao caráter de efeito de metáfora da constituição do ponto surdo e caracteriza-o como “processo de perda e de ensurdecimento em relação à voz do Outro” (Vivès, 2018b, p. 17). Mais além, qualifica-o como trabalho de ensurdecimento e atribui-lhe caráter constante ao longo da existência:

A ideia de ponto surdo poderia levar ao entendimento de que ele se constitui de uma vez por todas, haja vista o adjetivo “surdo” dar, entre outras, a ideia da aquisição de uma surdez que, uma vez estabelecida, se manteria por si mesma. Ora, a experiência clínica nos ensina que as coisas são bem mais complexas. [...] o *trabalho de*

ensurdecimento [grifo nosso], mesmo no sujeito que o efetuou, é uma *trabalho* [grifo nosso] constante, que necessita de uma ação permanente, a ser sempre retomada, e que, sem dúvida, remete ao que há de mais misterioso no processo fundador do inconsciente (Vivès, 2018a, p. 24).

Mediante o atravessamento pelas surpresas da clínica psicanalítica com trabalhadores em adoecimento, questiona-se: quais os elementos envolvidos nesse misterioso trabalho de se fazer existir para além da voz do Outro? O que se opera ali que o possibilita. Algumas pistas são oferecidas a partir da escuta de pacientes autistas:

As sessões de análise podem ser compreendidas como espaços em que o paciente experimentaria, pouco a pouco, por intermédio de nosso desejo se expressando numa improvisação endereçada a ele, outro tipo de relação com o som e com a voz, o que lhe possibilitaria escolher nascer para a fala, em cujo altar aceita sacrificar a voz (Vivès, 2018b, pp. 24–25).

Ocorre, então, que há que haver trabalho do desejo (do analista, de início) que sustenta, e ao mesmo tempo tem como essência, a improvisação, a qual, por sua vez, possibilita que haja um endereçamento do analista, que aceito, permite ao sujeito reinserir-se no circuito da pulsão invocante. Fica clara a articulação entre trabalho do desejo, improvisação e assunção do sujeito, que assim pode dar conta de “passar da posição de tomado pela voz do Outro para a de sujeito potencialmente invocante”. (Vivès, 2018b, p. 29). Por hora, quanto às implicações clínicas e o trabalho de ensurdecimento que se passa numa análise, para-se aqui para pensá-los em capítulo específico, mais adiante. Volta-se à relação mãe (Outro primordial) e bebê para entender o caráter da improvisação que sustenta o trabalho de ensurdecimento e permite ao sujeito advir como sujeito da fala.

Atravessado pelo universo da música, é a partir dele que Vivès propõe outra leitura da improvisação, indo de encontro à ideia do senso comum, na qual ela se articula com desleixo,

algo sem rigor. “A improvisação seria não um alegre surgimento que viria, de maneira imprevista, preencher uma falta, mas sim uma *construção articulada* [grifo nosso], apoiada em elementos memorizados, a quem se pedirá para imprimir seu estilo”. (Vivès, 2018b, pp. 32-33). Improvisar implica pois numa anterioridade histórica da qual se parte—acessando registros mnêmicos conscientes e inconscientes—para fazer uma construção outra, articulada, com a marca singular de um estilo próprio.

Dessa dimensão, o autor constrói sua tese sobre a improvisação materna, segundo a qual, para dar uma interpretação tal ao grito puro e responder de modo que ali haja chamado e endereçamento, aquele que ocupa a função de mãe deve improvisar; isto implica que suas respostas oferecidas à criança sejam atravessadas pela Lei e pela linguagem. Há uma ênfase na qualificação das respostas oferecidas ao bebê: resposta singular, na quais se lerão surpresa e prazer, já que é “o interesse da criança pelo timbre materno, pelo grão da sua voz, que a leva a alienar-se na linguagem” (Vivès, 2018b, p. 34). Então, o trabalho do desejo que somente pode comparecer por meio da improvisação, pressupõe criação que é histórica e ao mesmo tempo singular, sustentada pela Lei e pela linguagem, portanto pela fala, pela simbolização, com o atravessamento da surpresa e do prazer.

Vale registrar, que a improvisação, no caso aqui a materna, não pode acontecer com essa dimensão sem que a mãe esteja diante da criança, portanto, na sua presença, conforme demonstra estudo realizado por Laznik (2000). Justifica-se então a dimensão de condução de um pelo outro, de modo que o bebê se faz ouvir, se coloca como um parceiro musical, produzindo sons e vocalizações endereçados à mãe, que supõe ali uma fala, atribuindo à criança um discurso que é endereçado a ela. “O endereçamento é essencial para a mãe e as reações do bebê relançam e amplificam as produções maternas”. (Vivès, 2018b, p. 36).

Voltando à natureza da improvisação materna que possibilita o ensurdecimento da voz primordial, o modelo em questão prevê que haja, nesse jogo que se faz entre mãe e bebê, uma

renúncia de gozo por parte desta, o qual implica na suposição: “A mãe sustenta a hipótese de um sujeito potencial” (Vivès, 2018b, p. 38). Assim é que em dados momentos, a mãe faz perguntas ao bebê e em seguida silencia, sinalizando ali um lugar a ser ocupado, invocando o bebê a fazer-se invocante. E novamente—algumas lembranças cotidianas remetem a essa percepção—a mãe retoma a conversa supondo um dizer nas vocalizações do bebê, a partir do que ela até faz ajustes em termos de cuidados maternos, para atender à demanda suposta. Com isso, a mãe está supondo um sujeito falante, antes de qualquer coisa, e assim sendo, estabelece com ele um duo - prevê uma diferenciação - logo, ambos têm participação igual no jogo. Somente a partir daí é que ela pode se endereçar-se a ele oferecendo-lhe não mais a sua voz, mas a sua fala, a linguagem em detrimento da vocalização.

Por esse caminho, chega-se aos três tempos da improvisação materna: suposição, duo e endereçamento, os quais, conforme insiste o autor, são apresentados de modo separado e sequencial por uma questão tão somente didática, pois que trabalham em concerto e a suposição deve permanecer ativa ao longo de todo o desenvolvimento infantil.

Acompanhando a poesia e a beleza da construção teórica proposta pelo autor, invademe, de um lado, saudosas lembranças do exercício da maternagem, de outro, difíceis experiências de trabalho profissional, em que a suposição de um sujeito se fazia impossibilitada, impedida mesmo, pelo excesso de voz que se coloca no discurso das organizações. Foi a partir do confronto e do incômodo com estas últimas, que se chegou até aqui, e que se seguirá adiante, na tentativa de encontrar brechas e fazer furo no discurso hegemônico.

III. Clínica psicanalítica: de Freud à Lacan

“Eu não quero ser uma profissional, eu quero preservar a minha liberdade [...] [...] Eu escrevo sem esperança de que o que escrevo altere alguma coisa. Então porque continuar escrevendo, Clarice? E eu sei??!! [pausa]. A gente não escreve para alterar as coisas... a gente está querendo desabrochar, de algum jeito! E qual o papel do escritor brasileiro hoje em dia? O de falar o menos possível.”

Trechos da entrevista concedida por Clarice Lispector ao programa *Panorama Especial*, TV Cultura, 1977.

Esse capítulo parte do pressuposto de que a clínica lacaniana, mais especificamente o trabalho de ensurdecimento das vozes do supereu que pode nela ser operado, possibilita ao sujeito relançar-se no circuito da pulsão invocante, reposicionando-se enquanto fala-ser, em contraposição ao lugar de porta-voz em que ele é fixado pelo discurso capitalista colonial, representado nas vozes do supereu.

Partindo daí, faz-se os seguintes questionamentos: como se opera essa movimentação do sujeito no circuito? Que elementos do trabalho clínico promovem o ensurdecimento das vozes do supereu? Como os dispositivos psicanalíticos operam na sua sustentação desse ensurdecimento?

Esta última questão, será pensada a partir da discussão do caso clínico, em capítulos mais à frente. Diante das três primeiras, fez-se uma revisão sistemática, a fim de identificar estudos que tivessem como objeto a clínica psicanalítica na sua articulação com o ensurdecimento das vozes do supereu, suas especificidades, seus mecanismos de operação e dispositivos de trabalho, e ainda a possível utilização da psicanálise lacaniana na escuta de trabalhadores em situação de adoecimento. Assim, em agosto de 2021 fez-se levantamento das produções científicas nas bases de dados eletrônicas BVS-Psi, SciELO e CAPES, utilizando-se os descritores “Clínica” AND “Psicanalítica”.

Anterior à aplicação de quaisquer critérios de inclusão e/ou exclusão, foram identificadas 936 publicações. Excluiu-se: a) dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso, livros, capítulos de livro, resenhas, editoriais, no que restaram 538. Mais uma pré-seleção foi feita, tendo como critério de inclusão artigos contendo os termos “Clínica psicanalítica” ou “Clínica” no título e/ou nas palavras-chave, o que resultou em 226 publicações. Seguiu-se com a leitura dos resumos e nova seleção foi feita, usando como critério de exclusão: a) artigos que sinalizavam o uso de outro referencial em psicanálise que não o lacaniano e de inclusão; b) artigos publicados em língua portuguesa; c) em periódico com revisão cega de pares; d) disponibilizados virtualmente de modo integral. Considerando esses critérios, selecionou-se 51 artigos, tendo sido excluídos: a) artigos em duplicidade e b) com data de publicação superior a 10 anos. A aplicação desses critérios excluiu 12 artigos, e o conjunto final de textos analisados foi de 39 publicações. Esses 39 artigos foram categorizados de acordo com: a) ano da publicação; b) natureza do estudo teórico ou empírico; c) desenho de pesquisa; d) objeto de estudo.

Observando-se a produção ao longo do tempo, constata-se uma diferença significativa entre a quantidade de artigos produzida no primeiro e no segundo quinquênio, tendo sido, respectivamente, 26 e 13 publicações. Mais ainda, analisando a produção do último quinquênio, observaram-se 10 artigos publicados em 2016; de 2017 em diante, apenas 03 (três) artigos foram publicados (nos anos de 2017, 2018 e 2020), não tendo sido identificada nenhuma produção nos anos de 2019 e 2021.

Considerou-se curiosa tal constatação, sendo que algumas discussões sobre o lugar possível da psicanálise em instituições (Cazanatto et al., 2016), notadamente nas instituições de saúde pública (Palma, 2011; Victor & Aguiar, 2011; Vilhena & Rosa, 2011) ou ainda em outros espaços para além do *setting* tradicional (Altoé & Silva, 2013), fazem pensar em algumas hipóteses relacionadas à polêmica discussão quanto ao que possa ser caracterizado

como uma clínica psicanalítica em relação a uma suposta diferença quanto a uma escuta psicanalítica.

Por hora não, tal discussão não será objeto de análise. Não obstante, questiona-se, desde já, se uma clínica psicanalítica, naquilo que se constitui como o trabalho que ali se opera, não está para mais além das questões geográficas, no que isso diz da sua realização em determinados espaços ou do uso de determinados dispositivos, como o divã e o pagamento em dinheiro. Embora se reconheça que estes possam viabilizar interesse e até crucial manejo, é oportuno questionar se seu uso necessariamente se associa à operação de um trabalho de análise, bem como se o não uso destes inviabiliza ou impede tal trabalho.

Tal hipótese também se justifica, de algum modo, no fato de que diante da constatação da queda no quantitativo de produção de artigos a partir de 2016, recorreu-se a um levantamento feito em 2019, quando utilizou-se o descritor “Escuta psicanalítica”. Uma observação rápida permitiu constatar uma mesma tendência de queda em termos do número de publicações a partir de 2017; entretanto, ainda que continue pequena, a produção de 2017 a 2019 foi duas vezes maior em comparação à identificada usando o descritor “Clínica psicanalítica”. Quem sabe se possa discorrer sobre tais elementos noutra contexto. Por hora, retomar-se-á a análise dos 39 artigos.

Quanto à natureza do estudo, observou-se a predominância de estudos teóricos ($n = 36$), alguns deles ($n = 16$) contendo pequenos recortes de casos, vinhetas clínicas, para ilustrar conceitos e suscitar questões. Com relação aos estudos empíricos ($n = 3$), todos fizeram uso de desenho qualitativo, especificamente usando entrevistas semiestruturadas com psicanalistas e/ou pacientes em atendimento clínico (Ayub & Macedo, 2011, Gomes & Alvarez, 2016; Silva & Macedo, 2012).

Em termos do objeto de estudo das publicações, interessava analisar como a clínica comparecia enquanto articulação com ou como objeto de estudo. Pôde-se observar uma

categorização tal, em que as publicações tinham como ênfase: a) um dado fenômeno que se manifesta na clínica ou faz interface com ela, sem que a mesma, no entanto, fosse discutida ou analisada (n = 11) (Araújo & Lima, 2015; Barbieri, 2013; Barbosa & Chaves, 2016; Campos, 2011; Gavião, 2013; Lopes, 2020; Mariano, 2016; Bênia et al., 2016; Mello, 2015; Morais, 2016; Salztrager & Herzog, 2013; Souza & Francischini, 2017); b) a clínica, enquanto lugar onde incide um dado fenômeno ou questão, e onde é possível o seu manejo (n = 10), tendo sido apontado o uso de dispositivos psicanalíticos como a transferência (Barbieri, 2014; Bastos, 2014; Bicalho, 2016; Dassoler, 2015; Gomes & Alvarez, 2016; Ribeiro & Fernandes, 2013; Schicotti, & Vidotte, 2014) e, ainda; c) estudos nos quais estava em questão uma dada clínica, naquilo que se refere às suas especificidades, impasses e possibilidades (n = 15) (Ayouch, 2015; Bartilotti, 2017; Carignato, 2013; Catão, 2011; Cazanatto et al., 2016; Fagundes Netto et al., 2013; Fernandes & Junior, 2016; Fortes, 2011; Palma, 2011; Ratti et al., 2016; Silva, 2018; Victor, 2011; Vilhena & Rosa, 2011); d) a clínica psicanalítica em geral, tratando seus dispositivos e a formação do analista (n = 3) (Fingermann, 2015; Guia, 2011; Mendes, 2015).

Interessa agora ressaltar que não fora identificada qualquer publicação que articulasse clínica psicanalítica com ensurdecimento das vozes do supereu e movimentação no circuito da pulsão invocante, nem que tratasse da especificidade de uma clínica com trabalhadores em adoecimento. Sendo assim, partindo das questões que impulsionaram a presente tese, far-se-á o caminho de pensar os fundamentos da clínica psicanalítica como construída e proposta por Freud para então pensá-la enquanto ensurdecimento das vozes do supereu.

A técnica psicanalítica em Freud

Considerando-se ser objeto dessa tese uma análise do adoecimento da classe-que-vive-do-trabalho, na tentativa de compreender como ele se dá e como é possível tratá-lo, parece interessante trazer a assertiva freudiana na qual, ao tratar sobre a condição patológica de determinados estados que acometem os neuróticos, faz-se uma articulação com as exigências

da consciência moral do supereu: “a exigência do supereu pode também tornar-se tão forte e inexorável a ponto de colocar o Eu como que paralisado frente às suas outras tarefas” (Freud, 1940/2018, p. 87).

Assim, os padecimentos neuróticos, via de regra, partindo da segunda tópica, são considerados como resultantes dos conflitos entre as exigências decorrentes da atividade pulsional do Isso—para usar as construções que puderam ser feitas nos capítulos anteriores—e as exigências da consciência moral do supereu que ditam “seja assim, não seja assim”. Interessante que essa proposição do modo de dizer do supereu, já traduzida por Freud como um comando, uma voz, parece crucial para a leitura lacaniana posterior, com a teoria do discurso. Retomando Freud, ele foi bem objetivo ao acentuar: “É desses achados que baseamos nosso plano de cura” (Freud, 1940/2018, p. 87). É partindo daí que o autor retoma, em 1940, em *Esboço de psicanálise*, a questão da técnica psicanalítica, depois de uma longa pausa sem abordá-la, desde a publicação, entre 1911 e 1914, de muitos artigos com essa ênfase.

Então, optou-se por tomar como referência inicial para tratar da clínica psicanalítica em Freud, o texto intitulado *A técnica psicanalítica*, que consta em *Esboço de Psicanálise*, posto que segundo o próprio autor, no prefácio da obra, foi sua pretensão com a mesma “reunir as teses da Psicanálise, na forma mais concisa e na versão mais resolvida, de um modo, por assim dizer, dogmático”, apontando para a consistência do que lhe fora possível apresentar ali, depois de anos de investigação e trabalho. Em tempo, também reconheceu, em concomitância, não ser sua intenção com o referido texto “exigir crença e despertar convicção” (Freud, 1940/2018, p. 11). Paralelamente, trabalhar-se-á com os chamados artigos da clínica, para identificar elementos que apontem para os fundamentos da técnica psicanalítica.

No referido texto, depois de apresentar o conflito base no qual os padecimentos neuróticos estão assentados, no que cabe ressaltar a função do supereu destacada por Freud, o autor dissecou os fundamentos do “plano de cura”, isto é, os fundamentos que sustentam a

técnica psicanalítica (Freud, 1940/2018, p. 87). Diante disso, cabe questionar: qual será, então, o caráter dessa cura que pode advir com uma psicanálise? Pensar sobre tal questão a partir da obra freudiana e do ensino de Lacan, parece fundamental para caminhar nas trilhas do que se tem como um dos objetivos deste projeto de pesquisa.

Em *A análise finita e a infinita* (1937/2017), Freud fala em “domar a exigência pulsional”, e ainda em uma “resolução duradoura de uma exigência pulsional” (pp. 326–327), traduzida como um “acolhimento” da pulsão à harmonia do Eu, no que ela se tornaria “acessível através das outras aspirações no Eu, não trilhando mais os seus próprios caminhos em busca de satisfação” (Freud, 1937/2017, p. 326). Vale destacar que o autor dedicou significativa parte do texto para discorrer sobre o tal caráter duradouro dessa “resolução”, enfatizando, ao contrário, o que chamar-se-á aqui de caráter sempre precário dos efeitos de uma análise, ao que Freud nomeara diretamente como “irregularidade do sucesso do trabalho de análise” (Freud, 1937/2017, p. 331).

Freud destaca o fator quantitativo, econômico, articulando-o à intensificação pulsional, decorrente, na leitura realizada, das insanas e insistentes vociferações do Supereu, que fazem eclodir os conflitos neuróticos e os recalques infantis em dimensões adoecedoras. Sobre os efeitos do trabalho analítico, tem-se que “a análise permite que o Eu amadurecido e fortalecido possa proceder a uma revisão desses recalques antigos; alguns serão desmontados, outros serão reconhecidos, mas reconstruídos com material mais sólido” (Freud, 1937/2017, p. 329). E segue esclarecendo que se terá como efeito uma “transformação qualitativa” tal—no manejo dessas exigências pulsionais—que refletirá em uma diminuição “do poder irresistível do fator quantitativo na causação da doença” (Freud, 1937/2017, p. 328). Então, pode-se depreender daqui que o efeito possível de uma análise possa ser algo em termos da possibilidade do analisando manejar com as exigências pulsionais do supereu, que se fazem presentes por meio das vozes superegóicas.

Para se afastar de idealizações ou presunções por onde derraparam/derrapam alguns analistas, Freud deixa a pista sobre a qual Lacan muito trabalhará: “a transformação [pulsional] nunca se dá de forma completa, [...] podem continuar existindo restos das antigas fixações da libido”, já que “aquilo que uma vez ganhou vida, sabe se manter de forma tenaz.” (Freud, 1937/2017, p. 331). Então, “o domínio da pulsão melhora, mas permanece imperfeito” (p. 332), no que o fundador da psicanálise insiste em acentuar os limites de um trabalho analítico, até porque, se assim não o fosse, ele tomaria o mesmo caráter avassalador, imperativo e exigente da atividade da pulsão (de morte) e do supereu.

Outro aspecto importante levantado por Freud nesse texto de 1937, é bastante relevante para pensar o que se tem como um dos objetivos desta pesquisa, qual seja, o de analisar como se opera o trabalho de ensurdecimento das vozes do supereu. Ao tratar da questão do como se operaria essa “domação da pulsão” na análise, Freud (1937/2017, p. 318) coloca:

Se perguntarem através de que caminhos e com que recursos isso acontece, a resposta não será fácil. Temos de dizer a nós mesmos: “Então, agora a bruxa precisa entrar em ação”. É a bruxa chamada Metapsicologia. Sem especulação metapsicológica e teorização—quase diria: sem fantasiar—não avançamos nenhum passo se quer. (p. 326).

Para manter-se fiel às proposições freudianas, acentua-se que quanto às respostas às questões formuladas e que motivam essa pesquisa, sempre haverá um resto, intratável, inanalizável; sempre haverá uma palavra não dita.

Posto isso, volta-se ao “Esboço de Psicanálise”, onde Freud aponta pistas acerca de como se opera o trabalho analítico, quando apresenta categoricamente, como ele mesmo anunciara no prefácio, a regra fundamental da técnica psicanalítica: a associação livre. É por meio dela, apresentada como “desativação da autocritica” (Freud, 1940/2018, p. 91), que será possível ao analisando dizer “tudo o que lhe vem à mente, mesmo que esse dizer lhe seja

desagradável, mesmo que lhe pareça sem importância ou até sem sentido” (Freud, 1940/2018, p. 91).

É assim que poderá vir à tona uma massa de material—pensamentos, ocorrências, lembranças—que estão sob influência inconsciente e que lhe são derivadas (Freud, 1940/2018), possibilitando, portanto, que o analisando se escute enquanto sujeito, mediado pela escuta do analista, e possa então se reposicionar de porta-voz do discurso do Outro a sujeito do inconsciente.

Ainda sobre o material a partir do qual o trabalho de análise pode se dar, Freud pontua:

Angaríamos o material para nosso trabalho a partir de variadas fontes: do que nos indicam as comunicações e livres associações do paciente, do que ele nos mostra em suas transferências, do que obtemos através da interpretação de seus sonhos e do que ele cria por seus atos falhos (Freud, 1940/2018, p. 99).

Vale o registro do que se pode depreender daqui: o material a partir do qual o trabalho analítico pode acontecer tem origem naquilo que escapa, que é da ordem do não racional, do improvisado, por assim dizer.

Quanto à pergunta que insiste em termos dos operadores técnicos que podem tornar esse movimento possível, Freud (1940/2018) apresenta, logo em seguida, de forma mais contundente, a transferência como um fator de inimaginável importância, descrevendo-a a partir do reconhecimento de que o analisando vê no analista um retorno de uma pessoa importante do seu passado, da sua infância, e então lhe transfere e dirige os mesmos afetos e reações de outrora. É algo como que, a presença do Outro, do seu discurso, que retorna na presença do analista, como assevera Lacan, no seu ensino.

Assim, é no e pelo campo transferencial que vai se construindo entre analista-analisando, que podem vir à tona os afetos ambivalentes mobilizados pelo recalque originário, as vozes e os comandos proferidos pelo Outro quando da constituição do sujeito, surgindo a

repetição e a resistência, outros dois operadores do trabalho analítico, dos quais por vezes muito se anseia por escapar, mas também sem os quais não será possível trabalhar.

E eis que vai aparecendo de forma muito enfática no texto freudiano, a questão do manejo da transferência e da resistência enquanto elementos-chave da técnica psicanalítica, dado o seu caráter ambivalente, de motor, e às vezes de entrave, ao trabalho analítico. Quanto à relevância do manejo da primeira e seus efeitos sobre o tratamento, observe-se o destaque quanto ao fato de que “aquilo que paciente vivenciou sob a forma de transferência, ele não volta a esquecer; isso tem para ele uma força de convicção maior do que tudo o que teria sido adquirido por outros meios.” (Freud, 1940/2018, p. 99).

Entre esses outros meios, pode-se citar a interpretação. Quanto a esta, chamou-nos a atenção uma recomendação freudiana sobre seus efeitos em termos da resistência, que embora longa, considerar-se importante repetir aqui:

Nunca deixemos de distinguir rigorosamente nosso saber de seu saber [o do paciente]. Evitamos comunicar-lhe imediatamente aquilo que, muito cedo, intuímos, ou mesmo lhe comunicar tudo o que supomos ter intuído. Refletimos cuidadosamente sobre quando devemos inteirá-lo de nosso saber quanto à uma de nossas construções; esperamos pelo momento que nos pareça ser apropriado, o que nem sempre é fácil decidir. Geralmente, evitamos fazer-lhe a comunicação de uma construção, sua explicação, até que ele mesmo tenha se aproximado tanto da mesma que só lhe reste dar um passo, embora seja esse, de fato, a síntese decisiva. Se procedêssemos dessa forma, assaltando-os com nossas interpretações antes que ele esteja preparado para elas, então nossa comunicação ou seria ineficaz ou provocaria uma violenta irrupção de resistência, o que poderá dificultar a sequência do nosso trabalho ou ameaçá-lo (Freud, 1940/2018, p. 101).

A superação das resistências é colocada como a parte do trabalho analítico que exige maior tempo e maior esforço, mas cujos efeitos também poderão ser mais consistentes. E ainda sobre o fenômeno clínico da resistência, Freud a articula diretamente a “um Supereu que se tornou especialmente duro e cruel” (Freud, 1940/2018, p. 105), assinalando mais à frente, com a possibilidade do trabalho analítico ser lido como “tentativa gradual de desmontagem desse Supereu hostil”. (p. 107).

Por fim, Freud encerra o texto *A técnica psicanalítica* (1940/2018), colocando dois apontamentos que são bem oportunos para pensar sobre indicativos de movimentação do sujeito no circuito da pulsão invocante, e, portanto, do trabalho de ensurdecimento das vozes do supereu que parece sustentar a cura do adoecimento pelo trabalho. Primeiro, quando dá pistas diretas do que possam ser elementos que se aproximam e que se afastam dos efeitos de um trabalho analítico:

Uma certa inércia psíquica e uma indolência no movimento da libido, que não quer abandonar suas fixações, não nos são bem-vindas; a capacidade da pessoa para a sublimação das pulsões desempenham um grande papel e, do mesmo modo, sua capacidade de elevar-se acima das pulsões, bem como o relativo poder de suas funções intelectuais (Freud, 1940/2018, p. 111).

A partir da primeira parte dessa consideração, é possível pensar uma articulação com o trabalho do luto, atravessado pela trilogia *Lembrar, Repetir e Perlaborar*, a qual, por sua vez, não parece possível de ser operada sem que mediada pela transferência. Quanto ao que souo, na afirmativa freudiana, como elementos, quiçá critérios, a partir dos quais pode-se pensar os efeitos de uma análise - não sem lembrar que “escrevemos sobre a água” (Freud, 1937/2017, p. 347) - reconhece-se a impossibilidade de dar conta de estudá-los aqui neste projeto de tese, ao mesmo tempo em algo se assinala a importância de fazê-lo *a posteriori*, notadamente quanto à categoria conceitual da sublimação.

Por hora, finaliza-se este tópico retomando mais uma fala do fundador da psicanálise, com a qual encerrou o artigo que usado como referência aqui: “Talvez surjam outras possibilidades ainda não imaginadas de terapia; por ora, entretanto, nada de melhor temos à nossa disposição do que a técnica psicanalítica e, por isso, ela não deve ser menosprezada, malgrado suas limitações” (Freud, 1940/2018, p. 111).

Mais de 80 anos depois, não obstante o surgimento de tantas outras terapias, e um pouco mais de 20 anos depois de questionar a natureza da relação trabalho e adoecimento, tem sido ainda mesmo na psicanálise, notadamente nas teorias lacanianas do sujeito e do discurso, que se tem podido analisar e tratar o caráter traumático que tem assumido a relação do sujeito com o trabalhar, sob a égide do modo de produção capitalista.

A clínica como discurso em Lacan

Não obstante tenha partido das proposições de Freud, e se definido como eminentemente freudiano, nas suas formulações, Lacan introduz importantes elementos aos pressupostos psicanalíticos, e deste modo, acaba por atribuir-lhes outras dimensões que radicalizam o que o fundador da psicanálise pôde elaborar, a ponto de o próprio Lacan definir seu ensino como “retomada do projeto freudiano pelo avesso”. (Lacan, 1960-1970/1992, p. 10). A primeira delas, das quais muitas outras formulações serão derivadas, é a de que: “O inconsciente, são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala, em consequência do que, o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1964/1998, p. 142).

Disso, se pode depreender, como já visto em capítulo anterior, que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante, que lhe é atribuído pelo Outro (S1). Logo, o sujeito se constitui, como já visto noutro capítulo, pela voz do Outro, o que levou à formulação lacaniana de que o inconsciente é o discurso do Outro (Lacan, 1964/1998), esse Outro que o sujeito idealiza que detém um saber sobre si e de cujo amparo ele depende em absoluto.

É nesses termos que se pode entender que o sujeito nasce alienado ao desejo do Outro, já que para advir, ele depende do significante, e esse significante está primeiro no campo do Outro. Eis o paradoxo colocado por Lacan, quanto à constatação de que “ele [o significante] só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito” (Lacan, 1964/1998, p. 196).

O sujeito neurótico, nessa perspectiva, é aquele que vive sempre um desacordo entre o Eu e o mim mesmo, por assim dizer. Partindo das suas experiências mais arcaicas, pela via da fantasia, tenta decifrar o enigmático desejo do Outro sobre si, que se traduz, na verdade, como demanda, na expectativa de que, o submetendo-se a ele, possa ser amado e amparado. O discurso capitalista, como derivação do discurso do mestre e da ciência, atua sobre essa fantasia neurótica e sob a promessa de reconhecimento, amparo e segurança, que petrificam e paralisam o sujeito, fazendo-o adoecer, à medida em que destitui o sujeito do seu desejo, aprisionando-o nas demandas e nas promessas de satisfação plena.

Posto isso, e partindo dessa concepção lacaniana, quanto à clínica, é possível pensá-la enquanto desvelamento dos significantes nos quais o sujeito está petrificado, paralisado. Como isso pode acontecer? Mediante a fala que faz com que esses significantes venham à tona na narrativa, e em concomitante, por meio da escuta daquilo que escapa entre um significante e outro, pelo qual o sujeito da enunciação pode comparecer além do enunciado, do dito. É daí que, concebendo a alienação ao significante mestre e de certa forma, no confronto com ela, que algo de separação pode se dar, possibilitando a aparecimento do sujeito, sempre no entre, não todo, haja vista que haverá sempre um resto que a palavra não comporta. Além do que, mais do que “não sou isto”, a questão pode ser “não sou apenas isto”, como faz pensar Vivès (2020).

Essa operação de desvelamento dos significantes e aparecimento do sujeito na medida do questionamento do seu aprisionamento ao desejo do Outro, se faz possível, na análise,

segundo Lacan, como freudiano que é, pela transferência. Tomando-a enquanto atualização do inconsciente, o autor, no seu *Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, faz uma severa crítica ao que ele nomeia como “tapeação” pela qual a transferência tende a ser exercida por alguns analistas como fechamento do inconsciente (Lacan, 1964/1998), a partir do momento em que se assume o discurso do mestre, obstruindo a falta a saber, impossibilitando o trabalho analítico possível. Lacan propõe a liquidação permanente dessa tapeação, somente possível quando o analista responde sustentando a transferência como semblante do objeto *a*, e, como tal, por sua vez, pode sustentar a separação do sujeito em relação ao desejo do Outro, fazendo sua invocação como fala-ser.

Então,

a operação e a manobra da transferência devem ser regradas de maneira que se mantenha a distância entre o ponto desde onde o sujeito se vê amável, e esse outro ponto em que o sujeito se vê causado como falta por *a*, e onde *a* vem arrolhar a hiância que constitui a divisão inaugural do sujeito. O *a* minúsculo não atravessa jamais essa hiância. [...] É nesse ponto de falta que o sujeito tem que se reconhecer (Lacan, 1964/1998, p. 255).

O reconhecimento desse ponto de falta articula-se ao confronto com a castração, de si e do Outro, tratada por Lacan como a travessia da fantasia fundamental, pela qual o sujeito se posiciona diante do desejo do Outro e que, implicando-se, portanto, numa posição subjetiva diante dele. Seria, se assim se pode dizer, um movimento entre alienação e separação. O trabalho analítico se coloca, então, enquanto possibilidade de perlaboração dessa falta, dito de outro modo, enquanto trabalho de luto.

Esse movimento só é articulável pela relação do desejo com o desejo, posto que é de ver funcionar toda uma cadeia no nível do desejo do Outro que o desejo do sujeito se constitui como tal, ou ainda, que o sujeito pode se posicionar como desejante. Mas de que desejo se

trata, se o analista não coaduna com a tapeação, não assume o discurso, nem o lugar do desejo do Outro? Lacan o designa como uma função essencial, o desejo do analista, que não é um desejo puro, é um desejo de obter a diferença absoluta (Lacan, 1964/1998), que só pode advir por meio da separação, do vazio, da falta.

Assim, é pelo desejo do analista que a invocação do sujeito se faz possível, e então ele pode romper com a ordem estabelecida, fixada pelos significantes. Ao analista é confiada a operação de uma conversão ética radical, que introduz o sujeito na ordem do desejo e dos avatares pulsionais, na direção de uma implicação por essa posição: a de sujeito (Palma, 2011).

E como o analista pode sustentar essa posição, essa função essencial, “ponto-pivô” da separação possível do sujeito em relação à camisa de força do desejo do Outro, que permite-lhe advir mais além da alienação sob a qual se constitui? Lacan radicaliza a noção da clínica psicanalítica enquanto discurso, a ser operado pela via do dispositivo da transferência, predominantemente.

Ora, se este projeto parte do pressuposto, e ocupa-se de investigar a natureza da articulação entre discurso capitalista colonial e adoecimento pelo trabalho (atividade profissional), parece lógico que seja também partindo da noção da clínica como discurso, que seja possível pensar em caminhos para fazer furo no discurso capitalista, tomando-o pelo avesso, como propôs Lacan, ao apresentar a discurso do analista como o contraponto do discurso capitalista (Lacan, 1969-1970/1992). Esse “fazer furo”, é colocado aqui partindo-se do pressuposto de que o sujeito nasce alienado ao desejo do Outro e, na outra ponta, inserido na alienação que é típica do modo de produção capitalista, enquanto expropriação do trabalho, na medida em que este é colocado enquanto mercadoria. Logo, algum movimento de separação e de posicionamento subjetivo que pode se operar, somente será possível se concebido como algo, de saída, impossível, noção esta articulada ao resto sinalizado por Freud em *Análise finita e infinita* (1937) e *Esboço de psicanálise* (1940).

Feita tal ressalva, cabe interrogar: que discurso é esse, o do analista? No que ele se coloca como avesso do discurso capitalista? Qual a natureza da operação que nele acontece, que pode favorecer a movimentação do sujeito no circuito da pulsão invocante?

Viu-se que no discurso capitalista, há uma quebra na sequência lógica que mantém o arranjo simbólico que sustenta o laço social, logo, não há laço entre o agente do discurso e o outro a quem ele se dirige. E não o há, porque supõe-se uma verdade única e totalizante, cristalizada no significante mestre, que assume o lugar da verdade, e dita os caminhos para se obter esse tal saber completo. O sujeito é assim, tomado como possível de ser completo, mediante aquisições que pode fazer por si mesmo, conforme as regras ditadas pelo mestre, pela ciência, sem que precise de laço, usando-se de objetos. Sua completude, sua felicidade plena, é tomada como tão somente uma questão de engajamento, esforço e mérito. Como produto dessa operação, tem-se a promessa de um gozo, o mais-de-gozar, que se sustenta na lógica de que há uma garantia quanto à satisfação plena, que será possível por meio da aquisição do próximo objeto.

É com essa lógica que o capital opera e sustenta sua acumulação, pela via do consumismo, numa conjuntura tal em que o trabalhar assume tão somente caráter de meio para obtenção de um gozo absoluto, aprisionando e fazendo desaparecer o sujeito do inconsciente, posto que este é sempre dividido, cujo saber é de outra ordem e não se faz acessível, se não por aquilo que escapa pela via de um ato falho, um chiste, um sonho e pelo sintoma, ou seja, sempre mediante uma linguagem cifrada e nunca completa.

Diante do sujeito desaparecido, o discurso do analista opera então, como avesso do discurso capitalista, tendo como agente o desejo do analista, que se constitui como desejo de que venha à tona uma diferença absoluta, um saber não sabido, que escapa ao racional ou ao qualquer controle, e que se faz comparecer mediante o impossível do real, o improvisado do trabalho do desejo. Isso remete à assunção do sujeito naquilo que fora constituído enquanto

vir-a-ser, que pode se fazer comparecer na invocação, mediante o discurso sem voz do analista, que tão somente questiona e coloca na berlinda os significantes nos quais o sujeito está fixado, aprisionado pelo discurso do Outro, o discurso capitalista que se traduz nas vozes do supereu.

O discurso do analista distancia-se, portanto, do discurso do mestre, do lugar de sabido e tudo-sabe, provocando ou sustentado a histerização do discurso (Lacan, 1969-1970/1992), pela qual o sujeito se questiona sobre o seu sofrimento, sobre o seu adoecimento, sobre as vozes que lhe dizem o que ele é ou não é, deixando vir à tona, pela associação livre, pelos sonhos, pelo não dito, os significantes que o constituem na sua narrativa singular, na sua relação com o sintoma e com o desejo do Outro. E o analista só pode sustentar essa histerização ou provocá-la, instigá-la, à medida que, pela transferência, diante das demandas que o sujeito lhe faz, responde de um não-lugar, ou nos dizeres de Mendes et al. (2020), do lugar de ninguém, mediante um discurso sem fala (Lacan, 1968-1969/2008), ou, ainda, uma fala, sem voz (Vivès, 2018a).

Por esse discurso, o sujeito que busca uma análise é reconhecido como sujeito dividido, faltante; logo, não está fixado num significante, nem mesmo na cadeia de significantes, posto que é vir-a-ser; deste modo, qualquer verdade sobre ele somente é acessível mediante o saber inconsciente. Então, a verdade do sujeito diz de um saber que só ele sabe, ao mesmo tempo em que é um saber não-todo, e ao qual nunca se terá acesso por completo, já que se trata de um saber inconsciente, cifrado numa linguagem própria, mediante o trabalho do desejo. Nesse caminho, pode-se pensar que sustentado pelo discurso do analista, que tem como agente o desejo de uma diferença absoluta, sob a regra fundamental da associação livre e operando na transferência ou pela transferência, pode vir à tona como produção do sujeito, a cadeia de significantes, em cujo intervalo o desejo pode comparecer. Assim, tem-se a possibilidade de uma construção tal, em que o campo do Outro retorna via transferência, e a partir do manejo do analista, do seu desejo de que compareça uma diferença absoluta, da sua fala sem voz, o

analista invoca o sujeito a advir, a movimentar-se entre os significantes nos quais estava fixado. Eis o movimento entre alienação e separação, do tempo do calar para o tempo do falar, que o sujeito pode fazer, mediante o duo improvisado analista-analisando.

Considera-se interessante, nesses termos, pensar que ao contrário do discurso do mestre, que fecha o inconsciente, a recusa do analista de responder desse lugar, permite que a interpretação, enquanto dispositivo, funcione tão somente para deixar abertos os efeitos de sentido do significante, puxando, se assim se pode dizer, a associação livre, que se sustenta então, pelo caráter de citação e/ou enigma que a interpretação assume a partir do discurso do analista. É o desejo e o discurso do analista fazendo abrindo espaço para o sujeito trabalhar, trabalho psíquico, trabalho de perlaboração.

Como citação, a ênfase da interpretação é colocada pelo analista não na significação de um enunciado específico, seja ele uma palavra, uma expressão, um sonho, mas nas correlações, na cadeia de significantes, que fazem com que venham à tona o caráter da repetição que anuncia, de tal modo, que na história da sua vida, o sujeito se veja confrontado com as mesmas escolhas, um mesmo destino, um funcionamento, uma posição frente ao desejo do Outro, que se repetem. Por sua vez, como enigma, as interpretações do analista devem destacar o caráter polissêmico da linguagem e dos ditos durante a análise, de modo que suas intervenções e os significantes que comparecem na história do analisando não sejam lidos como unívocos e permaneçam em aberto, sob possibilidade de questionamentos (Chemama & Vandermersch, 2007).

Assim sendo, no contexto do tratamento analítico, as interpretações do analista, naquilo que isso diz do discurso pelo qual ele opera, podem ser qualificadas tão somente como o ato de nomear (Nasio, 1993), pelo que se pode pensar que, escutando o saber que o analisando constrói, a partir da sua narrativa, o analista o devolve, nomeia e abre caminhos para uma nova

cadeia de significantes que vem à tona pela associação livre do analisando, e pela atenção flutuante do analista.

Considera-se ainda relevante, partindo das formulações lacanianas posteriores que articulam o campo da linguagem ao campo do gozo, pensar a clínica psicanalítica enquanto possibilidade de manejo dos modos de gozo. Quanto a isto, apenas dois estudos foram encontrados. Barbieri (2014) em estudo teórico, propõe a existência de uma nova organização dos modos de gozo, decorrente do desenlace social, assinalando com um gozo sustentado numa busca solitária, individual e compulsória, no que assinala a psicanálise como o único discurso em que se tem a possibilidade de não gozar. A autora segue numa construção teórica em que as intervenções interpretativas do analista são apontadas para o caminho pelo qual se faz possível a colonização dos gozos pelo desejo, a simbolização das injunções do supereu e a possibilidade de um discurso que permita surgir o “ser falante” no lugar do “ser gozante”. Entretanto, não são abordados nem analisados os modos pelos quais o discurso do analista e os dispositivos clínicos podem operar essa movimentação.

Por sua vez, Bênia et al. (2016), ao percorrerem a construção feita por Freud ao longo da sua obra em torno da angústia, articulando-a com alguns elementos da leitura laciana no *Seminário 10*, sustentam o pressuposto de que a angústia se localiza entre o desejo e o gozo, fazendo articulações em termos das repercussões e manifestações clínicas por meio da neurose de angústia, a qual afeta o corpo sem mediação, assinalando aí, portanto, a manifestação do puro gozo. A ênfase é, assim sendo, no manejo da angústia, e algumas elaborações são feitas em termos de suas repercussões quanto a um tipo específico de gozo: o gozo puro no corpo.

Considerando tal lacuna teórica, entende-se que a partir do que foi emergindo do caso clínico objeto de análise, foi possível uma construção em que se colocou em questão o manejo do gozo no trabalho clínico, tomando-se por referência o discurso do analista e os dispositivos

psicanalíticos. Nessa mesma linha de raciocínio, isto é, do que emergiu da análise do caso, que na discussão, foi abordado sobre o dispositivo da supervisão.

Por fim, em termos do ponto nodal desta tese, considera-se que o duo e a improvisação sobre os quais teoriza Vivès (2018b), ao tratar da constituição e da assunção do sujeito a partir da relação mãe e bebê, são sustentados, em termos da clínica lacaniana com trabalhadores em adoecimento, pelo discurso da histórica e pelo discurso do analista, os quais possibilitam, pensando-se no modelo proposto por Mendes (2018, 2020), a movimentação do sujeito do tempo do calar para o tempo do falar. É assim que se acredita ser possível ao sujeito, conforme os estudos teóricos realizados, fazer furo no discurso capitalista, questionando e desembaraçando-se das vozes do supereu e dos significantes nos quais se vê aprisionado, dada a voracidade e o excesso dessas vozes. Eis o trabalho de ensurdecimento que pode emergir da experiência analítica, que se coloca, portanto, como caminho possível para o impossível da cura em termos do adoecimento decorrente do trabalhar.

IV. (Des)caminhos e impasses de uma construção

“É a ‘doida aventura da caçada’ (Mário Quintana, poema Eterna procura) que sustenta a engrenagem do desejo.”

Adaptado de Maurano, 2006

Considerando-se a natureza das perguntas de pesquisa e os objetivos que norteiam essa tese, optou-se pela realização de um estudo de caso, indicado na literatura para pesquisas nas quais, “faz-se uma questão do tipo ‘como’ ou ‘por que’ sobre um conjunto contemporâneo de acontecimentos, sobre o qual o pesquisador tem pouco ou nenhum controle” (Yin, 2005, p. 28). Fez-se um recorte longitudinal no caso, que lançou mão de análise documental e do método observacional, com uma triangulação entre dados primários e secundários, ambos acessados a partir da inserção da pesquisadora como observadora no Projeto Clínica Lacaniana do Trabalho, desenvolvido na Universidade de Brasília, por meio do Núcleo Trabalho, Psicanálise e Crítica Social. Entende-se que tal multiplicidade de métodos justifica-se pela complexidade do objeto de pesquisa e pelo seu caráter de trabalho vivo.

Clínica Lacaniana do Trabalho na UnB

O projeto Clínica Lacaniana do Trabalho é realizado na UnB, desde 2015, inicialmente sob o nome de Práticas em Clínica do Trabalho, tendo sido construído e pensado a partir da busca espontânea de trabalhadores adoecidos, que procuravam atendimento no Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho (LPTC). A escuta é destinada a trabalhadores de diferentes contextos e categorias profissionais, com queixas de adoecimento relacionadas ao emprego/desemprego, assédio moral, depressão, *burnout*, acidente de trabalho, readaptação profissional etc. (Mendes, 2022). O projeto foi sendo construído como uma iniciativa pioneira no Brasil, tanto em termos de escuta e tratamento de trabalhadores, quanto de intervenção e de

coleta de dados acerca da relação trabalho capitalista-adoecimento. Configura-se, então como pesquisa clínica, e objetiva compreender e tratar o adoecimento, articulando teoria e método psicanalítico, por meio do uso dos dispositivos clínicos da transferência e da escansão, tendo na supervisão clínica um elemento estruturante. Apresentando por Mendes (2018, 2022), está referenciado em outras pesquisas e teorizações (Gama & Mendes, 2019; Mendes & Vivès, 2020; Mendes et al., 2020; Mendes, 2020; Mendes, 2021; Sousa-Duarte, 2020).

Em termos de sua operacionalização, as sessões clínicas são realizadas semanalmente e conduzidas por estudantes de graduação em Psicologia, psicólogos voluntários, mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e do Trabalho. As demandas de atendimento são recebidas por *e-mail* e o encaminhamento dos casos para os respectivos clínicos é feito no coletivo de supervisão, de maneira livre, conforme disponibilidade e interesse dos clínicos. As primeiras sessões, caracterizadas como entrevistas de triagem, tem caráter de levantamento inicial da história de trabalho profissional do sujeito e sua articulação com o adoecimento, sendo realizada mediante roteiro de entrevista criado para tal fim. São escutadas as especificidades da queixa e sua possível relação com as atividades profissionais.

Após essa fase, que pode durar uma ou mais sessões, há uma triagem dos casos, mediante discussão e decisão final no coletivo de supervisão. São priorizados para seguir com o tratamento, os casos em que a queixa se relaciona diretamente ao adoecimento pelo trabalho capitalista. Quando não há essa aderência, dá-se a devolutiva aos sujeitos e, se for o caso, faz-se encaminhamento para outros projetos ou profissionais. Diante da discussão feita em supervisão, define-se, também no coletivo, o clínico que conduzirá o tratamento, podendo ser o mesmo que conduziu a entrevista de triagem ou não, a depender das questões transferenciais e da disponibilidade do clínico.

O registro dos dados é feito em banco de dados específico, pelos clínicos que atendem o caso. Além dos dados objetivos do roteiro de entrevista de triagem, a cada sessão, são gerados, pelo clínico, os seguintes registros: a) diário do clínico; b) memorial da sessão: que podem ser usados como referência para a discussão na supervisão; e c) diário de supervisão: escrito após a discussão no coletivo de supervisão.

Quanto às formas de registro desses dados, não existem normas rígidas para sua elaboração pelo clínico, nem um modelo a ser seguido. São fornecidas apenas orientações gerais em termos do conteúdo a constar em cada um deles, a saber: a) diário do clínico: afetos mobilizados no clínico durante o atendimento, aquilo que tocou em si a partir da fala do outro; b) memorial da sessão: narrativa da sessão, não necessariamente cronológica, mas em termos de questões relevantes presentes na narrativas durante a sessão, assim como as interpretações possíveis do clínico, suas intervenções e eventuais efeitos ou reações do paciente; c) diário da supervisão: narrativa breve sobre as discussões no coletivo, as questões e os afetos que elas suscitaram no clínico, e ainda o registro de eventuais orientações em termos de manejo clínico. As discussões na supervisão são abertas, sendo que após a narrativa verbal do clínico sobre a sessão e/ou o caso, abre-se espaço para colocações dos demais clínicos, na tentativa de fazer circular a palavra, sustentando uma modalidade discursiva outra, na medida do possível.

Procedimentos

Seleção do caso

Considerando-se levantamentos feitos no banco de dados do projeto nos anos de 2018 e 2019, que indicaram a indisponibilidade de registros suficientes para realizar o estudo com casos encerrados e apenas com o método da análise documental, optou-se: a) pelo estudo de casos em andamento no ano de 2021; e b) pelo uso da observação participante não-estruturada (Breakwell et al., 2010) em encontros mensais de discussão teórica dos casos e na supervisão

clínica semanal. O uso desse método gerou como registro, notas de observação por parte da pesquisadora, feitas de forma livre e assistemática.

Por meio dos encontros mensais de discussão teórica dos casos foi possível o acesso à uma primeira narrativa verbal dos clínicos, apresentando os casos em atendimento, o que ocorreu no período de agosto a dezembro de 2021. Foram pré-selecionados três casos, de oito que estavam em atendimento no projeto, tendo como critérios: a) questões que os casos suscitavam na pesquisadora e a articulação destas com as perguntas de pesquisa e b) aspectos transferenciais⁶ envolvidos, tanto com os clínicos, quanto com os casos. Entende-se que tais critérios são relevantes para este estudo, haja vista o seu atravessamento pela teoria psicanalítica.

Feita essa pré-seleção, partiu-se para a observação participante não-estruturada da supervisão, realizada no período janeiro a março de 2022, a partir da qual foi possível escutar, além da narrativa verbal dos clínicos sobre os casos, as narrativas verbais em supervisão. Os registros dessa observação foram feitos de forma livre e assistemática, contemplando, em linhas gerais: a) breve descrição de pontos marcantes das narrativas do clínico e do coletivo de supervisão e b) reflexões da pesquisadora a partir das narrativas.

Com os três casos pré-selecionados, paralelamente à observação participante, partiu-se para breve leitura e avaliação dos registros disponíveis, considerando o recorte longitudinal estabelecido (do início dos atendimentos de cada caso até março de 2022). A tabela 1 abaixo contém uma síntese do que foi constatado e as decisões tomadas num primeiro momento.

⁶ O conceito de transferência em Psicanálise é fundamental e faz-se operante a partir da noção de um investimento afetivo, feito pelo sujeito do inconsciente, num objeto, numa relação, de tal modo que estes funcionam como força impulsionadora da busca por um saber suposto.

Tabela 1*Critérios de pré-seleção dos casos*

| Caso | Sessões realizadas | Diários do clínico disponíveis | Memoriais disponíveis | Diários de supervisão disponíveis | Total de páginas geradas | Observações | Decisão |
|-------------|---------------------------|---------------------------------------|------------------------------|--|---------------------------------|--|--|
| 1 | 43 | 41 | 43 | 12 | 51 | Memorial de todas as sessões disponíveis. Diário do clínico disponível em quase 100% das sessões. Diário de supervisão disponível em cerca de 30% das sessões. | Dados passíveis de análise. Inserir o caso no estudo. |
| 2 | 40 | 38 | 40 | 27 | 56 | Memorial de todas as sessões disponíveis. Diários disponíveis em quase 70% das sessões. Alguns diários de supervisão com escrita mais sucinta. | Dados passíveis de análise. Inserir o caso no estudo. |
| 3 | 50 | 07 | 50 | 02 | 14 | Registros sucintos demais. Muitos memoriais contendo apenas três linhas de texto. Número inexpressivo de diários disponíveis. | Dados insuficientes. Excluir o caso do estudo. |

Não obstante a possibilidade de realizar estudo múltiplo com dois casos, optou-se, levando-se em conta o atravessamento do estudo e da pesquisadora pela teoria psicanalítica lacaniana, em que a radicalidade do “Há Um” (Soler, 2016) coloca em questão a ideia metodológica de comparar casos entre si, optou-se pelo estudo de caso único. Portanto, considerou-se o caso 1 como objeto deste estudo, já que sua análise já estava bem mais adiantada, comparativamente ao caso 2.

Análise dos dados

A organização e apresentação dos dados, tanto secundários, quanto os oriundos da observação participante, para cada um dos casos, foi feita em dois eixos, definidos como narrativas: a) Eixo I – Narrativas sobre o caso e b) Eixo II – Narrativas sobre o trabalho clínico. No Eixo I são abordados: a) Queixas e condição clínica; b) Histórico de Adoecimento e c) Histórias de Trabalho e d) Percurso e percalços na clínica. No Eixo II, tem-se: a) Dispositivos da clínica lacaniana: transferência e corte; b) Formação do clínico e Supervisão. Foram consideradas as narrativas verbal e escrita dos clínicos, do coletivo de supervisão e da pesquisadora, enquanto observadora-participante.

Tendo em vista a variedade e a significativa quantidade de dados disponíveis, a organização acima descrita foi feita a partir de alguns referenciais. Para o Eixo I – Narrativas sobre o caso, optou-se por partir das orientações para escrita e apresentação de estudos de casos disponibilizadas pelas seguintes instituições: a) *Equator Network*, que orienta a utilização do *Consensus-based Clinical Case Reporting (CARE)* e b) *Joanna Briggs Institute*, que desenvolveu um *checklist* com orientações para apresentação desse tipo de estudo. Para o Eixo II – Narrativas sobre o trabalho clínico, tomou-se como referência o método para estudo de casos clínicos em Psicopatologia Clínica do Trabalho, descrito por Mendes (2018, 2022).

V. O trabalho na clínica: mas qual trabalho?

*"A gente clinica
porque o enigma da vida
nos atormenta"*

(Flávia Albuquerque)

O caso apresentado neste capítulo foi atendido no projeto Clínica Lacaniana do Trabalho, durante a pandemia da Covid-19. O recorte longitudinal considerado compreendeu o período de março de 2021 a março de 2022, no qual foram realizadas 40 sessões, todas em caráter remoto, com duração média de uma hora cada. Ao final de cada semestre, houve pausa da realização das sessões, considerando-se recesso das atividades do Projeto. A escuta foi realizada por um clínico estudante da graduação, que cumpria estágio obrigatório em formação de psicólogo. A paciente era uma estudante universitária branca, solteira, de pouco mais de 20 anos, professora, que buscou tratamento espontaneamente.

Eixo I – Narrativas sobre o caso

Queixas e condição clínica

Compareceram como queixa inicial da paciente, *estresse e cansaço*⁷ provocados pelo trabalho como professora, associados principalmente com: a) sobrecarga, b) excesso de monitoramento e controle, c) falta de condições de trabalho adequadas. Com as mudanças decorrentes do trabalho híbrido imposto pela pandemia da Covid 19, tais fatores se agudizaram, trazendo consigo o risco de contaminação e provocaram *muita ansiedade*. Assim, quando buscou a clínica, Émile já havia pedido demissão do emprego que a *aprisionava e atrapalhava*. Não obstante, emergiam conflito e culpa por essa decisão. Era por meio desse trabalho assalariado que a paciente dizia poder *mimar* sua mãe – *levar num restaurante caro, comprar*

⁷ As frases em itálico correspondem a informações verbais extraídas dos registros de atendimento das sessões. Em geral são falas da paciente. Eventualmente, também podem ser falas do clínico, quando estão sinalizadas como tal.

perfume, deixá-la feliz, já que ela sempre teve uma vida dura e difícil. Estando desempregada, Émile sentia-se mimada e culpada: minha mãe sempre foi balconista a vida toda, minha avó doméstica, meu avô pedreiro e ninguém queria isso, mas tinham que sustentar a família. Uma análise possível aqui é que pelo trabalho assalariado, Émile se sentia saindo do suposto lugar de mimada, para ocupar o lugar de quem mima: trabalhar para mimar ela [a mãe].

Além de ter pedido demissão, a paciente havia saído da casa dos familiares, onde morava com a mãe, uma tia, a avó e um primo. Queixava-se de *não poder existir lá [na casa]*, mas também de *ter virado o que mais temia: a jovem sem carreira acadêmica, desempregada, parasitando a casa de um amigo.*

Em termos de condição clínica, a paciente compareceu às primeiras sessões dividida entre seus possíveis querer e os imperativos do dever; *apavorada* diante das demandas colocadas sobre si, tanto as profissionais e acadêmicas, quanto as familiares; no fundo, essas demandas compareceriam imbricadas no seu discurso: *queria ser rica, salvar e cuidar da família. Tomado por culpa, dizendo-se atrasada, Émile mostrava-se paralisada por um dever fazer - morar fora, sair do país, fazer intercâmbio, ir para Oxford - e por um dever ser - ser fodona, admirável, um prodígio, uma grande cientista, que de tão onipotentes e idealizados, provocavam-lhe ansiedade e pânico em relação ao futuro e à possibilidade de não conseguir atender a tais demandas.*

Observava-se ainda uma urgência em atender esses imperativos, como se estivesse com prazo de validade em relação a alcançar *sucesso: Eu estou em um ponto crítico da minha vida; ou eu vou prosperar, ou eu vou desistir de tudo.* Diante da impossibilidade de dar conta dessas demandas, ao buscar a clínica, a paciente se sente *apática, sem perspectiva, sem impulso para a vida; angustiada por ter se tornado essa pessoa apática.* Por ocasião da busca pela clínica do trabalho, Émile estava em acompanhamento psiquiátrico desde 2019, fazendo uso de medicação controlada para depressão, ansiedade e síndrome do pânico.

Tomada pelos imperativos, fixada em significantes da ordem do imaginário e aprisionada em um emprego que não lhe permitia trabalhar, ela se via impossibilitada de questionar-se sobre o seu querer: *eu sinto um bloqueio enorme, eu tenho medo de querer algo*. Ao mesmo tempo, chama atenção no caso, o fato de que, ao buscar a clínica, Émile já tinha tomado duas decisões relevantes: se demitir do emprego de professora e sair da casa em que morava com a mãe e outros familiares. Teria isso algo a ver com o fato de ter se dito, logo na segunda sessão *a-p-a-v-o-r-a-d-a?*

Histórico de Adoecimento

Émile foi *acometida por ataques de pânico a vida toda* e sempre os associava a situações que lhe geravam *insegurança, desencadeando ansiedade e então, a crise*. Enquanto falava dos *ataques*, mencionou que na infância, costumava ter um *sentimento horrível* ao imaginar que a mãe morreria; na adolescência, tinha ataques de pânico quando estava sem a mãe.

Continuou a ter problemas de saúde durante a adolescência, incluindo gastrite e crises que o levaram ao primeiro acompanhamento psiquiátrico. Não fez uma associação direta, mas algumas falas sobre crises de estômago e ataques se deram após Émile relatar decepção com a ausência do pai e com promessa não cumprida de levá-la para morar com ele, quando na verdade, ele mudou para outro estado, indo morar com uma companheira. Desde então, ficaram sem qualquer contato. Referiu *tristeza, abalo e um estilo de vida pouco saudável* nesse período da vida, até que começou a namorar, teve alta do psiquiatra e passou a se sentir melhor.

Por sua vez, o fim de um namoro longo e o fato desse ex-namorado logo ter se envolvido em outro relacionamento, levaram a novas crises de pânico, que culminaram com a busca por tratamento psiquiátrico em 2019. As falas sobre esse término associaram-se à conteúdos sobre *(in)segurança*, inclusive sobre a que viera sentir na última escola em que trabalhou. Queixava-se da *falta de segurança* em relação às medidas de prevenção da pandemia da Covid-19, o que

lhe causava *muita ansiedade*. Sendo assim, quando buscou a clínica, Émile relacionava os sintomas ansiosos e depressivos às questões de trabalho profissional, tanto às particularidades do trabalho híbrido na escola - *vigilância, controle, insegurança* - quanto ao fato de ter pedido demissão do emprego e se ver *desempregada, sem perspectivas profissionais e em situação financeira difícil*.

Até então, a paciente nunca havia tirado licença médica ou sido afastada do trabalho profissional por motivo de doença, mas fora diagnosticada com depressão, ansiedade e síndrome do pânico em 2019, quando retomou acompanhamento psiquiátrico. Fazia uso de medicação controlada e referiu *dependência emocional* desta, apesar da resistência inicial em usá-la.

Histórias de Trabalho

Enquanto trabalhadora assalariada, Émile tivera alguns empregos de professora, totalizando três anos. Suas narrativas não indicam qualquer interesse por essa atividade, ficando claro que se tratava tão somente de uma forma de garantir renda, já que a mãe era balconista e o salário da mesma era *insuficiente* para manter as despesas.

As histórias de atividade profissional dos seus familiares e as condições socioeconômicas nas quais ela e a família estavam submetidas atravessam a relação de Émile com a categoria trabalho de modo significativo. Acredita-se ter sido a partir daí que começaram a surgir angústia e ao mesmo tempo imperativos, que parecem ter sido determinantes na sua organização psíquica, assim como nos afetos que a atravessavam diante das decisões tomadas: sair do emprego e sair de casa.

Desde a infância, via-se dividida entre os *sonhos de realização* comuns na *escola de gente muito rica* em que estudara (paga pela avó paterna), enquanto sua mãe ganhava um salário-mínimo e na rua em que morava, *via crianças passando fome*. Talvez seja possível lançar a hipótese de que o sujeito, pelo laço social, inclusive com o trabalhar, vai construindo

elementos imaginários, um Eu ideal, pelo qual acredita poder se afastar da história de vida difícil dos seus antecedentes familiares e *salvar* a si mesma dessa marca e também a eles. Émile idealizava ser *uma grande cientista, fodona*, incitada pelo discurso meritocrático que atravessa a educação brasileira. Ao mesmo tempo, era tomada por culpa diante do fato de ter pedido demissão do emprego que lhe permitia *mimar* a mãe.

Parece só haver dois lugares possíveis para Émile: mimar ou ser mimada. Mimar é possível para quem tem um emprego assalariado, independente de qual seja, das condições de trabalho e de vida. A quem não se submete aos imperativos decorrentes, resta o lugar de mimado, que poderia ser traduzido também como folgado, de vida fácil.

Percebe-se sofrimento diante da história de vida difícil da sua mãe e dos seus avós maternos, que não tiveram condições sociais e econômicas de escolher uma atividade profissional, mas também parece comparecer certa identificação pela vida de mártir, que eles têm ou tiveram: *ser fodona, salvar a família*. Desde a tenra idade, de algum modo e de diferentes maneiras, esse funcionamento parece ir se estabelecendo: *desde criança, eu sentia que tinha que ajudar a minha mãe, assumir as coisas para aliviar a carga dela*. Isso implicava também em renúncias precoces a determinados quereres infantis: *sempre tive consciência da minha situação familiar, eu não pedia brinquedos, entendia que não tinha grana para brinquedo, isso sempre foi natural*.

Mais adiante, ainda adolescente, Émile vai assumindo cada vez mais essa demanda, esse lugar de *cuidar e salvar* a família. Aos 16 anos, fora barrada no hospital por ser menor de idade, ao querer assumir o lugar de acompanhante do avô. Culpava-se pelo fato dele ter morrido e pensava se algo poderia ter sido diferente, caso estivesse lá. Também assumiu para si a responsabilidade de cuidar da avó materna, quando ela foi submetida a um procedimento cirúrgico, queixando-se de que os demais familiares não o fariam com o devido afinho.

Émile parece ir se posicionando subjetivamente de modo a afastar-se de uma suposta posição de mimada (mim-amada), para se posicionar como quem tem o poder de mimar (mim-amar?). Ou seria mim-amar para, então, ser mim-amada? E qual o lugar do trabalho (remunerado ou não) nesse jogo? É possível traçar como hipótese a construção de uma modalidade de enlaçamento social tal em que a falta não pode comparecer. Émile mencionou o filme *Lilo & Stitch*⁸ para descrever a relação entre ela e a mãe. Lembrou de uma *piada* entre as duas, em que pergunta à mãe: *já comprou um coelho para pôr no meu lugar?* Ao mesmo tempo, em psicanálise, não é qualquer coisa o seu dito, a certa altura: *não senti a falta da minha mãe.*

A lógica de excessos compareceu também à medida em que ela foi trazendo para as sessões um *cansaço* recorrente em relação às demandas na universidade. Dizia-se *apática*, *improdutiva*, *sem vontade de trabalhar*, *sem vontade de fazer nada*. Queixava-se de não conseguir cumprir com os prazos das tarefas e de ser *distraída*. Poderíamos escutar que se *dizia-traída?* Traída pela culpa? Ou culpada por ter traído? Traído o desejo?

A história da sua escolha profissional aponta percalços e conflitos, divisão. Antes do curso que fazia na ocasião, na área social, com viés crítico, Émile fez tentativas de cursar duas faculdades, ambas da área de saúde, em faculdades privadas. Dizia tê-los *odiado*, mas insistia em transferir-se para um deles na universidade. De um lado, parecia haver algo do seu querer ao fazer o curso com ênfase na crítica social, dada a aproximação com seus valores; mas de outro lado, as idealizações construídas em torno de uma carreira bem-sucedida, de *sucesso*, pareciam empurrá-la para buscar uma transferência interna para um curso na área de saúde, com mais *status* social. Haveria alguma relação com a demanda de cuidar e salvar o outro?

⁸ No filme, produzido pela *Walt Disney Pictures*, lançado em 2002, Lilo é uma garota corajosa e aventureira, que nunca tem medo diante dos perigos que ameaçam sua vida, a qual tem como propósito, salvar e cuidar de animais menos favorecidos. Um dia, ela encontra um cachorro e o adota – Stitch. Na verdade, Stitch é um ser alienígena dos mais perigosos da galáxia, fruto de um experimento genético, projetado para ser anormalmente forte, praticamente indestrutível, que então, decide esconder 4 das suas 6 pernas e se fazer passar por um cachorro, para ser cuidado por Lilo.

Percurso e percalços durante a clínica

Ao longo da clínica, Émile foi se envolvendo em estudos e pesquisas em crítica social na universidade, no que foram comparecendo certo interesse e contentamento, notadamente em termos das discussões sociais e políticas que eram possíveis. Ao mesmo tempo, insistia na transferência para o curso da área de saúde, que idealizava desde a infância. Quando começava a referir entusiasmo com pesquisas afinadas com seus valores e posicionamentos políticos, logo em seguida voltava ao funcionamento de se comparar com os demais, dizendo-se *atrasada, por não conseguir ler tanto quanto os colegas* e se pressionava para ler mais, estudar mais, fazer mais.

Entre idas e vindas, vozes e evocações, a paciente voltou a morar com os familiares e descreveu-se como *estressada* com essa volta. Dizia não ter se sentido *acolhida*. Queixava-se da relação com a avó, com a tia e com o primo e da sobrecarga dela e da mãe, tanto em termos das finanças, quanto do trabalho doméstico. Falou da *dificuldade de existir no espaço da casa*.

A partir de um dado momento do trabalho clínico, ela começou a participar de um movimento de ocupação junto com ativistas políticos, dizendo ser isto *a única coisa que animava*, pois que lá, estava *ajudando a construir*. A partir dessa experiência, puderam vir à tona, nas falas de Émile, muitas recordações infantis, de modo que alguns afetos parecem ter sido mobilizados. Alegrou-se o *ambiente acolhedor e de cuidado das pessoas entre si*. Recordou de outras experiências em que *admirava como o grupo era unido, e se cuidava, se conhecia*.

Observou-se ainda que com isso, Émile entusiasmava-se com leituras marxistas *da sociedade, da história* e pôde se dar conta que nos cursos da área de saúde não havia tais discussões. Nesse ponto da clínica, apareceu o significante *conflito*, para dizer de uma discrepância *entre uma realidade interna, em oposição a uma realidade externa*.

A angústia, assim nomeada por Émile no início da clínica, se intensificava, notadamente diante das pressões financeiras advindas com a pandemia, as cobranças da mãe e de fim de semestre na universidade. Chegou um momento em que ela fez uma interessante associação entre as cobranças da família e as cobranças que sofria no último emprego como professora. Além disso, não obstante a culpa costumeiramente presente na sua narrativa, a uma certa altura, falou com firmeza: *eu não quero ter que trabalhar como professora*. Parecia haver algum movimento do sujeito, no sentido de pensar seus interesses, seus quereres, diferenciando-os, em alguma medida, das demandas nas quais estava emaranhado. Chegou a nomear como *fantasia*, o que tinha construído em torno de uma suposta realização profissional.

Entretanto, confrontada com a materialidade das dificuldades financeiras e econômicas amplificadas pela pandemia, Émile voltou a dar aulas e voltou também ao lugar de queixa. Chamava-se de *azarada* e de *atrasada*, posto que *já deveria estar formando, entrando no mestrado*. Ora repetia esse discurso, ora falava do seu desejo de seguir *no ritmo que estava, se dedicando ao curso na universidade e ao trabalho na ocupação*.

Eixo II – Narrativas sobre o trabalho clínico

Dispositivos da clínica lacaniana: transferência e corte.

É em sua demanda dirigida ao clínico, que o sujeito pela via da transferência, vai dando pistas do seu modo de gozo, do seu posicionamento na cadeia discursiva, do seu funcionamento na relação com o Outro. No caso aqui em questão, Émile chegou dizendo-se *a-p-a-v-o-r-a-d-a..*

Interrogada sobre as razões da sua busca pela clínica, queixou-se da sua atividade profissional e das demandas familiares. Não obstante, tinha tomado decisões e feito algum afastamento desses dois universos: demitiu-se do emprego e foi morar com amigos. Aposta-se com isso, que pudesse estar fazendo algum movimento na direção de um reposicionamento

subjetivo, de uma separação entre si e as demandas do Outro. Talvez alguma aproximação com algo do vazio. Seria isso que lhe causou tanto pavor?

Émile queixava-se de *falta* de suporte na escola em que trabalhava, recordou um ex-namorado como um grande *suporte*, definia-se como alguém que estava *parasitando* o amigo com quem morava, *dependente da mãe*, ao mesmo tempo em que fez um apelo ao clínico que pode ser interpretado como: você é capaz de me suportar mais além, sem corte, sem limite?

Ao endereçar sua demanda, Émile falava sem parar ao longo das primeiras sessões, que muito frequentemente, duravam mais de uma hora; foi recorrente, nos diários do clínico, o registro de certa dificuldade em se colocar e manejar o tempo das sessões. Tinha questões a fazer, mas *não tinha espaço para perguntar*, não conseguia cortar ou interromper o raciocínio de Émile; considerava pouco, o tempo de uma hora de sessão, que seguia até que Émile parasse de falar por si. Ao final de uma delas, o clínico pontuou que a paciente poderia falar com ele *quando precisasse, mesmo que fora do horário*. O dispositivo do corte, pela via do tempo de sessão, parece difícil de ser sustentado pelo clínico.

Émile **não perde** tempo: envia longa mensagem ao clínico. O texto continha 39 linhas e nele, ela reiterava seu estado de *a-p-a-v-o-r-a-d-a, sem saber o que quer, angustiada*. Após lê-lo, o clínico respondeu colocando-se à disposição para atender Émile no dia seguinte. Aplacar a angústia parece urgente para ambos e a divisão, o corte não se sustentam. O clínico ainda registrou em seu diário: *ela traz conteúdos e visões muito críticas e esclarecidas, além de leituras que eu gosto. A sessão estava boa e resolvi continuar além do tempo*. Algumas questões podem ser suscitadas: a) o que estaria em jogo em tais intervenções? b) o que elas podem apontar em termos de manejo da demanda e da transferência? c) quais os seus efeitos no trabalho clínico?

Em termos das intervenções clínicas, a análise dos dados das dez primeiras sessões apontou a presença de alguns elementos: a) certa recorrência de marcações do clínico para a

paciente, ao final das sessões; b) que tinham como teor, a devolutiva de algum significante marcante usado por Émile; c) aos quais se seguiam interpretações que poderia ser ditas, pelo seu teor, explicativas, com ênfase na interpretação do sintoma, do dito; d) seguidas de recomendações para a paciente *pensar sobre* e algumas vezes, com e) recomendações de livros.

No que tange às marcações ao final de cada sessão, observa-se—nos diários do clínico referentes às dez primeiras—pistas do que vamos arriscar nomear aqui como algum atravessamento da ordem do imaginário: *estou nervoso quanto à intervenção final*. Qual será o lugar dessa intervenção final? Haverá aí algum imperativo, injunção, demanda? De onde vem?

Em termos de supervisão, no primeiro tempo dessa clínica, até a 10ª sessão, observou-se ênfase na discussão de algumas questões teórico-conceituais: incidência do discurso capitalista e da sua lógica de onipotência sobre o adoecer psíquico da trabalhadora, a questão da simbiose com a mãe e elementos da metáfora edípiana que estariam em jogo. Em paralelo, também foram pontuados elementos da relação transferencial, com orientações em termos de conduta clínica que incluíram: *atentar para não fazer demandas, escutar mais, pensar no uso do silêncio e questionar os significantes*.

Então, parecemos adentrar num segundo tempo dessa clínica, no qual alguns elementos interessantes começam a ser observados: silêncio e outros significantes. Nas sessões 11 e 12, observou-se a ausência de registros em termos de redação dos diários, tanto o do clínico, quanto o de supervisão. A partir da 13ª sessão, o silêncio do clínico durante as sessões começa a ser referido nos seus diários e parece tomar algum lugar na clínica. Parece se tornar possível alguma ênfase na escuta, quando o clínico diz: *Não estava lá muito a fim de falar nos últimos dias, mas a Émile tem tido muito afinco em trabalhar suas questões*.

A partir daí, observa-se outros movimentos em termos das intervenções clínicas, que se mostraram menos explicativas, terminando com questionamentos e/ou devoluções de questões

colocadas pelo sujeito. O clínico parece prescindir de estar em cena, do ponto de vista do ego. Também parece ter sido um marco, o fato de que as interpretações do caso feitas pelo clínico passam a ter ênfase numa *simbiose* entre o sujeito e a mãe, o sujeito e sua família. Mais adiante, nessa lógica, o clínico conseguiu interrogar a paciente: *Isso é seu, é da sua mãe ou é da sua família?* Acredita-se que como efeito de tal intervenção, em sessões subsequentes, Émile começou a trazer algo do seu querer; por exemplo, conseguiu falar: *não quero mais ter que trabalhar como professora.*

Da 15ª sessão em diante, o diário do clínico aponta para o uso, por ele, de significantes interessantes, como *interromper*. O clínico relata fazê-lo, seja para perguntar algo, interpor uma questão ou finalizar a sessão e parece começar a experimentar algo em termos de espaço para o vazio. Começaram a comparecer alguns relatos nos seus diários como: *fiquei sem saber o que dizer*. Chama atenção que esse movimento esteja num espaço de tempo em que há um longo período sem registros no diário de supervisão (da 12ª a 21ª sessão) e sem qualquer menção a alguma discussão que possa ter sido feita.

Enquanto isso, Émile dizia se sentir em *lugar nenhum*, e suas falas traziam a questão do desamparo em que se sentia. Aqui, perguntamo-nos: faria algum efeito devolver esse significante para o sujeito, questionando-o? Estaríamos diante da possibilidade de abrir espaço para que algo da angústia de separação, decorrente de algum encontro com certo esvaziamento, pudesse ser trabalhada? Seria uma possibilidade de questionar os significantes vazio, abandono, de tal sorte que eles pudessem ser questionados, retirando-lhes, quem sabe, os significados que recaem comumente sobre eles?

Em concomitante ao *lugar nenhum*, ao *desamparo*, no discurso de Émile, a culpa começava a comparecer de outro modo: culpa por desamparar a mãe, culpa por estar se sentindo bem e constatar que a mãe não o estava. A paciente se surpreendia com o mal-estar da mãe: *já passamos por situações piores, não entendo por que ela está tão mal. Normalmente eu que*

ficava mal com esses problemas financeiros. Seria desamparo ou separação, desamparo e separação? Mais à frente, com uma mudança de supervisor, na 22ª sessão, chegou-se a discutir no coletivo, a possibilidade de abrir a cadeia discursiva e questionar os significantes amparo/desamparo. Entretanto, o clínico não conseguiu dirigir o tratamento por esse caminho.

Não obstante, mais adiante, ele registrou no memorial que o sujeito *falava com muita lucidez e crítica sobre a simbiose com a mãe*, chegando a dar conta de dizer: *cansei de ser mãe da minha mãe*. Chegou a elaborar sobre as *exigências da família uns sobre os outros* e nesse ponto do trabalho clínico, o sujeito conseguiu se dirigir à mãe e travar uma *conversa longa, dolorosa e séria*.

Émile começou a trazer relatos de novas experiências amorosas e sexuais. Estariam elas indicando algum movimento a mais no caminho da separação, da saída da simbiose, inclusive aquela que talvez estivesse a se repetir pela via da transferência? Curiosamente: a) o clínico usou o significante *surpresa* para nomear sua reação diante desses relatos; b) esse afeto não compareceu na supervisão e logo, c) não houve espaço para algum trabalho por parte do clínico.

A paciente, por sua vez, voltou a trazer em sessões subseqüentes a questão do desamparo, agora, articulados à ausência do pai. Observou-se, em paralelo, um certo retorno de interpretações mais longas por parte do clínico, com uso de significantes como *expliquei, vou ter que...*; também houve um retorno a recomendações do clínico, ao fim das sessões, para que a paciente pensasse sobre certas questões. Nesse caminho, não demorou para que Émile tivesse recidiva dos ataques de pânico e que, diante deles, adotasse como estratégia, pesquisar e ler artigos sobre o assunto. Em sessão, chegou a associá-los à *estranha intimidade* que estava conseguindo ter com um novo parceiro sexual. Aqui também, embora eles constem nos registros, não há dados que apontem para algum trabalho em torno desses significantes, nem na sessão, entre clínico e paciente, nem em supervisão.

Mais adiante, observa-se alguma referência ao uso do dispositivo do corte, na 22ª sessão. Aproveitando o silêncio de Émile após uma marcação, o clínico encerrou a sessão e no seu diário, pela primeira vez, há a referência ao uso desse dispositivo laciano, por meio do corte temporal da sessão, que passou a ser usado subsequentemente, em especial, nos momentos que a própria paciente colocava em questão, os significantes ditos por si.

A partir daí, observa-se um retorno à repetição por parte da paciente, que aparece justo diante do agravamento das dificuldades financeiras decorrentes da pandemia, no que ela parece viver muito intensamente um desamparo social. Então, seu discurso passou a ter ênfase nas queixas e nas cobranças sobre si, as quais parecia ter conseguido pôr em questão. De outro lado, observa-se uma afetação por parte do clínico, em cujo diário há a menção de *confortar a paciente*.

Desse ponto em diante, e até a 34ª sessão, observa-se um intenso retorno às queixas e ficaram mais intensas as demandas da paciente sobre si, os “chamados de”, no que voltaram a comparecer os insistentes relatos de cansaço, no que ela deixa escapar: *só queria que minha mãe passasse a mão na minha cabeça*. Desse ponto da clínica em diante, surgiu o significante *diz-traída* e muitas queixas envolvendo: a) o trabalho doméstico e de cuidado com os familiares, b) o excesso de tarefas para cumprir na universidade, c) o modo de organização do trabalho nas escolas em que atuou e d) o sentimento de *rejeição da mãe*, que *desprezava* seu trabalho de estudante e de professora.

Curiosamente, nesse mesmo espaço de tempo, observa-se com certa frequência nos diários do clínico a questão da *necessidade de confortar a paciente*, e voltam a acontecer relatos sobre suas dificuldades em interromper o discurso, sob a justificativa de *não achar espaço*.

No memorial da 35ª sessão, observa-se ênfase por parte da paciente, em relatos sobre o trabalho de professora, no que o clínico adotou uma conduta diferente. Fez questionamentos que abriram a cadeia discursiva, ao mesmo tempo em que fez análises e intervenções que

indicam para uma leitura crítica sobre o modo de organização do trabalho no contexto capitalista, aspecto este até então não observado em sua escrita. O clínico costumava se incomodar com o que nomeava como *querelas do emprego de professora*. Émile, por sua vez, deu sinais de alguma elaboração em torno da culpa por ter pedido demissão, tomando-a como consequente da *impossibilidade de dar conta de tudo*, de modo que veio a falar do fato de ser *impossível permanecer nesse lugar*.

Parece haver, no seu dizer, algum contato com perda, a castração. O confronto com isso se mostrou angustiante, no que Émile voltou a trazer sobre seu suposto *atraso na vida*, parecendo retornar ao emaranhado das demandas e das vozes do supereu. Os diários do clínico indicam: *ela falou muito, contou várias histórias e me cansei*. O clínico faz intervenções no discurso da queixa, a paciente o retoma, **emenda** uma história na outra, tomada pela voz: *ter sucesso*; o clínico, por sua vez, insiste com questões provocativas sobre a amarração nessas demandas e suas consequências, no que vem o silêncio de Émile.

Adiante, ela trouxe sobre seu gosto pela vida acadêmica, notadamente pelo trabalho de pesquisa junto à militantes em projeto na universidade, referindo entusiasmo com esse trabalho. Novamente parece fazer contato com algo de renúncia, perda, castração: *teria que abdicar de planos e outras coisas para seguir por aí*. Chegou a se questionar sobre ser transferida para o curso da área de saúde. No diário do clínico, um avanço também: *não soube o que dizer a ela*. *Terminamos com a dúvida*.

Chega-se aos registros das últimas sessões, dentro do recorte longitudinal desse estudo, e eles trazem relatos do sujeito sobre *desamparo*, o qual é associado por ele com sintomas psicossomáticos que lhe acometeram. O discurso em torno das questões financeiras decorrentes da pandemia ganha força, de modo que, diante disso, a paciente revelara que, junto com a mãe e a avó, voltaria a morar numa casa onde moraram na sua infância. O clínico fez intervenção perguntando sobre os diferentes lugares onde a paciente morou e os afetos mobilizados, no que

ele deixa escapar: *nunca me senti em casa em lugar nenhum*. Falou que aquela casa era um *lugar cheio* e que *não sentia que tinha espaço lá*. Sendo um *lugar cheio*, a falta não pode comparecer. E sem falta, como pode haver *espaço* para o sujeito desejante?

Os diários do clínico, trazem ênfase em conteúdos verbalizados pela paciente. Não há mais menção aos afetos mobilizados. Seria o cansaço mencionado por ele? Observou-se também, mais uma vez, algum recuo em termos de sustentar o corte temporal e interrupções na cadeia discursiva, sendo que, quando o clínico os tentava, a paciente ignorava e seguia adiante, *falando muito, contornando as questões sobre si, voltando para o mesmo discurso*.

Eis que até aqui, a clínica parece caminhar entre movimentos e impasses: velhas queixas, tentativas de intervenções na cadeia discursiva, de corte no gozo. Silêncio, algum vazio, castração, falta (?). Angústia, alguma proximidade do querer, culpa... e novas velhas queixas.

Formação do Clínico e Supervisão

Em termos de formação, o clínico que atendeu o caso era um estudante do gênero masculino, no último ano do curso de psicologia. De início, tanto pela observação realizada durante os encontros de supervisão e de discussão de casos, quanto pela análise dos registros, não foi possível constatar experiências anteriores como trabalhador assalariado, nem de aproximação teórica com a psicanálise ou com teorias críticas do trabalho. Também não há elementos para supor que um trabalho de análise pessoal estivesse em andamento.

Não obstante, no primeiro tempo da clínica, 9ª sessão, notadamente após uma mudança de supervisor, observa-se nos seus diários, indicativos do estudo da teoria, notadamente sobre Complexo de Édipo freudiano, com o qual observa-se certo entusiasmo: *sinto que ler sobre a teoria tem ajudado um monte*. De outro lado, é somente na 25ª sessão, no terceiro tempo da clínica, que surgem nos registros, uma referência ao modo capitalista de produção, ao discurso a ele subjacente e suas possíveis articulações com o caso.

Pensando nos (des)caminhos de uma clínica psicanalítica, é sabido - como proposto desde o início por Freud, sustentado também por Lacan e reafirmado por Mendes - que a formação do analista assume um lugar de importantíssima relevância e dentro desta, a supervisão clínica constitui-se como elemento basilar do tripé: análise pessoal, estudo da teoria e supervisão.

Por outro lado, há que se considerar que, numa psicanálise, isto é, numa clínica psicanalítica, a relação com o saber toma uma dimensão muito peculiar. Trata-se de um saber inconsciente, não-sabido, não-todo e que somente poder via à tona num depois, pela via de um trabalho de perlaboração. Trata-se, pois, de um saber que “acontece” sem que o sujeito tenha controle sobre ele. Faz-se uma aposta e continua-se a trabalhar, apesar das resistências; não se trata, numa psicanálise, de suprimi-las, as resistências, mas de confrontá-las e manejá-las.

Na formação do analista e no curso de uma clínica, a supervisão pode ser pensada como esse espaço, intervalo, que permite um pensar analítico sobre a experiência da escuta (Derzi & Marcos, 2013). Acredita-se ser através dela, que o clínico pode pensar o seu fazer, pensar os efeitos das suas intervenções e então, algo poderá ser elaborado.

Nesse sentido, a escrita dos registros pelos clínicos, como proposto no projeto em estudo nessa tese, pode ser um interessante recurso. Não como uma prestação de contas ao projeto ou aos supervisores, embora sem eles não seja possível, por exemplo, a realização de pesquisas como a que propõe aqui. Mas ali, no transcorrer de uma escuta, parece importante que o ato de escrever, possa ser experimentado a partir de outro lugar, como um recurso que pode levar a pensar o saber-fazer na clínica, as intervenções e seus possíveis efeitos, e assim, alguma elaboração, quem sabe, possa dar-se num só depois, ao longo de uma jornada.

Da parte do supervisor, tem-se por sua vez, que ele pode ser tomado como aquele que vai inaugurar um espaço, um intervalo, subvertendo a relação com o saber (Derzi & Marcos,

2013). Talvez, a partir daí possa acontecer um giro discursivo: do discurso do mestre e do universitário, ao discurso da histórica e quem sabe, ao discurso do analista.

Quanto ao caso aqui em questão, destaca-se que os encontros de supervisão: a) aconteceram de modo coletivo, entre clínicos e supervisores; b) em alguns momentos, contaram com a participação de observadores-participantes, como foi o caso da pesquisadora à frente deste estudo, e outros que posteriormente vieram a assumir a função de supervisores; c) estiveram à frente, como supervisores, em momentos distintos, três profissionais, sendo um freudiano e dois de freud-lacanianos; d) aconteceram de forma remota.

Em termos da frequência da escrita dos diários de supervisão, observa-se oscilações na sua realização, o que talvez possa ser um indicativo do lugar ocupado por ela na formação clínica. Das 43 sessões realizadas, há registros de 12 diários de supervisão, os quais estão distribuídos ao longo da clínica, entre o primeiro e o terceiro tempo desta, conforme se verá em tabela adiante.

Ainda sobre este aspecto, lança-se a hipótese de que a baixa frequência da escrita dos diários de supervisão (menos de 50% de todas as sessões) possa ter tido efeitos desfavoráveis no manejo clínico, considerando-se o lugar de subversão da relação com o saber, que pode assumir a supervisão, notadamente quando não há indicativos da realização de um trabalho pessoal de análise pelo clínico (Derzi & Marcos, 2013). Reafirmam essa hipótese, a observação de que alguns momentos interessantes no manejo clínico—notadamente quando o clínico começou a dar indicativos de algum movimento na direção de ocupar um lugar vazio, usar de uma fala sem voz, apostando no saber inconsciente—coincidem com os períodos em que os diários foram escritos.

Outro elemento que parece ter sido importante quanto a esse mesmo efeito, foi a ênfase numa supervisão lacanianiana, notadamente em termos de lançar questões sobre a função do analista enquanto objeto *a* e o trabalho em torno dos significantes. Não obstante, arrisca-se

dizer que somente a partir da supervisão, sem o aprofundamento na teoria e sem um trabalho pessoal de análise, não foi possível para o clínico sustentar esse lugar e esse manejo.

Durante as dez primeiras sessões, observa-se impasses e dificuldades em sustentar uma fala sem voz e também dificuldades em se posicionar diante de eventuais vozes na supervisão. As marcações feitas nesse espaço, sobre a questão do tempo da demanda e o lugar do vazio, repercutiam como vozes no *setting*, conforme se pode constatar nesse trecho de um dos diários, quando o clínico diz: *hoje eu conseguir ficar quieto, calado, mas senti vontade de perguntar, em alguns momentos.*

Quanto à possibilidade de trabalhar com o dispositivo do corte, isso chegou a ser objeto de estudos teóricos pontuais no grupo de pesquisa, em paralelo à supervisão, na tentativa de fornecer algum subsídio para os clínicos do projeto. Também foram sinalizadas em supervisão, possibilidades de cortes no discurso e nos significantes: diz-traída e mi(m)-(a)mada. Em alguns casos, observa-se, pela natureza do registro no diário de supervisão, que o clínico não conseguiu escutar e nem trabalhar com tal dispositivo. Até mesmo o corte temporal da sessão, foi difícil de sustentar.

Quanto à natureza dos conteúdos e questões presentes nos diários de supervisão, observa-se a presença de: a) leituras teóricas sobre o caso; b) interpretações que vieram à tona na supervisão; c) vozes e imperativos: *não recomendar livros, ocupar o lugar do vazio, ficar em silêncio, me soltar.*

Considerando-se especificamente uma articulação entre os diários de supervisão do clínico e as notas de supervisão da observação-participante, constata-se que alguns incômodos e afetos que são relatados nos diários não compareceram em supervisão, de modo que não puderam ser trabalhados. À título de ilustração, ressalta-se as seguintes: *foi tranquilo lidar com a repetição; senti vontade de falar, mas não falei; sinto que o que tenho falado, não tem dado certo; acho que fui bem no lugar do analista.*

Nesse mesmo sentido, adiante, mais para o final do recorte longitudinal feito no caso, o clínico se sentiu *sem saber o que dizer, em dúvida também*, diante da aproximação do sujeito com algo do seu querer, de um lado; e de outro, do confronto com as demandas decorrentes da disciplina da fome e da pobreza, agravada com a pandemia. Nesse ponto, observou-se indicativo de uma afetação tal que o clínico pareceu sentir um pouco na pele, o que era vivido pela paciente; ou talvez, por não ter condições de sentir na pele, se pegou confrontado com a falta, de palavras. Do mesmo, modo, essas questões não compareceram em supervisão.

Então, pode-se pensar que algo em termos da implicação do clínico nesse pilar importante da formação, que é a supervisão, possivelmente estava comprometido. Haverá alguma relação com o fato de a supervisão ser realizada coletivamente, no que arriscar-se a falar pode se tornar ainda mais complexo, do ponto de vista de uma exposição? Terá alguma relação com o fato de ter acontecido remotamente? Que outros atravessamentos poderiam estar em jogo? Haveria alguma relação com a composição do coletivo de supervisão, que por vezes ia além da presença do supervisor e dos clínicos? Questões que podem nortear pesquisas futuras.

Na tabela 2, a seguir, pode-se observar uma tentativa de síntese do que fora exposto aqui, para melhor visualização.

Tabela 2*Tempos da clínica*

| Tempos da clínica - Itens em análise | 1º tempo (1 à 10ª sessão) | 2º tempo da clínica (11ª à 22ª sessão) | 3º tempo (23ª à 43ª sessão) |
|---|---|--|---|
| Nº de diários de supervisão disponíveis | 05 | 00 | 07 |
| Orientação teórico-clínica do supervisor | Freud-lacaniana Freudiana | Freud-lacaniana Freudiana | Freud-lacaniana |
| Discussões predominantes na supervisão | Discurso capitalista –vozes do SE – Adoecimento; Orientações manejo clínico: abrir a cadeia discursiva, ocupar o lugar do vazio, atentar para as demandas em jogo. | Orientações manejo clínico: trabalhar com o corte nos significantes; escutar o dizer a partir dos ditos. | Aspectos teóricos: angústia, castração, desamparo; Discurso capitalista e vozes do supereu; Orientações manejo clínico: Discurso do analista, clínica do real, trabalhar com os significantes, intervenções no gozo, atentar para vozes e demandas. |

VI. Cale-se, trabalhe e goze

“É preciso ter uma ideia não apenas das formas que o mal-estar adquire, mas também daquilo que o funda, se quisermos responder a isso”
(Soler, 2016, p. 12).

Considerando-se os objetivos dessa tese, que se articulam tanto à demonstração de categorias teóricas da Psicopatologia Clínica do Trabalho, quanto à uma análise dos dispositivos lacanianos que operam no trabalho de ensurdecimento das vozes do supereu, far-se-á a discussão do caso clínico em dois capítulos. Este, intitulado Cale-se, trabalhe e goze e próximo, Falar, trabalhar, desejar: impasses e possibilidades na Clínica Lacaniana do Trabalho.

Assim sendo, com este capítulo, objetiva-se, partindo da noção do circuito da pulsão invocante e sua articulação com as relações de trabalho no Brasil, discutir a natureza das vozes que comparecem nos ditos da paciente, bem como os chamados que elas fazem e o modo pelo qual elas enlaçam o sujeito do trabalho. Nesse sentido, uma análise do caso Émile vai apontando pistas interessantes em torno dos pressupostos teóricos da Psicopatologia Clínica do Trabalho.

É possível pensar, por exemplo, no chamado imperativo e categórico das vozes do supereu que veiculam a promessa sedutora e voraz do discurso capitalista: “Venha! Seja grande, rica e fodona! Salve os seus, só depende de você!” Observa-se aí a natureza do apelo, do chamado à total identificação com a grandiosidade do capital (Facas, 2020), associado à promessa de um gozo (Mendes, 2018, 2022) no lugar de salvação - de si e do Outro - e onipotência, como se fosse possível aniquilar qualquer sofrimento. Parece ser esse um ponto de engate psíquico do sujeito pela voz que faz o chamado: Émile supõe que se sendo rica e

fodona, poderá salvar seus familiares. Salvará a mãe e poderia ter salvo o avô, que sofreu acidente de trabalho e depois veio à morte.

Desde a infância, Émile teve contato com dores e sofrimentos de seus familiares, causados pela precarização e vulnerabilidade a que eram expostos em suas atividades profissionais precarizadas. Em tempo, a saída já estava posta pelo discurso capitalista colonial, no qual o sujeito—sujeito da linguagem, sujeito histórico—está submerso. E essa saída é simples e fácil, não precisa de laço social, de cooperação, de ninguém: “só depende do seu esforço, do seu trabalho”. É o sujeito da onipotência, capaz de salvar-se a si mesmo e aos outros. Como? Eis o chamado, que se dá por meio do “seja assim, não seja assim”: “não seja como seus familiares: estude duro, aprenda com as pessoas bem-sucedidas, seja grande, uma cientista, more em Oxford”. Ao mesmo tempo: “Seja como seus familiares: sacrifique a si mesmo. Não pense nos seus quereres, não perca tempo com isso. Cale-se!”

Émile, não obstante as limitações financeiras, desde a tenra infância foi colocada para estudar numa escola de crianças ricas, porque a solução está aí, na acumulação de riquezas. E como fazê-lo? “Cale suas dores, suas angústias, estude duro, sem parar e você poderá vencer seus próprios limites”. Portanto, “cale-se, trabalhe e goze!”. O chamado das vozes é imperativo e a demanda é de total engajamento do indivíduo, uno, que tem uma única saída, já claramente estabelecida, padronizada para todos que querem ter o famigerado sucesso.

Observa-se, de um lado, que não há laço, já que estamos diante do discurso capitalista e nele se fabrica o “universal fácil, uma visão globalizada da fantasia” (Soler, 2016, p. 9) em que há um modo de gozo único, mediado pelas aquisições e bens que o trabalho capitalista, pela via do consumo, pode proporcionar e que são elevados à categoria de objeto *a*. Ao mesmo tempo, arrisca-se dizer que esse discurso, na sua variação enquanto discurso do mestre, forja nós, aprisionamentos, também alçados a categoria de laços. Por outro lado, Soler (2016, p. 16) ao questionar o estatuto dos agrupamentos humanos que o capitalismo preside, elucida: “Eles

são do tipo agregado. O agregado não é uma multidão consistente, não tem a estrutura de um conjunto, não tem o Um instituinte. É uma multiplicidade inconsistente que a imagem do monte de areia ilustraria muito bem”. Nessa perspectiva, “associar-se aos seus mais-de-gozar industrializados não é o mesmo que associar-se ao seu semelhante; a causa capitalista não solda os indivíduos entre si e deixa cada um reduzido ao seu corpo, fora do laço” (Soler, 2016, p. 16).

Pensando-se isso em termos das relações que se dão nos contextos de trabalho, nos ocorre a curiosa lembrança de que ao longo do recorte longitudinal feito para a análise deste caso, no discurso que Émile trazia para a clínica, ao discorrer sobre as escolas em que trabalhara, não apareceram narrativas sobre colegas, outros professores, chefes, ou alunos, nem mesmo para dizer dos conflitos e problemas vividos. Eles parecem dissolvidos, como que inexistentes, porque o que importava mesmo era sua meta de vida.

Nessa lógica, tem-se a exaltação ao trabalho capitalista, o qual por meio do pressuposto da meritocracia, veicula a promessa de que fazendo o que os preguiçosos não fazem, trabalhando mais, tendo mais, acumulando mais, será possível ser mais (Mendes, 2018), ser tudo, “comprar o que quiser, de qualquer lugar, a qualquer hora, sem fronteiras”, como veiculam propagandas de aplicativos e lojas virtuais.

Partindo daí, é que se pode localizar, em termos de circuito da pulsão invocante e sua relação com o sujeito do trabalho, um bloqueio, em que esse sujeito do trabalho é aprisionado no chamado ao gozo, gozo do Outro, mais-de-gozar e com isto, vai havendo um fechamento da sua cadeia discursiva enquanto sujeito do inconsciente, já que a intensidade das vozes é tamanha e a promessa de gozo é tão sedutora, que o sujeito não vê outra saída, se não ceder do seu desejo.

E isso, em se tratando das marcas históricas que atravessam a classe-que-vive-do-trabalho no Brasil, parece ser algo dado antecipadamente no discurso, como fica claro no dito

de Émile ao se referir à culpa por ter se dado o direito de pedir demissão do emprego de professora: *minha mãe, meu avô, minha avó, nunca escolheram um emprego, tinham que sustentar a família.*

Pode-se pensar que no discurso capitalista, o indivíduo, historicamente e num *a priori*, já está fixado no lugar de sujeito do trabalho. Possivelmente estamos diante de um pressuposto estrutural da lógica própria do capitalismo colonial digital brasileiro. Logo, é daí que pensamos o trabalho assalariado no Brasil como trabalho morto.

Se em Marx, o trabalho na sua dimensão ontológica é criação, é o trabalho humano de transformar a si e à natureza a sua volta por meio da criação e do uso dos meios de produzir, e na lógica capitalista brasileira, com suas marcas históricas, o sujeito é impedido de se colocar, de pensar sobre os seus quereres, ele é sujeito do trabalho, subjugado, oprimido, distanciado de si como humano pensante. E o circuito da pulsão no trabalho, já está posto como bloqueado.

Veja-se que Émile é uma jovem de pouco mais de 20 anos, com tempo relativamente curto de trabalho assalariado ao longo da vida. Além disso, pelos seus relatos sobre os *sonhos de realização* desde a infância e sobre a suposta escolha profissional, já se percebe um aprisionamento no discurso meritocrático e de sucesso que faz demanda e promete gozo. Portanto, o aprisionamento pela voz “cale-se, trabalhe e goze” parece anterior a sua entrada no mercado de trabalho. O discurso da promessa em torno do trabalho assalariado capitalista envolve o sujeito muito antes que este ocupe o lugar de trabalhador remunerado. É sustentado em diferentes contextos, na mídia em geral, nas escolas, nas relações parentais, por meio dos veículos de comunicação e na produção de saber.

No caso estudado, não foi possível identificar, especificamente, uma articulação entre as vozes proferidas nas organizações às quais a trabalhadora esteve vinculada e o seu processo de adoecimento. Não obstante, pode-se constatar que os sentimentos de abandono e falta de suporte vividos por Émile no contexto de trabalho como professora, intensificados diante do

trabalho híbrido, associado, por outro lado, a um intenso controle de “tempos e movimentos” por parte da organização, funcionaram como elementos disparadores de muita ansiedade.

Aprisionada pelos significantes que a amarravam no lugar social decorrente do trabalhar, no tempo do Resistir-Desistir (Mendes, 2018), no tempo do calar, Émile, oprimida e desamparada no trabalho de professora e depois na condição de desempregada, com o acirramento das dificuldades financeiras decorrentes da pandemia, tem nos sonhos infantis de realização por uma atividade profissional, a promessa de gozo e plenitude. Trata-se de uma idealização tal, nutrida e sustentada pelas vozes, que fazem-na acreditar que tudo lhe será possível por meio do trabalho assalariado.

Tal trabalho idealizado assume, portanto, o lugar de destino absoluto da pulsão, como objeto que permitirá o gozo pleno, completo, ao tempo em que impede qualquer gozo fálico que possa se dar no percurso de uma vida. Emile não se permite o gozo possível, fálico, limitado, que deixa um resto; mas que, em deixando uma falta, pela pulsão não satisfeita, pode mobilizar desejo. Nos parece que algo desse gozo que tem como efeito um “alívio incompleto” (Nasio, 1993, p. 27), parcial, se apresentou para ela a partir do encontro com o trabalho de construir-se na ocupação e nos estudos de teoria crítica na universidade.

Entretanto, a promessa poderosa e a repetição que se articula ao mais-de-gozar, faz o sujeito retornar ao tempo do Resistir-Desistir, trazendo de volta as vozes do supereu que sabem tudo sobre o indivíduo e não o permitem advir como sujeito do desejo, “reclamam obediência e convicção” (Lacan, 1962-1963/2005): “você não tem a mesma bagagem de leitura que seus colegas de outro percurso sócio-econômico-cultural. Estude mais, faça mais, entregue tudo para ser fodona. Não perca o foco!”.

Fica claro que essas vozes se articulam a um gozo que, como assevera Mendes (2022, p. 29), “trabalha a favor do capital, é produtivista, acumulador e consumista”, funcionando a partir de uma retenção no interior do sistema psíquico, que impede qualquer saída pulsional

incompleta e coloca o psiquismo sob um estado de alerta (Nasio, 1993)—“mantenha o foco”—gerando um excedente que aumenta a tensão e gera novas expectativas de satisfação plena, a partir do investimento num objeto mais além.

Pode-se ainda asseverar, que também se articula, em certa medida, ao modo de funcionamento do Gozo do Outro, em que se supõe nesse Outro - lugar tomado pelo trabalho capitalista no discurso colonial e colonizante - a fonte poderosa de satisfação, portanto, de descarga total da pulsão, sem o entrave de nenhum limite (Nasio, 1993).

Esse trabalho do gozo, que nutre e sustenta o capitalismo, obviamente é morto e faz desaparecer o sujeito na sua singularidade, posto que impõe como demanda, se fazer igual a todo custo; demanda incitada pelo pragmatismo tarefeiro e pela lógica produtivista que adentra também a universidade, assentada que está no discurso do mestre. O saber é tomado como todo, universal por excelência. São as injunções, interrompendo o circuito da pulsão invocante e a possibilidade de o sujeito advir (Vivés, 2020), fazendo-o mudo, aprisionado no mais-de-gozar e/ou na promessa dele.

Nessa lógica que sustenta o discurso capitalista colonial, impera o que Mendes (2018) nomeou como jogo do surdo-mudo. A surdez está posta porque no discurso capitalista não tem laço social, logo não tem sujeito da fala, só há gozo, na modalidade mais-de-gozar. O sujeito do trabalho, impedido de comparecer como sujeito do desejo, aprisionado pelos imperativos que atravessam a sua relação com o trabalhar, fica sem fala, porque tomado pelos “chamados de”, que ora são depreciativos, como se pôde observar no discurso de Émile, ora são apelos narcísicos (seja fodona!), articulados à promessa de gozo pleno, que insiste na negação da falta e da castração.

E o mutismo do sujeito, sobre o qual nos questionamos nas perguntas que norteiam esta tese, se dá mediante o bloqueio do circuito da pulsão invocante, articulado ao imperativo de subalternidade posto no discurso, como marca histórica na constituição do Brasil, país

colonizado. O trabalhador é então, pelo discurso, fixado na condição de sujeito do trabalho, de tal modo que se possa, em paralelo, vender a ideia falaciosa de uma libertação por meio do trabalho capitalista e do consumo. Apostamos ser esse o modo de relação que se estabelece *a priori* no e pelo discurso capitalista colonial brasileiro, tomado enquanto estrutura, enquanto “aparelho cuja mera presença, o status existente domina e governa tudo o que eventualmente possa surgir de palavra” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 158).

É o que se pôde perceber no caso estudado, em que Émile traz no seu discurso um grande incômodo com as *crianças ricas*, tanto os colegas de escola na infância, quanto seus alunos, ao mesmo tempo em que idealiza sê-lo. Na estrutura do discurso, enquanto modo de relação, tem-se o colonizado, seduzido pela promessa de ascender ao lugar de colonizador, tendo no trabalho assalariado o meio para tal, a depender tão somente da sua dedicação e entrega absoluta, sem limites.

Nessa estrutura discursiva, é pelo trabalho assalariado, que o sujeito, assujeitado, poderá obter, segundo a promessa capitalista, um tal objeto *a*, sempre mais além, mais adiante, que enfim, garanta a satisfação completa da pulsão e a ascensão a um Outro lugar. É assim que Émile dizia poder mim(am)ar a mãe e salvar a família, ainda que para tanto, tivesse que se assujeitar a um emprego qualquer. Mas a saída pode ser outro emprego, outra carreira, a de cientista, diz o discurso.

Fica claro que estamos diante de uma estrutura discursiva anterior às palavras, que as ultrapassa e ao mesmo tempo as determina, numa amarração tal que é histórica e que funda o psíquico. A suposta saída é falaciosa, no fundo preserva a mesma lógica, a mesma posição na estrutura discursiva, sujeito do trabalho, explorado, expropriado de si e das suas possibilidades como vir-a-ser. Tentando sair de um ‘chamado de’ mimada, parasita, o sujeito é aprisionado em outro ‘chamado de’ fodona, grande, sendo que nenhum deles se constitui como chamado a,

como chamado a vir a ser, a construir(-se). Ambos partem de um saber *a priori*, um saber já dado, acabado e sempre exterior ao sujeito, oriundo de um mestre, grande Outro.

Nessa estrutura, é como se o bloqueio do circuito da pulsão invocante fosse um elemento fundante. Por fixar o sujeito no lugar de subjugado, chamado de assujeitado, é que se pode fazer o apelo sedutor para que negue a si mesmo, rejeitando sua condição histórica de alienado no e pelo discurso, a fim de ascender a Outra posição, supostamente plena e sem amarras, só que ilusória. Afinal, submetido a algo, sempre se está, a não ser nos casos de psicose.

Pode-se dizer que estamos diante do paradoxo do discurso capitalista, que, se de um lado desfaz os laços que poderiam lançar o sujeito no circuito da pulsão invocante, também multiplica ao máximo as possibilidades de relações, no caso de nós, alargando a circunferência dos investimentos libidinais a dimensões planetárias, com os meios de comunicação, de deslocamento e informação (Soler, 2016).

Imersa no discurso que nos atravessa mesmo antes da inserção na linguagem e se traduz como “pensamento colonizante” (Mendes et al, 2020), Émile fora fisgada pelo discurso da onipotência, seduzida a acreditar que estudando em Oxford, sendo uma grande cientista, poderia finalmente sair da condição de trabalhadora explorada, por meio da conquista de um objeto tal, a carreira, que lhe possibilitaria salvar a si e à família da tragédia da precarização das relações de trabalho no Brasil: *não quero continuar repetindo o ciclo geracional do jovem de família de baixa renda que tem que abandonar os estudos e passar o resto da vida frustrado e trabalhando com algo de menor qualificação*. A saída está nos estudos, numa carreira grandiosa. Veja-se que o trabalho aí, embora morto, é vendido como carreira. Curiosamente, no dizer nordestino—que certamente não consta dos dicionários—carreira corresponde a uma correria desgovernada, (des)embestada, apressada demais, que tira o fôlego dado seu excesso.

Esse discurso fantasioso e onipotente presente nos ditos de Émile assinala para a presença do sujeito que se faz, porque assim é feito, “porta-voz” do discurso do Outro (Vivès, 2018a), aquele que, fígado pelo imperativo gozante do supereu, assume idealizações para si em que fantasia tornar-se Outro, a partir da relação com o trabalho assalariado, ou de um suposto lugar que este pode lhe proporcionar, escapar da exploração que estrutura e funda as relações de trabalho assalariado no modo de produção capitalista.

Esses ditos de Émile também podem ser tomados aqui como manifestação do “Bovarismo brasileiro” (Kehl, 2018), que consiste em negar as nossas origens periférica, escravagista, colonizada, a tal ponto, que essa fantasia de tornar-se Outro, por definição inatingível, já que diz de uma identificação com o absoluto, onipresente, onipotente - torna-se uma “meta de vida”, no que uma vida é reduzida a uma meta - passível de fazê-lo mediante uma carreira de sucesso, sempre ali, a uma passo, a de pender só de que se estude mais, se trabalhe mais.

Em oposição a isso de um ser absoluto, sem limite, típico do discurso capitalista que não faz laço, em psicanálise, só pode existir laço e sujeito, se existir Lei, falta. Logo, é assumindo e não negando sua posição estrutural, enquanto alienado ao significante primeiro, colonizado, explorado, que o sujeito pode confrontar-se com possibilidades de enfrentamento e descoberta do “não sou apenas isto”, assumindo sua condição de faltoso, portanto submetido ao desejo, não apenas às demandas, embora elas estejam sempre ali, nos rondando e ao mesmo tempo abrindo espaço para que algo do desejo possa comparecer, num dizer que escapa ao dito, numa fala que escapa diante das vozes que nos constituem.

Supõe-se, contraditoriamente à subjugação irrestrita ao discurso e às vozes, que algo desse movimento, pudesse estar ali, quando Émile buscou a clínica. A aposta no sujeito faz supor que algo da dialética falta/desejo-demanda/gozo pudesse estar se colocando. Émile chegou falando que estava angustiada, apavorada. Pedira demissão do emprego e saíra da casa

dos familiares. Em algum momento, mais adiante, seu dito parece traduzir um dizer: *me sinto em lugar nenhum*. Podemos pensar que estivesse fazendo contato com algum esvaziamento em relação à totalidade dos significantes em que estava fixada, aprisionada: *a que mima, fodona, salvadora, mártir*, de um lado; e de outro: *a mimada, desempregada, apática, parasita*.

Entretanto, na estrutura discursiva que sustenta a lógica capitalista colonial não há espaço para esvaziamento, questionamento, vazio, fluidez. Você precisa saber o que é, o que quer, até porque isso já está determinado na estrutura: “és isto, mas poderás ser grande! Seja assim, faça assado e alcançarás a liberdade e a felicidade”. Nesse discurso, que comparece no dito de Émile, angústia é tomada como apatia e desânimo, pausa para (re)pensar-se é atraso e falta de perspectiva, pavor - que nos parece típico do confronto neurótico com o desejo - é síndrome do pânico, tristeza é depressão. E tudo isso precisa ser medicalizado, enquanto as possibilidades de invocação do sujeito pela fala, pelo seu dizer, vão sendo cada vez mais bloqueadas. O imperativo é categórico: ‘ou você prospera, ou desiste!’.

Nesse ponto, pensamos algum possível encontro mais profundo entre psíquico e social. O sujeito é invocado pela sonoridade da voz arcaica que faz uma exigência de subalternidade do seu desejo ao desejo do Outro, fundamental na sua constituição psíquica. Enquanto sujeito do trabalho, é invocado também pela sonoridade de uma promessa, que traduz uma subalternidade sócio-histórica (Mendes, 2022), cujo comando, injunção se materializa nas vozes do supereu presentes na estrutura do discurso capitalista, alcançando o sujeito naquilo que lhe é marcante e arcaico em termos da sua constituição. “Seja assim, não seja assim, ou não serás amado, reconhecido”.

Apostamos que aí tem-se algum encontro com o resto não simbolizável do supereu, na sua dimensão imaginária de Eu ideal. O Eu, então, faz a leitura de que algum intervalo, movimento na cadeia discursiva pode lhe ser aniquilante. Desiste de enfrentar o supereu, questionar suas vozes, ou antes disso, escutá-las; o sujeito é calado, agarra-se ao Eu ideal,

naquilo que este diz de um lugar social idealizado pelo Outro originário, equivalente, no modelo proposto pela Psicopatologia do Trabalho, ao trabalho capitalista.

Ao mesmo tempo em que o sujeito é aprisionado pelas vozes, pode duvidar, de algum lugar, do saber absoluto que diz o que ele deve ser. Parece ter sido assim que Émile chegou à clínica, com alguma dúvida. Hipotetizamos que aí, o sujeito estava diante de um ponto crítico, como disse a própria Emile: *ou eu vou prosperar ou eu vou desistir de tudo*. O que seria equivalente algo como: ou eu me agarro a esses significantes que dizem quem eu sou, quem eu posso ser, ou nada serei.

Do ponto de vista analítico, instaura-se uma angústia tal, que ao mesmo tempo que apavora, pode indicar saídas para o sujeito construir(se) algo, a partir desse afrouxamento dos nós que o amarram à demanda do Outro, a partir desse intervalo. Mas como o discurso é muito sedutor e há o mais além do princípio do prazer, como descobrira Freud, algum gozo se faz, na medida em que o saber S1 não deixa dúvidas ao sujeito sobre quem ele é.

É assim que a angústia se localiza entre o desejo e o gozo (Bênia et al., 2016), podendo abrir caminhos para a cadeia de significantes por meio da fala que, ao escapar entre os ditos, como dizer, permite alguma simbolização; ou pode afetar o corpo sem mediação, manifestando-se como gozo puro no corpo para dar conta do Real. Alguma simbolização, pela via de um trabalho de luto diante da perda desses significantes enquanto marca identificatória absoluta, pode abrir caminho para um Ideal de Eu, na sua dimensão menos vociferante e mais fluida, porque contornada pela dimensão do simbólico.

Nessa construção, partindo dos tempos do circuito da pulsão invocante (Vivès, 2018a) e da análise do circuito da invocação da pulsão pelo trabalho (Mendes, 2022), pode-se pensar que o circuito da pulsão invocante no trabalho capitalista fica impossibilitado de fluir, na medida em que no discurso capitalista, o sujeito não é chamado na sua dimensão de falta-a-ser. O chamado, o apelo das vozes do supereu alcançam o sujeito sempre como ‘chamado de’ ou

“chamado a ser de acordo com o Eu ideal”, sustentado nas idealizações construídas pela via do imaginário, postas na estrutura discursiva, *a priori*. Não há vacância, não há hiato, não há o que pensar. Os significantes estão padronizados. É só enquadrar-se e eles garantirão um mais-de-gozar, sempre por vir, infinitamente.

Nesse chamado que se traduz como apelo, em que não há uma falta-a-ser, não há fala enquanto risco, não há intervalo, tudo é possível de ser preenchido com um objeto *a*, mais além. Estamos diante do discurso capitalista enquanto variação do discurso do mestre. Então, ou não há laço ou o laço se faz mediante uma relação objetificada. Logo, não há sujeito, não há fala e não é possível o tempo do chamar, tendo-se um bloqueio no circuito. O sujeito não é suposto, logo não pode advir, muito menos chamar, menos ainda se fazer chamar.

Eis o jogo de surdo mudo (Mendes, 2018) em que o sujeito do trabalho aprisionado nas vozes, objetificado, não pode falar, nem faltar, ou se fala, se falta, não é escutado, não podendo comparecer como sujeito do inconsciente, castrado, e então, adocece pelo excesso, de trabalho morto, de gozo.

Vive-se, então, no discurso capitalista, um imperativo da prosperidade, da felicidade. E para tanto, há que se obturar o desejo, tamponar a falta. Com isso, persegue-se a eliminação do sintoma do sujeito a qualquer custo. A questão é que o sintoma de cada um diz de sua produção singular. É uma formação inconsciente que se traduz como subjetivação. Logo, sua eliminação implica numa anulação subjetiva. Entende-se ser isto que faz adoecer no discurso capitalista. Um sintoma sustenta uma existência e uma análise não tratará da sua extinção. Pelo contrário, qualquer cura passará pelo seu atravessamento, pela escuta deste sintoma que diz muito do sujeito do inconsciente.

É nesse sentido que Mendes (2022) assinala uma diferença entre adoecimento e patologia. As psicopatologias são originárias na modalidade dos nós que o discurso capitalista engendra. Nós que se dão, por exemplo, a partir da suposição de uma patologia na insuficiência,

na incompletude. Isso é patológico porque nega a condição humana e estrutural do sujeito faltoso, faltante. O que diferencia o humano dos outros animais é justamente o fato de que ele se faz humano porque não é capaz de viver, muito menos o será de existir, sem o enlaçamento na linguagem e nos cuidados do Outro, sem o trabalho vivo de criar-se no laço social. Então, o que é patológico é a suposição de completude posta no discurso; e o adoecimento pelo trabalho capitalista se dá justo diante da negação dessa incompletude, que é onde se funda o desejo, o empuxo, o movimento para a vida. E a travessia da fantasia fundamental implica em que esse Outro originário possa se fazer outro, semelhante, castrado, destituído de uma condição soberana e onipotente que sustenta as idealizações, passando-as pelo contorno de alguma simbolização.

É aí que a radicalidade do luto em Lacan é fundamental. Porque de saída, o objeto foi perdido e não há objeto substituto que possa remediar tal perda. É nesse sentido também que a angústia, o pavor que mobilizou em Émile na busca pela clínica, é sempre angústia de castração, de separação, sendo que negar tal afeto, tomando o trabalho assalariado como um tampão, exaure, adocece.

E em oposição ao discurso capitalista, que como variação do discurso do mestre e do universitário, detém a verdade sobre o indivíduo, sabe o que ele é, o que ele quer, o que vai ser e o que precisa fazer para ser feliz - cale-se, trabalhe e goze! -, o discurso do analista pode fazer furo no discurso capitalista que oprime, exaure, adocece. Assim, favorece a cura pela palavra, pelos caminhos tortuosos do trabalho do luto, do trabalho de ensurdecimento. No discurso analítico, o sujeito pode dizer através do seu sintoma e assim, “rastrear o seu desejo”, tal como propõe Dias (2017, p. 42), por meio do chamado a se fazer existir para além do significante mestre.

VII. Falar, trabalhar, desejar: impasses e possibilidades na clínica lacaniana do trabalho

“O possível é, por definição, aquilo que pode não acontecer.”

(Soler, 2016, p. 32).

Se por um lado, os caminhos que nos últimos seis anos me aproximaram da clínica psicanalítica a partir de outro lugar que não o de analisante, me colocaram em contato com a brutalidade das vozes do supereu no trabalho capitalista e, por decorrência, com o adoecimento dos trabalhadores, foi esse mesmo confronto, que me instigou a uma aposta; uma aposta que talvez agora eu possa nomear como aposta na transferência, no trabalho vivo, no sujeito.

Na transferência, de primeiro, possivelmente porque, como assevera Maurano (2006, p. 28), se alguém se vê, em análise, “sustentado pela transferência, não raro pode ousar fazer coisas que jamais tinha arriscado antes”. Isso diz do reconhecimento teórico-prático da sua relevância, como vimos no capítulo sobre a técnica psicanalítica em Freud e a clínica como discurso em Lacan, por quem ela—a transferência—é colocada como um operador central no trabalho de análise. Ocorreu-me agora ter sido pela transferência com uma autora, com seu texto, que resolvi arriscar sair da terapia para um trabalho de análise, sem ter muita noção do que isso poderia implicar.

Foi pela transferência, que topei largar os slides, muito bem amarrados em termos de conteúdo e o lugar de saber sabido que ocupava até então, em sala de aula, pelo espaço inquietante e apavorante de um *setting* clínico, lugar de escuta analítica. Foi alguém apostando na possibilidade de uma escuta da minha parte, que me fez mergulhar na clínica, não obstante o pavor de não mais dispor dos slides que me davam segurança. Algo de invocação e confiança, se assim se pode dizer, pôde ser sustentado pela transferência. O mesmo dispositivo que me

fez, apesar do medo, topar a experiência de análise pessoal, quando minha analista entoou, nas primeiras sessões, sem mais delongas, sem explicações: “aposta no teu tratamento”. Viva a transferência e o trabalho vivo que ela pode permitir.

Então, vamos começar por ela enquanto dispositivo da Psicanálise e ponto de partida inicial para alguma cura, algum trabalho de ensurdecimento. Freud (1940/2018) já atestara que aquilo que pode ser (re)vivido e portanto (per)elaborado pela transferência, não se esquece e tem uma “força de convicção potente”, muito mais que qualquer outro meio. Mendes (2022, p. 136), por sua vez, é categórica: “A transferência é o próprio tratamento, sem transferência não há tratamento”. Aqui, diríamos, como ressalva, que sem pensar o manejo da transferência não há como pensar o tratamento psicanalítico. Sendo assim cabe perguntar: como a transferência foi manejada no caso Émile? De que maneira, até que ponto, o manejo desse dispositivo clínico operou para a movimentação do sujeito no circuito da pulsão invocante?

Antes, é importante pensar se houve transferência entre a paciente e o clínico, para então, discutirmos acerca da condução do seu manejo. Assim sendo, o acompanhamento dos encontros de discussão e da supervisão, bem como a análise dos registros, vai deixando pistas, desde as primeiras sessões, do estabelecimento de um vínculo espontâneo entre Émile e o clínico, de tal modo que ela vai atualizando na sua fala, os significantes que sustentam sua demanda de amor, dirigindo-a ao clínico.

Assim, pôde-se, como afirma Mendes (2022) testemunhar algo da sua organização subjetiva vindo à tona, dirigida a um objeto. Émile formula e endereça seus pedidos, e suas exigências também, ao clínico desde as primeiras sessões. Eis a transferência, que se manifesta sempre articulada ao desejo do Outro: o que ele quer de mim? O que pode me dar como resposta ao meu pavor?

Aposta-se que o pavor que Émile traz para as sessões desde o início, possa estar articulado à angústia de separação, inicialmente, assim como à angústia de não ser suficiente

(Mendes, 2022). Logo, angústia de castração. Angústia de não dar conta de salvar a família, de não conseguir ser fodona por meio do trabalho como professora, que a oprimia, sem oferecer *suporte*.

Pela transferência, Émile dirigiu esses afetos ao clínico, por exemplo, prolongando o tempo de sessão e ainda enviando longas mensagens por meio de aplicativos de conversação. Aposta-se que as intervenções clínicas pela transferência nesse primeiro tempo, não favoreceram o trabalho de ensurdecimento das vozes e das injunções de onipotência e gozo, podendo ter atuado, ao contrário, para fortalecê-las, na medida em que: a) de algum modo, mantiveram-se mais próximas ao discurso do mestre, por exemplo, quando eram feitas discussões entre clínico e paciente sobre livros e feitas recomendações de leitura; ou ainda, quando as tentativas de interpretação tinham um caráter demasiado explicativo; b) não foi possível sustentar o uso do corte temporal das sessões, de onde o prolongamento das mesmas pode ter atuado como forma de aplacar a angústia e o pavor referidos pela paciente.

Esse manejo, de certa forma, choca-se com as recomendações freudianas de que o analista distinga rigorosamente seu saber, do saber do analisando e não se apresse em comunicar tudo o que supõe ou intui, até que o próprio sujeito tenha se aproximado tanto de uma tal formulação ou elaboração que só lhe reste dar um passo (Freud, 1940/2018).

Também pensamos agora, num só depois, fazendo contato com o material clínico do caso, que o manejo transferencial possível na ocasião, alternou muito mais entre o discurso do mestre e o do universitário, mantendo, portanto, o sujeito fora do circuito da pulsão invocante, posto que não foi possível chamá-lo a assumir a posição de sujeito do seu discurso, assumir um lugar de fala, já que a escuta foi dificultada. Não foi possível para o clínico, como na recomendação freudiana, abandonar-se ao seu inconsciente, o que permitiria o trabalho vivo da sua parte, sem prescrição, onde a teoria, embora decisiva para a prática clínica psicanalítica,

fica em suspenso no *setting*, não havendo assim, espaço para explicações ou recomendações de livros.

Aqui, parece oportuna alguma associação com as assertivas de Maurano (2006) ao dizer que o que será trabalhado na transferência, pelo seu desmonte, é a repetição do encontro com a falta, com o fracasso das realizações dos desejos infantis. Nesse sentido, podemos pensar que o trabalho de ensurdecimento se constitui a partir de um fracasso na satisfação dos desejos infantis do sujeito, enquanto desejo do Outro. Em tempos de imperativos de felicidade e sucesso a qualquer custo, isso não é qualquer coisa. Nos parece que isso tem um caráter muito peculiar em relação à uma perseguição do discurso capitalista pelo sucesso. Assim, é pelo fracasso do analista em não se prestar a essa satisfação, que algum ensurdecimento das vozes pode acontecer.

Se o analista se lança na mesma lógica de sucesso, de oferecer e obter satisfação, configurando uma voz que repete comandos e instruções, obstruindo a falta-a-saber, imperará o gozo. E numa psicanálise, trata-se de abrir espaço para um laço social tal em que o sujeito possa se confrontar, ao contrário do que dita o discurso capitalista, com a possibilidade de não gozar (Barbiere, 2014); ou em que o possível de algum gozo, não se torne uma tirania, já que, não sendo proibido, se torna desmedidamente obrigatório (Soler, 2016).

No caso em questão aqui, parece não ter sido possível ao clínico sustentar esse fracasso. Possivelmente, respondendo do lugar de Outro, intencionava, no auge da angústia da paciente que se disse em lugar nenhum, confortá-la, no que acabou entoando mais vozes superegóicas, contribuindo para sustentar o mais-de-gozar produtivista, fazer mais, ler mais, explicar, decifrar os sintomas. Isso é trabalho prescrito, logo, trabalho morto do gozo, que não abre espaço para a invocação do sujeito do inconsciente, que comparece no imprevisto, no chiste, no ato falho.

Quanto a este aspecto, vale destacar um elemento importante. Não obstante as tentativas de se desvincular o projeto das demandas institucionais da universidade, o que se materializou,

por exemplo, por meio da sua desvinculação da Clínica Escola do curso de Psicologia e sua vinculação diretamente ao Núcleo de Pesquisa Trabalho, Psicanálise e Crítica Social (Mendes, 2022), supõe-se que o clínico, enquanto estudante do último ano de psicologia, cumprindo estágio obrigatório, poderia estar deveras atravessado pelo discurso hegemônico presente na universidade e pelas suas demandas tarefas em que a prescrição e o saber sabido são a tônica.

Porém uma questão que nos ocorre é: e a supervisão? Qual o seu lugar diante dos rumos que o manejo transferencial tomou nesse primeiro tempo da clínica? Arrisca-se dizer que os tempos da clínica e os movimentos possíveis no seu curso, estão, de algum modo, em alguma medida, articulados às especificidades da supervisão. Percebe-se, por exemplo, que no primeiro tempo, algumas supervisões freudianas foram um importante motor a impulsionar para leituras do clínico sobre a teoria e que isso lhe abriu possibilidades interessantes de leitura e interpretações do caso.

Entretanto, isso não foi suficiente (e também não era o caso de sê-lo), para dar conta da complexidade do manejo clínico e deixou em aberto uma lacuna em termos do uso dos dispositivos lacanianos. Nas supervisões lacanianas, por sua vez, algumas também nesse primeiro tempo de clínica, com ênfase na teoria do discurso e na articulação Marxismo e Psicanálise, observou-se que as orientações acerca do manejo clínico, apareciam no diário de uma maneira imperativa, como regras a serem seguidas, sem que viessem acompanhadas de alguma elaboração sobre o lugar do clínico na transferência.

Especificamente sobre o que é possível de experimentar em termos de psicanálise no contexto acadêmico, que é o caso das experiências clínicas que são objeto desse estudo, Derzi e Marcos (2013) discutem sobre impasses e possibilidades, considerando, por exemplo, que as clínicas-escolas, vinculadas à formação de psicólogos nas universidades, não tem como pré-requisito que os clínicos estejam em trabalho de análise pessoal. Partindo disso, as autoras refletem sobre o lugar ainda mais peculiar que a supervisão pode assumir, enquanto espaço que

pode abrir caminhos, embora com seus limites, para manejar o Real que ultrapassa o sujeito - no caso, o clínico - e se impõe, sem que somente o estudo da teoria possa dar conta. Assim, as autoras defendem que a supervisão pode se aproximar da experiência de uma análise.

Não obstante, destacam que ela comporta um paradoxo, haja vista sua dupla função, de controle e de ato. Controle porque, de algum modo, de algum lugar, a supervisão é atravessada pelo discurso universitário, em especial, quando a prática da escuta acontece no contexto de uma universidade. Ao mesmo tempo, é ali, na discussão dos casos clínicos em supervisão, que supervisor e clínico são chamados ao ato e este, não admite regulação.

É na supervisão que os participantes podem comparecer na sua divisão, e esta, o saber universitário não comporta. É desse “desencontro” que o saber inconsciente pode emergir, a partir da transferência de trabalho e com o saber inconsciente: “supervisionando e supervisor testemunham um saber produzido na particularidade da relação de um sujeito com o seu desejo” (Derzi & Marcos, 2013, p. 228). Logo, pode-se pensar que a supervisão só vai dar conta de movimentar o giro discursivo—do discurso mestre e do universitário, ao discurso da histórica e do analista—se estiver em questão, do lado do clínico e do supervisor, “[...] a lei do desejo, e não a submissão irrefletida deste ao jogo de poder institucional” (Fontenele, 2006, p. 269).

Arrisca-se dizer, que para que um sujeito possa se permitir movimentar sob a lei do desejo, um trabalho de análise pessoal pode fazer uma diferença significativa, colocando-se como imprescindível, embora não haja nenhuma garantia, mesmo quando se está submetido a ele. Assim, chegamos ao tripé da formação do analista—estudo da teoria, trabalho pessoal de análise e supervisão—sem o qual, como já postulado por Freud, a escuta do sujeito do inconsciente e o ensurdecimento das vozes do supereu parece que manca, fica difícil de ser sustentada.

Nesse caminho, arrisca-se dizer aqui, quanto ao caso em questão, que o pouco contato com a teoria lacaniana, bem como a ausência de indicativos de um trabalho pessoal de análise por parte do clínico, possam ter sido empecilhos nesse primeiro momento da clínica, culminando: a) com interpretações das discussões da supervisão como imperativos, como injunções do supereu, b) com dificuldade de escutar o sujeito, para além das suas queixas e demandas e c) de se posicionar no manejo da transferência no lugar do analista, objeto *a*, posição de semblante para Lacan, lugar de ninguém para Mendes (2018).

Nessa posição, “ao demasiado pleno da voz que urra, responde o silêncio do analista; não o silêncio mortífero anterior à fala, e sim o silêncio em que o sujeito do inconsciente pode supor no Outro o saber de sua eventual assunção” (Vivès, 2018, p. 39). É nessa perspectiva que o analista silencia sua posição de eu, de ego, sai de cena, ao mesmo tempo em que faz um chamado a e, supondo um sujeito, escuta-o.

Ainda refletindo acerca do lugar da supervisão, notadamente da transferência entre supervisor e clínico e seus efeitos possíveis, com base na minha experiência pessoal de supervisionanda em outros contextos, e também como observadora-participante das supervisões do projeto na UnB por cerca de quatro anos, arrisco dizer que um elemento marcante naquilo que pode reverberar no saber-fazer do clínico, tem a ver com a possibilidade deste, sustentado pela transferência com o supervisor, colocar em questão, afetos que lhe são mobilizados na escuta do paciente.

No caso em análise, observou-se que embora alguns afetos estivessem nomeados pelo clínico nos seus diários, não foi comum que eles comparecessem e fossem objeto de trabalho nas supervisões, ao menos durante o período em que a pesquisadora fez a observação-participante. A título de ilustração, consideramos curiosa a passagem em que o prolongamento do tempo de sessão se fez impulsionado pelo clínico, que escreveu: *ela traz conteúdos e visões muito críticas e esclarecidas, além de leituras que eu gosto. A sessão estava boa e resolvi*

continuar além do tempo. Questionamo-nos até que ponto estava sendo sustentado o laço transferencial, no qual segundo Soler (2016) não há reciprocidade. Diz a autora: “A transferência é disparidade” (Soler, 2016, p. 37).

Nesse ponto, parece-nos que o que torna possível sustentar esse laço fundado na disparidade é justamente o desejo do analista, colocado enquanto enigma, enquanto desejo de despertar do desejo do Outro (Maurano, 2006). É quando se faz possível ao analista apartar-se desse desejo do Outro em alguma medida, e então, eventuais intervenções clínicas, inclusive o corte, podem acontecer como pontas-soltas, movidas pela escuta do sujeito do inconsciente. Seria aí possível de localizar algo do trabalho vivo em que o analista, tal como na assertiva freudiana, se abandona à criação de um campo inconsciente entre analista e analisando, em oposição à identificação, que enlaça pela semelhança, pelo encontro com algo de igual.

Não obstante, ficou perceptível que as aproximações teóricas da articulação entre Trabalho, Crítica Social e Psicanálise lacaniana - notadamente por meio da teoria dos quatro discursos e dos dispositivos da clínica lacaniana - que o clínico pode fazer ao longo do percurso, parecem ter tido alguns efeitos interessantes, possibilitando algum movimento, quiçá alguma tentativa de reposicionamento na transferência, já mais adiante, entre o segundo e o terceiro tempo da clínica, embora com certa timidez, menos idas e mais vindas, recuos e tropeços. Pareceu complexo para o clínico sustentar a escuta e o esvaziamento dos significantes, mesmo quando isso foi objeto de discussão na supervisão.

Nesse sentido, oportuno lembrar que a “super-visão” (Mendes, 2018), não obstante sua importância, e ainda mais quando traz o trabalho para a clínica lacaniana, quando sustentada na transferência do clínico com o supervisor, ainda assim, não pode dar conta de algo que é da ordem do contato com o Real que se vive numa análise pessoal, que por assim sê-lo, certamente não me será possível descrever aqui. Mas que diz da possibilidade de entregar-se à associação livre, à escuta do seu próprio inconsciente, e assim, abrir caminho para algum contato com o

desejo, a partir da sustentação da falta-a-ser, de algum esvaziamento dos significantes que marcam sua história e da experiência do luto decorrente disso.

Não obstante, vale o registro curioso de que, o segundo tempo da clínica, em que algo das vozes que compareciam por meio das recomendações e explicações do clínico pôde ficar em suspenso, aconteceu a partir do início dos encontros de discussão dos casos clínicos, em que se fazia uma análise parcial dos casos em andamento, considerando articulações entre Marxismo e Psicanálise lacaniana.

De qualquer modo, arrisca-se dizer que o manejo da transferência por meio das intervenções clínicas, sem conseguir dar conta de sustentar o corte e o vazio, não abriu espaço para a “hiância que constitui a divisão inaugural do sujeito” (Lacan, 1964/1988, p. 255). Sem hiância, sem intervalo, não é possível escutar o inconsciente, não tem como haver “chamado a”, posto que imperarão as injunções superegóicas, o tempo do calar e da demanda. E assim, não haverá espaço para abrir a cadeia discursiva e por sua vez, questionar os significantes que aprisionam o sujeito: seja assim, não seja assim. Não haverá o imprevisto que é basilar para o trabalho de ensurdecimento, no qual se pode experimentar a criação que caracteriza o trabalho na sua perspectiva ontológica e marxista, trabalho vivo.

E o que se pode pensar como elemento chave para que tal hiância se faça presente no trabalho clínico, possibilitando, portanto, espaço para o questionamento e o esvaziamento do significante-mestre, do S1? Entende-se que é imprescindível que o analista escute tais significantes e que possa deslizar para posição de objeto *a*. Quanto aos significantes, no caso em análise, é possível perceber a presença de alguns deles, por exemplo, quando no segundo tempo da clínica Émile começou a se dizer *diz-traída*, enquanto mergulhava fundo nas vozes e demandas da família, da universidade, nos imperativos e injunções do supereu, que vociferasse os significantes em que estava fixada: ser o oposto da mãe, tomada como insuficiente, mas

que ao mesmo tempo, pela sobrecarga de atividades profissionais, domésticas, familiares, tenta aplacar seus limites e se faz mártir.

Entende-se que algum ensurdecimento das vozes tem articulação com a escuta desses significantes para além do dito, naquilo que eles trazem à tona uma patologia da insuficiência, própria do discurso capitalista. Fazer furo em tal discurso implica que o analista possa operar uma torção tal em que, sustentado pelo desejo do analista enquanto “desejo de despertar do desejo do Outro” (Maurano, 2006, p. 59), possa operar com outra modalidade discursiva, o discurso analítico. Este, na sua radicalidade, permite ao analista responder da função de objeto *a*. Como? Assumindo um tal sem lugar, semblante, em que se faz possível a ele encarnar isso que falta, sinalizando com o corte, que faz brotar a hiância, sem a qual não pode haver separação do desejo do Outro.

Segundo Maurano (2006), esse sem lugar que se faz a partir do desejo do analista, operando com o discurso analítico, de certa forma, atua para evaporar o objeto com o qual o sujeito tenta se colar, fugindo a qualquer custo da separação do seu mestre, que, sabendo tudo sobre ele, proporciona-lhe algum gozo. É uma operação tal em que ao mesmo tempo que faz evaporar esse objeto sabe-tudo, não o tira da posição de causa, mas descortina um universo bem mais amplo de possibilidades em torno do que se pode fazer com o impossível da castração e da falta.

É somente através do discurso analítico, isto é, atravessado por ele, discurso próprio da psicanálise, que em vez de nos debatermos na onipotência ou nos refugiamos na impotência, é possível encarar e então contornar, e não suprimir, “um vazio insuturável em torno do qual gravitamos, mas frente ao qual, é possível fazer alguma coisa” (Maurano, 2006, p. 46). É isso que se constitui como trabalho vivo, o qual não tem prescrição que dê conta e só pode acontecer a partir da angústia e do luto na sua radicalidade.

Talvez Émile estivesse fazendo algum movimento na cadeia discursiva, quando no segundo tempo da clínica, pôde finalmente dizer que se sentia em “lugar nenhum”. Mas também aí, não foi possível para o clínico escutar esse dizer para além do óbvio e responder com algo do discurso do analista, supondo algum contato com o esvaziamento dos significantes e com ele, alguma possibilidade de assunção do sujeito, como se estivesse a perguntar, num discurso histórico: e agora, quem sou eu, diante do impossível de ser fodona, salvadora da família? Quem serei eu se não focar em ser rica, uma grande cientista, morar em Oxford? Quem serei se, mesmo ocupando um lugar de destaque profissional, não serei suficiente para aplacar a angústia de viver, de existir, a minha e a dos meus familiares?

Nessa altura do percurso, arrisca-se dizer que o clínico respondeu do lugar de quem quer aplacar a angústia do contato com a castração; respondeu de um lugar oposto ao “suposto saber que há sujeito” (Vivès, 2018, p. 39), talvez de um lugar de quem se coloca como objeto fálico: aquele que vai confortar e suplantar a dor. Não foi possível sustentar algo do vazio que abre espaço para a reinserção do sujeito no circuito da pulsão invocante através de um chamado a vir-a-ser a partir da oferta, como analista, da sua falta-a-ser.

O clínico afetou-se querendo confortar, lugar do Outro onipotente; repetindo, possivelmente um “chamado de” para a paciente: alguém que necessita ser confortado, portanto frágil. A função do analista aí seria a de apostar que diante desse “lugar nenhum” pudesse surgir algo do desejo, portanto, de (re)criação de si, de produção de novas possibilidades de vida e de trabalho; nem onipotência, nem impotência, mas potência do trabalho vivo, ontológico, de se fazer chamar como sujeito, criando, construindo uma existência ético-política singular, às vezes tosca, mas demasiadamente humana, mais além dos significantes determinados, seja pela alienação ao desejo do Outro, seja pela alienação pelo capital.

É a possibilidade da travessia do desejo enquanto desejo do Outro ao desejo enquanto algo da ordem do singular, único, em que o “Há Um” (Soler, 2016) rechaçado pelo discurso

capitalista, pode comparecer a partir da invocação feita pelo desejo do analista, via do manejo transferencial. Desejo do analista enquanto “desejo de obter a pura diferença” (Lacan, 1964/1998): desejo de que haja desejo, possível quando se pode sustentar o lugar de sujeito suposto saber que há sujeito, por sua vez, possível quando se faz a travessia da sua própria fantasia, algum luto da castração de si e do Outro.

Pela leitura feita até aqui, do material clínico do caso em análise, constata-se não ter sido possível sustentar o “ponto de falta” (Lacan, 1964/1998, p. 255) em que o sujeito se reconhece como tal e pode então, “chamar”. Em não dando conta de responder ao “chamado a” possivelmente feito em supervisão, aposta-se que houve um bloqueio no chamar a vir-a-ser por parte do clínico, em relação ao sujeito, no que foi repetido e mantido o bloqueio no circuito da pulsão invocante, típico do discurso capitalista, apesar de alguns movimentos e outros tantos recuos, do sujeito e do próprio clínico.

Sem sustentar o vazio na cadeia discursiva, algum silêncio por parte do analista, ao entoar um discurso sem voz (Vivès, 2018), não há como sustentar a falta. As vozes continuarão urrando os ‘chamados de’, de modo que não será possível trabalhar a queda das idealizações; no caso Emile, totalmente articuladas às idealizações em torno de uma atividade profissional, pela qual, o sujeito pensa ser possível tamponar a falta, que é sobretudo falta-a-ser. A atividade profissional, assume o lugar de trabalho morto subjugado ao modo capitalista de produção, posto que expropria o trabalho do sujeito, subjugado que ele fica à condição de sujeito do trabalho, sem possibilidade de *ex-istir* (existir também fora do lugar de trabalha-a-dor assalariado, explorado), de faltar, de errar, de fal(h)ar.

Sem escuta, sem fal(t)a, sem queda, sem perda, o trabalho vivo do luto não pode ser feito. Luto da castração, luto da onipotência tão presentemente articulada ao discurso capitalista enquanto variação do discurso do mestre. Não há trabalho de perda da voz arcaica, de destituição do Outro. E assim, entende-se que fica mantido o ponto nodal de engate entre

psíquico e social, pelo qual os trabalhadores são aprisionados pelo discurso da falácia, que vende uma falsa promessa de amparo e proteção. Sem ter vivido, no amor transferencial, uma experiência de perda e de luto, de queda do objeto *a*, de destituição do Outro, mas também de chamado-a-ser, de ensurdecimento das vozes, seguirão os trabalhadores, inclusive clínicos, aprisionados nas promessas, renegando a castração, o limite de si, o limite do corpo, cedendo ao excesso de gozo que pode adoecer.

Se o chamado a vir-a-ser não se faz pelo discurso sem voz do analista, pela quebra da cadeia discursiva em que há gozo na fixação nos significantes, não há como chamar, nem se fazer chamar, portanto não há ensurdecimento, não há fala-ser. Impera o indivíduo porta-voz do discurso do Outro, com quem ele está identificado, fundido na ilusão de amparo e proteção falaciosos. Para haver esse tal chamado a, há que se fazer um giro no discurso, pela transferência, pelo amor transferencial.

O analista opera uma conversão ética radical (Palma, 2011) que leva a uma ética do desejo. Como isso é possível? A partir do giro discursivo, que movimenta o sujeito no circuito da pulsão invocante, introduzido uma modalidade de laço em que a falta-a-ser, a castração, a insuficiência não são patologias, são as brechas pelas quais o sujeito pode existir na sua singularidade e se vincular ao outro pelo laço social, com algum afrouxamento indispensável a uma existência ético-política, sem que dominação, exploração e violência sejam a tônica; sem que haja nó, que funde o Eu em nós, num gozo mortificante, anula-dor.

VIII. Contribuições para a Psicopatologia Clínica do Trabalho

“Começo a conhecer-me. Não existo. Sou o intervalo entre o que desejo ser e o que os outros me fizeram; ou metade disso, porque também há vida”.
(Fernando Pessoa).

Considerando-se lacunas existentes no Brasil em termos da psicopatologia do trabalho como objeto de estudo e mais, ainda, considerando-se indefinições teórico-conceituais em termos da Psicopatologia do Trabalho enquanto disciplina e fundamentação teórica (Sousa-Duarte et al., 2022), tem-se consequências maléficas tanto em termos da visibilidade social para o debate político acerca da relação trabalho-adoecimento, quanto em termos da formação crítica de profissionais que possam atuar diretamente na área Saúde do Trabalhador, ou que sejam capazes de reconhecer as relações trabalho-adoecimento na sua prática profissional em diferentes contextos.

Diante desse cenário, acredita-se que o modelo de Psicopatologia Clínica do Trabalho que vem sendo desenvolvido por Mendes (2018, 2022), ancorado epistemologicamente na articulação entre Teoria Social Marxista e Teoria Lacaniana do Sujeito, a partir da escuta clínica de trabalhadores adoecidos, possui papel fundamental na retomada do debate sociopolítico dentro e fora da universidade. Além disto, configura-se como inovador e inédito, na medida em que, por meio da articulação pesquisa-tratamento, permite uma investigação aprofundada do fenômeno, a partir da qual se faz possível pensar os enfretamentos da violência estrutural que incide sobre as relações de trabalho no Brasil. Estudo realizado por Sousa-Duarte (2020), já apontara o papel decisivo da “atenção às psicopatologias de forma contextualizada e crítica por meio da Psicopatologia Clínica do Trabalho como uma possibilidade teórica e metodológica adequada para pensar e agir frente à realidade do trabalhador brasileiro” (Sousa-Duarte, 2020, p. 71).

Outrossim, conforme se pôde atestar nos levantamentos bibliográficos apresentados nos capítulos I e II da presente tese, não foram encontrados estudos que articulem categorias conceituais da psicanálise lacaniana com as questões do trabalho capitalista, suas repercussões em termos de constituição subjetiva e de adoecimento dos trabalhadores, o que reafirma o caráter inédito das proposições teóricas em que se referenciam esta tese, notadamente naquilo que se refere ao uso do circuito da pulsão invocante para compreender as relações de trabalho e o adoecimento dos trabalhadores.

Nesse sentido, entende-se que uma contribuição possível dos estudos realizados por esta tese, consistiu no aprofundamento teórico de alguns pressupostos da Psicopatologia Clínica do Trabalho. Com o estudo de caso realizado, tomando-se por referência o circuito da pulsão invocante pelo trabalho e a teoria dos quatro discursos, foi possível demonstrar com mais detalhamento os mecanismos pelos quais os discursos capitalistas-coloniais digitais brasileiros e suas variações enquanto discurso do mestre e do universitário, se repetidos na clínica, operam um “chamado de” que fixam o sujeito em lugares sociais determinados *a priori*, fazendo imperar um trabalho morto de repetição. Neste, o sujeito aprisionado pelas vozes do supereu que o constituíram, faz-se porta-voz delas, o compromete a construção de uma existência ético-política para além delas, enquanto ser singular. Tal chamado, no caso em questão, pôde ser resumido na injunção “Cale-se, trabalhe e goze” e se mostrou muito anterior à inserção da paciente no mercado de trabalho, dando-se a partir dos laços sociais estabelecidos na família, atravessados que foram, pelas questões que envolviam o lugar de trabalhadores assujeitados em que os familiares mais próximos de Émile e também ela, foram fixados; observou-se a repetição desse comando em outras instituições sociais - como as escolas e a universidade frequentadas por Émile.

De outro lado, pôde-se constatar que o trabalho de ensurdecimento se traduz como trabalho vivo, possível na clínica enquanto uma atuação do clínico pela transferência e pelo

discurso do analista, os quais se constituem como operadores cruciais para o estabelecimento de um laço social tal em que o sujeito possa comparecer na sua singularidade, construindo para si modos alternativos de ser e de existir, marcados sim pelo discurso que o constitui enquanto sujeito da linguagem, mas com possibilidade de fazer algum furo nas idealizações construídas sobre si e sobre a sua relação com o trabalho, resgatando-o na sua dimensão ontológica, mais além do trabalho capitalista assalariado.

Outrossim, observou-se alguns indicativos de variáveis que tem efeito favorável sobre o trabalho vivo de sustentar um giro discursivo na clínica, podendo ser oportuno aprofundamento em pesquisas posteriores. São elas: a) análise pessoal do clínico; b) supervisão lacaniana; c) estudos da teoria lacaniana do sujeito e d) estudos da teoria crítica social marxista pelo clínico. Estes dois últimos, corroboram, de alguma forma, achados apontados por Sousa-Duarte (2020), ao estudar a atuação de psicólogos clínicos junto a pacientes com queixas relacionadas ao trabalho capitalista assalariado.

Assim considerando-se, é possível asseverar que o método utilizado, estudo de caso único, integrando o uso da análise documental e da observação-participante, foi adequado para responder às perguntas de pesquisa, considerando-se seu uso indicado para examinar eventos contemporâneos e de forma aprofundada, possibilitar tanto a ilustração de elementos teóricos, quanto o ensejo a novas hipóteses, que podem enriquecer a teoria (Verztman, 2009).

Ressalta-se ainda que diante da quantidade e variedade de material clínico disponível na forma dos registros, gerados tanto pelo clínico quanto pela pesquisadora durante a observação-participante foi imprescindível para a construção do caso e a seleção dos dados a serem apresentados, a escolha pelo uso de narrativas, organizadas em dois eixos, estabelecidos a partir do cruzamento entre o método para estudo de casos clínicos em Psicopatologia Clínica do Trabalho (Mendes, 2018, 2022) e orientações para escrita e apresentação de estudos de casos disponibilizadas pelas *Equator Network* e *Joanna Briggs Institute*.

Não obstante, registram-se algumas ressalvas a serem consideradas em estudos futuros, considerando-se ter sido, a presente tese, pioneira em termos da construção de um caso, com base na pesquisa clínica criada por Mendes (2022): a) (re)pensar o uso da observação-participante assistemática, substituindo-a, se for o caso, observação-participante sistemática, em que possa ser considerado o uso de um instrumento básico de coleta de dados, com ênfase, por exemplo, no registro das intervenções clínicas e no acompanhamento dos seus eventuais efeitos em termos do ensurdecimento (ou não) das vozes do supereu; b) quanto à seleção do caso, o critério das questões transferenciais, embora sustentados na teoria psicanalítica, implicou em alguns entraves, de modo que pode ser interessante estabelecê-los com base na identificação prévia, nos registros, de determinados indicadores, a depender do objeto a ser pesquisado; c) considerando-se, como já apontado, a incidência de aspectos pessoais e de formação do clínico, os quais repercutem sobre o trabalho vivo na clínica, pode ser interessante o uso complementar de entrevistas com estes.

Quanto ao método da pesquisa clínica utilizado na Clínica Lacaniana do Trabalho, notadamente em termos dos seus instrumentos de registro de dados (diário do clínico, memorial da sessão e diário de supervisão), pode-se asseverar que, em sendo usados conforme sua finalidade e articulados à supervisão, eles dão conta de sustentar a construção de casos clínicos. Quanto a isso, faz-se a proposição de que eles possam ser efetivamente utilizados pelos clínicos, sessão a sessão, a fim de não comprometer a coleta dos dados.

Em termos de agenda de pesquisa, propõe-se, que do ponto de vista do modelo teórico explicativo da relação trabalho-adoecimento, estudos posteriores possam aprofundar a análise acerca das vozes do supereu que comparecem na clínica, averiguando a presença de outros comandos e atestando se são presentes em outros casos, a injunção “Cale-se, Trabalhe e Goze”, notadamente em relação à sua veiculação por outros meios e instituições sociais, muito além das organizações de trabalho.

Outrossim, partindo-se da consideração de que o modelo de Psicopatologia Clínica do Trabalho, no qual esta tese está referenciada, faz proposições inéditas e contemporâneas em termos da articulação discurso capitalista colonial e construção de novos modos de subjetivação, pode ser interessante, em termos de método, a realização de estudos de caso múltiplos, muito usado em pesquisas qualitativas (Yin, 2015), desde que sustentados nos pressupostos da Psicanálise. Com isto, pretende-se destacar, que estaria em jogo, não uma comparação de sujeitos, mas uma comparação de modelos de subjetividade (Verztman, 2009), ou formas de subjetivação pelo trabalho capitalista assalariado, o que permitiria a demonstração ou não, de alguns pressupostos da Psicopatologia Clínica do Trabalho em termos da relação trabalho-adoecimento.

Do ponto de vista da investigação em torno do manejo dos dispositivos da clínica lacaniana e sua relação com o ensurdecimento das vozes do supereu no trabalho, parece relevante aprofundar, do ponto de vista teórico, sua articulação com a noção de cura em Lacan, de modo a associá-la, se for o caso, à cura do adoecimento pelo trabalho. Embora reconhecendo-se que a cura na Psicanálise lacaniana é sempre, de certo modo, precária e não se traduz como ausência de sintomas, fazendo-se possível enquanto furo no discurso do Outro, ou ainda, como intervalo entre “dever-ser” e “tornar-se”, considera-se que seja relevante aprofundar a discussão em termos de marcos possíveis que possam caracterizar o ensurdecimento das vozes do supereu no trabalho, numa articulação com o que já tem sido teorizado em termos dos efeitos de uma clínica psicanalítica.

Ademais, considerando-se as particularidades da transmissão da Psicanálise no contexto acadêmico e o lugar, por consequência, que a Supervisão clínica assume neste contexto (Derzi & Marcos, 2013), recomenda-se a realização de investigações posteriores que possam investigar sua relação com o trabalho vivo possível na clínica.

Referências

- Albuquerque Junior, A. J. D., & Paravidini, J. L. L. (2021). O discurso do cidadão de bem e a lógica do supereu. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 14(1), 1–24.
- Altoé, S., & Silva, M. M. (2013). Características de uma clínica psicanalítica com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Estilos da Clínica*, 18(1), 125–141.
- Amaral, G. A., Mendes, A. M., & Caldas, J. A. (2018). Escuta clínica do sofrimento de professoras readaptadas In *Diálogos em Sociologia Clínica: dilemas contemporâneos*, 1, 140–156.
- Amaral, G. A.; Mendes, A. M., & Facas, E. P. (2019). (Im)possibilidade de mobilização subjetiva na clínica das patologias do trabalho: o caso das professoras readaptadas. *Subjetividades*, 19, 89–87.
- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. Cortez.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão [recurso eletrônico]: o novo proletariado de serviços na era digital*. (1st ed). Boitempo.
- Anuário da Saúde do Trabalhador (2016). *Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos*. DIEESE.
- Araújo, R. S. D., & Lima, N. L. D. (2015). A clínica psicanalítica no hospital com mulheres em tratamento de câncer de mama. *Tempo psicanalítico*, 47(2), 90–102.
- Assis, G. K. O., & Vieira, M. A. (2019). Supereu: a voz de um imperativo interrompido. *Psicologia em Revista*, 25(1), 258–277.
- Avelar, A. (2011). O traumático e o trabalho psicanalítico: uma reflexão sobre o lugar do analista. *Estudos de Psicanálise*, (36), 29–42.
- Ayouch, T. (2015). Clínica psicanalítica da língua: vias associativas interlinguísticas, tradução e transferência. *Estudos de Psicologia*, 32, 97–107.

- Ayub, R. C. P., & Macedo, M. M. K. (2011). A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31, 582–601.
- Barbieri, C. P. (2013). As per-versões na clínica psicanalítica. *Estudos Psicanalíticos*, (40), 31–36.
- Barbieri, C. P. (2014). A clínica psicanalítica mais além da sexualidade. *Estudos de Psicanálise*, (41), 67–74.
- Barbosa, J. M. D. S., & Chaves, W. C. (2016). A criança enquanto condição do sujeito em Freud: apontamentos para uma clínica psicanalítica com crianças. *Psicologia em Pesquisa*, 10(1), 44–54.
- Barros, A. N., & de Andrade, C. R. (2013). Assédio moral e a violência inata: Contribuições freudianas aos estudos das organizações. *Psicologia Argumento*, 31(73).
- Bartilotti, M. R. B., Hegenberg, M., Tamashiro, A., Modenesi, A. C. D., Fusaro, A., Simões, J., ... & Maki, M. (2017). A psicoterapia breve psicanalítica como proposta clínica no núcleo de atendimento e pesquisa da conjugalidade do instituto Sedes Sapientiae. *Psicologia Argumento*, 31(73).
- Bastos, A. G. (2014). Diagnóstico psiquiátrico e clínica psicanalítica. *Interação em Psicologia*, 18(1).
- Bênia, R. G. M., Celes, L. A. M., & Chatelard, D. S. (2016). O afeto "angústia" em Freud e em Lacan: discussões para a clínica psicanalítica atual. *Cadernos de psicanálise*, 38(34), 47–59.
- Bicalho, M. L. S. (2016). O enigma corporal na clínica psicanalítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 19, 455–482.
- Borges, C. S. L., & Ribeiro, M. A. C. (2013). A psicanálise, o trabalho e o laço social. *Revista de Psicologia*, 4(2), 19–25.

- Campos, D. T. F. (2011). A repetição e o par mania-depressão na clínica psicanalítica das obesidades. *Revista Subjetividades*, 11(2), 499–523.
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 15(4).
- Carignato, T. T. (2013). A construção de uma clínica psicanalítica para migrantes. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 21, 107–129.
- Casarin ST, Porto AR. Relato de Experiência e Estudo de Caso: algumas considerações. *J. nurs. health*. 2021;11(2):e2111221998.
- Catão, I. (2011). *A pulsão invocante e seus impasses: a clínica psicanalítica com os que não falam*.
- Cazanatto, E., Martta, M. K., & Bisol, C. A. (2016). A escuta clínica psicanalítica em uma instituição pública: construindo espaços. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36, 486–496.
- Chemama, R., & Vandermersch, B. (2007). Dicionário de psicanálise. UNISINOS.
- Cunha, L. H. C. S. (2010). A desinserção do campo da subjetividade na experiência de trabalho de profissionais de saúde. In *Revista aSHEPallus de Orientação Lacaniana*. 11, 177–193.
- Dassoler, V. A. (2015). Trauma: acontecimento e experiência na clínica psicanalítica. *Revista Associação Psicanalista*, (48), 38–47.
- Derzi, C., & Marcos, C. M. (2013). Supervisão em psicanálise na universidade. *Psicologia em Estudo*, 18(2), 323-331.
- Dias, B. (2017). De que maneira o discurso do analista possibilita fazer furo no discurso capitalista? *Revista De Psicanálise Stylus*, (34), pp. 59–73. <https://doi.org/10.31683/stylus.v0i34.25>. Em 04/12/2021.

- Duarte, F. S., & Mendes, A. M. B. (2015). Da escravidão a servidão voluntária: perspectivas para a clínica psicodinâmica do trabalho no Brasil. *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 2(3), 71–134.
- Enhancing the Quality and Transparency Of health Research (EQUATOR Network) [Internet]. Reporting guidelines for main study types. 2021[cited 2023 Feb 21]. Available from: <https://www.equator-network.org/>.
- Facas, E. P. (2020). Sociedade da Performance e a falácia da liberdade no discurso neoliberal. In F., Sousa-Duarte, A. M., Mendes, & E. P. Facas, E. P. (Ed.). *Psicopolítica e psicopatologia do trabalho [recurso eletrônico]*. Editora Fi.
- Fagundes Netto, M. V. R., Santos, N. D. O., Benute, G. R. G., & Lucia, M. C. S. D. (2013). “Graças a Deus vomito, senão morria”: o sintoma bulímico e a clínica psicanalítica em um hospital público. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16, 373–386.
- Fernandes, J. B. D. P., & Peixoto Junior, C. A. (2016). A posição autista: contígua e a comunicação não verbal na clínica psicanalítica. *Estudos de Psicanálise*, (45), 71–82.
- Ferreira, B. F. (2020). Vida e morte no mundo do trabalho: neoliberalismo como patologia bio e necropolítica. In F., Sousa-Duarte, A. M., Mendes, & E. P. Facas, E. P. (Ed.). *Psicopolítica e psicopatologia do trabalho [recurso eletrônico]*. Editora Fi.
- Fingermann, D. (2015). Laços e desenlaces: reviravoltas na clínica psicanalítica. *Revista de Psicanálise Stylus*, (31), 71–86.
- Fontenele, L. (2006) Caminhos e descaminhos da supervisão em psicanálise. In M. A. Coutinho Jorge. (Org.), *Lacan e a formação do psicanalista* (pp. 263-276). Rio de Janeiro: Contracapa.
- Fortes, I. (2011). Anorexia: o traço da obstinação na clínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 14(1), 83–95.

- França Neto, O. (2012). Considerações sobre violência e verdade no mundo contemporâneo. *Psicologia Clínica*, 24(2).
- Freud, S. (1895/1996). Projeto para uma Psicologia científica. In S. Freud, S. (Ed.). *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. (1886-1889)*. Vol. 1. Imago.
- Freud, S. (1900/2019). A interpretação dos sonhos. In: *Obras completas, volume 4: A interpretação dos sonhos (1900)*. (P. C., Souza, Trad.). (1st ed). Companhia das Letras.
- Freud, S. (1914/2011). Introdução ao Narcisismo. In *O Eu e o Id, autobiografia e outros textos (Vol. 16)*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1914/2016). Luto e Melancolia. In *Neurose, psicose, perversão. Obras incompletas de Sigmund Freud 5*. (M. R. S. Moraes, Trad.). Autêntica Editora.
- Freud, S. (1914/2017). Lembrar, repetir, perlaborar. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras incompletas de Sigmund Freud 6*. (1st ed.). Autêntica Editora.
- Freud, S. (1915/2017). *As pulsões e seus destinos. Obras incompletas de Sigmund Freud 1*. (P. H. Tavares, Trad.). (1st ed.) Autêntica Editora.
- Freud, S. (1917/2016). Luto e Melancolia. In *Neurose, psicose, perversão. Obras incompletas de Sigmund Freud 5*. Autêntica Editora.
- Freud, S. (1920/2020). *Além do princípio de prazer. Obras incompletas de Sigmund Freud*. (M. R. S. Moraes, Trad.). Autêntica.
- Freud, S. (1923/2011). O Eu e O Id. In: *O Eu e o Id, autobiografia e outros textos (Vol. 16)*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1930/2020). O Mal-estar na cultura. In *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos*. (pp. 305-411). (M. R. S. Moraes, Trad.). (1st ed.) Autêntica Editora. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- Freud, S. (1937/2017). A análise finita e a infinita. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras incompletas de Sigmund Freud 6*. (1ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

- Freud, S. (1940/2018). *Compêndio de Psicanálise. In: Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados.* (pp. 11 a 177). (P. H. Tavares, Trad.). (1st ed.) Autêntica Editora. (Obras incompletas de Sigmund Freud; 3).
- Gagnier JJ, Kienle G, Altman DG, Moher D, Sox H, Riley D. The CARE Guidelines: Consensus-based Clinical Case Reporting Guideline Development. *Global Advances in health and medicine.* [Internet]. 2013[cited 2023 Feb 23];2(5):38-43.
- Gama, L. P., & Mendes, A. M. (2019). (Im)possibilidade de investimento pulsional no trabalho: análise de um caso em clínica do trabalho. *Trivium, 11*, 113–122.
- Gama, L. P., Mendes, A. M., Araújo, J. P., Galvão, M. G. A. G., & Vieira, F. O. (2016). Ressignificação do sofrimento: clínica do trabalho em um hospital escola. *Revista Laborativa, 5*, 38–63.
- Galdeano, L. E., Rossi, L. A., & Zago, M. M. F. (2003). Roteiro instrucional para a elaboração de um estudo de caso clínico. *Revista Latino-americana De Enfermagem, 11* (Rev. Latino-Am. Enfermagem, 2003 11(3)), 371–375. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692003000300016>.
- Gavião, A. C. D. (2013). “À moda da casa”: considerações sobre transmissão da psicanálise e clínica psicanalítica contemporânea. *Jornal de Psicanálise, 46*(85), 35–47.
- Gellis, A., & Hamud, M. I. L. (2011). Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente. *Psicologia USP, 22*(3), 635–654.
- Gomes, M. H. N. A., & Alvarez, L. H. (2016). A clínica psicanalítica contemporânea e as novas abordagens para o desvalimento. *Estudos de Psicanálise, (45)*, 111–119.
- Guia, E. R. M (2011). O desejo do analista e a não especificidade da clínica psicanalítica. *Reverso, 33*(61), 39–46.
- Kehl, M. R. (2018). *O behaviorismo brasileiro: ensaios.* (1st ed.). Boitempo.
- Klautau, P., & Damous, I. (2015). Caminhos e descaminhos do luto: o trabalho de separação na relação mãe-bebê. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro), 37*(33), 51–68.

- Lacan, J. (1960-1961/1992). *O seminário, livro 8, a transferência*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1962-1963/2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1964/1998). *O Seminário, livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (2nd ed.). Jorge Zahar Ed.
- Lacan, J. (1968-1969/2008). *O Seminário: Livro 16-de um outro ao outro*. Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1969-1970/1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Jorge Zahar.
- Laplanche, J., & Pontales, J-B. (1991). *Vocabulário da Psicanálise*. Martins Fontes.
- Laureano, P. S. (2012). Psicanálise, trabalho imaterial e pós-modernidade. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, 4(2), 45–57.
- Lazarini, G. (2014). O trabalho e a subjetividade. *Estudos de Psicanálise*, (42), 61–71.
- Laznik, M. C. (2000). A voz como primeiro objeto da pulsão oral. *Estilos da Clínica: Revista sobre a Infância com Problemas*, 5(8), 80–93.
- Lewkovitch, A. D. P., & Grimberg, A. B. F. R. (2016). A atualidade dos conceitos freudianos de eu ideal, Ideal do eu e supereu. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 16(spe), 1189–1198.
- Lima, A. S., & Souza, M. R. (2016). O pai da horda e o supereu: de um prenúncio da instância. *Psicologia USP*, 27(3), 420–428.
- Lopes, A. J. (2020). Psicanálise e narcisismo: supervisões coletivas em clínica social psicanalítica. *Estudos de Psicanálise*, (53), 27–35.
- Manetti, M. L., & Marziale, M. H. P. (2007). Fatores associados à depressão relacionada ao trabalho de enfermagem. *Estudos de Psicologia*, 12(1), 79–85.
- Mariano, D. A. G. (2016). O brincar das crianças psicóticas e autistas na clínica psicanalítica. *Revista do Centro Psicanalítico de Porto Alegre*, 23, 101–123.
- Maurano, D. (2006). *A transferência: uma viagem rumo ao continente negro*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed,

- Marx, K. (1857/2013). *O capital [recurso eletrônico]: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Boitempo.
- Mello, C. B. (2015). Erro e verdade: a palavra trágica na clínica psicanalítica. *Reverso*, 37(69), 45–51.
- Mendes, A. M. (2014). Escuta analítica do sofrimento e o saber-fazer do clínico do trabalho. In A. M., Mendes, R. D., Moraes, & R. C., Merlo. (Ed.). *Trabalho e Sofrimento: Práticas clínicas e políticas*. pp. 65–68. Juruá.
- Mendes, A. M. (2018). *Desejar, Falar, Trabalhar*. Editora Fi.
- Mendes, A. M. (2020). Discurso capitalista colonial e a patologia da melancolização. In F., Sousa-Duarte, A. M., Mendes, & E. P. Facas, E. P. (Ed.). *Psicopolítica e psicopatologia do trabalho [recurso eletrônico]*. Editora Fi.
- Mendes, A. M. (2021). *Psicanálise e Trabalho (Aceito)*. Editora Fi.
- Mendes, A. M., & Araújo, L. K. R. (2012). *Clínica psicodinâmica do trabalho: o sujeito em ação*. Juruá.
- Mendes, A. M., & Vivès, J-M. (2020). Voz do supereu e melancolização no trabalho que adocece. In R. S., Coelho, & D. A., Motta. (Ed.). *Psicanálise & Trabalho – aspectos subjetivos, sócio-históricos e políticos*. Porto Alegre: Editora do Tribunal Regional do Trabalho de 4^a. Região.
- Mendes, A. M., Araújo, L. K. R., & Galileu, A. V. (2020). A invocação do sujeito na escuta clínica do trabalho. In R. K. Camilo. (Ed.). *Trabalho e esporte: precariedade, invisibilidade e desafios*. Laços.
- Mendes, A. M. (2022). *As galinhas que lutem: o trabalho na clínica lacaniana*. Brasília/DF: Circuito Edições.
- Mendes, E. R. P. (2015). Alguns impasses da clínica psicanalítica contemporânea e a sua operacionalização pelo desejo do analista. *Reverso*, 37(70), 37–42.

- Minerbo, M. (2015). Contribuições para uma teoria sobre a constituição do supereu cruel. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(4), 73–89.
- Mograbi, D., & Herzog, R. (2006). Sob o signo da incerteza: autoridade simbólica e desamparo. *Estudos de Psicologia*, 11(2), 127–133.
- Montalvão, L. A. (2021). *Trabalho e centralidade do na psicodinâmica de Christophe Dejours: uma investigação metateórica e histórica*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Monteiro, J. K., Oliveira, A. L. L., Ribeiro, C. S., Grisa, G. H., & Agostini, N. (2013). Adoecimento psíquico de trabalhadores de unidades de terapia intensiva. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(2), 366–379.
- Moraes, D. F. L. D., & Loffredo, A. M. (2019). Tempo e trabalho na contemporaneidade: notas para uma agenda de pesquisa no campo da psicanálise. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 41(40), 65–82.
- Morais, J. L. (2016). O transtorno bipolar, o discurso capitalista e suas implicações na clínica psicanalítica. *Revista de Psicanálise Stylus*, (33), 241–252.
- Nasio, J.-D. (1993). *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Zahar.
- Palma, C. M. D. S. (2011). A clínica psicanalítica em instituições públicas de saúde. *aSEPHallus*, 138–160.
- Ratti, F. C., & Estevão, I. R. (2016). Violência, acidente e trauma: a clínica psicanalítica frente ao real da urgência e da emergência. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 19, 605–636.
- Ribeiro, C. T., & Fernandes, A. H. (2013). Os tratamentos para usuários de drogas em instituições de saúde mental: perspectivas a partir da clínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16, 260–272.

- Rinaldi, D., Nicolau, R. F., & Pitanga, C. E. G. D. A. (2013). Do fenômeno psicossomático ao sintoma: a aderência do sujeito ao diagnóstico médico e o trabalho analítico. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 16, 95–108.
- Rosa, C. M., & Vilhena, J. (2015). Envelhecimento e seus possíveis destinos: Uma reflexão acerca do trabalho do negativo. *Tempo psicanalítico*, 47(1), 112–133.
- Rubin, A. L., & Roso, A. (2018). Trabalho e depressão: tendências na produção de conhecimento. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 13(1), 1–18.
- Rudge, A. M. (2006). Pulsão de morte como efeito de supereu. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]*, 9(1), 79–89.
- Rudge, A. M., & Fuks, B. (2017). Corpo pulsional e seus desvarios: voz e corpo anoréxico. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20, 69–84.
- Salztrager, R., & Herzog, R. (2013). A clivagem psíquica e o paralelismo discursivo na clínica psicanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16, 570–583.
- Sanches, S. B. (2014). Busca por representação: a psicanálise e o trabalho de construção. *Psicologia Clínica*, 26, 165–179.
- Schicotti, L., & Vidotte, P. P. (2014). Formas do mal-estar na sociedade contemporânea: uma reflexão sobre o lugar da clínica psicanalítica. *Psicologia Revista*, 23(1), 9–29.
- Silva, F. C. F. D., & Macedo, M. M. K. (2012). A escuta do masculino na clínica psicanalítica contemporânea: singularidades de um padecer. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28, 205–218.
- Silva, J. M. D. (2018). A clínica psicanalítica com idosos: uma construção. *Estudos de Psicanálise*, (49), 115–123.
- Silva, S. L. (em elaboração). *Discurso capitalista e laço social: estudo de caso em psicopatologia clínica do trabalho*.

- Silva, S. L., Ribeiro, C. V. S., & Machados, B. B. (2018). “A gente está sempre com a guilhotina no pescoço”: precariedade e violência no trabalho docente. *Acta Scientiarum. Education*, 40(1), e37657.
- Soler, C. (2013). *A repetição na experiência analítica*. Escuta.
- Soler, C. (2016). *O que faz laço?* Escuta.
- Sousa-Duarte, F. (2014). *Dispositivos para a escuta clínica do sofrimento no trabalho: Entre a clínica da cooperação e das patologias*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.
- Sousa-Duarte, F. (2020). *Trabalhadores no divã: contribuições da Psicopatologia Clínica do Trabalho*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.
- Sousa-Duarte, F. (2020). Por uma Psicopatologia Crítica do Trabalho. In F., Sousa-Duarte, A. M., Mendes, & E. P. Facas, E. P. (Ed.). *Psicopolítica e psicopatologia do trabalho [recurso eletrônico]*. Editora Fi.
- Sousa-Duarte, F., Silva, S. L., Martinez, M. J., & Mendes, A. M. B. (2022). Da Psicodinâmica à Psicopatologia do Trabalho no Brasil: (in)definições e possibilidades. *Psicologia em estudo*, 27 (Psicol. Estud., 2022 27). <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v27i0.48172>.
- Souza, K. C. V., & Francischini, R. (2017). A díade adulto/criança em Rousseau e Freud e suas ressonâncias na clínica psicanalítica infantil contemporânea. *Cadernos de Psicanálise/ CPRJ*, 39(37 jul/dez), 135–150.
- Tupinambá, G. (2014). A psicanálise é um trabalho?: Uma profissão impossível e o conceito marxista de trabalho. *Tempo psicanalítico*, 46(1), 27–43.
- Ventura, R. (2016). A noção de trabalho na experiência psicanalítica. *Psicologia USP*, 27, 282–288.
- Vertzman, J. (2009). A estratégia de estudo de casos múltiplos na pesquisa clínica em psicanálise. In: Anais do Colóquio Internacional sobre Método Clínico do Laboratório de

- Psicopatologia Fundamental, São Paulo. Recuperado em 10 junho 2023, de https://www.fundamentalpsychopathology.org.br/wp-content/uploads/2019/09/a_estrategia_de_estudo_de_casos_multiplos_na_pesquisa_clinica_em_psicanalise.pdf.
- Victor, R. M., & Aguiar, F. (2011). A clínica Psicanalítica na Saúde Pública: desafios e possibilidades. *Psicologia: Ciência e profissão*, 31, 40–49.
- Vieira, A. C. M. (2019). *A dor e a delícia de ser professor sob o olhar da clínica psicodinâmica do trabalho*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Maranhão.
- Vilhena, J., & Rosa, C. M. (2011). A clínica psicanalítica nos espaços abertos do CAPS. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(3), 130–147.
- Vivès, J.-M. (2009a). A pulsão invocante e os destinos da voz. *Psicanálise & Barroco em revista*, 7(1).
- Vivès, J.-M. (2009b). Para introduzir a questão da pulsão invocante. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(2), 329–341.
- Vivès, J.-M. (2013). A voz na psicanálise. *Reverso*, 35(66), 19–24.
- Vivès, J.-M. (2018a). *A voz na clínica psicanalítica*. (2nd ed.). Rio de Janeiro: Contra Capa; Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro.
- Vivès, J.-M. (2018b). *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante*. Rio de Janeiro: Contra Capa; Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro.
- Vivès, J.-M. (2019). “Não havia outra escolha possível”: conformismo, conformidade e confirmação-uma abordagem psicanalítica do devir-desistente ou do devir-persistente. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 17(3), 13–30.
- Vivès, J.-M. (2020). “Trabalhe e cale-se”: a voz do supereu e a violência no trabalho. In F., Sousa-Duarte, A. M., Mendes, & E. P. Facas, E. P. (Ed.). *Psicopolítica e psicopatologia do trabalho [recurso eletrônico]*. Editora Fi.

Whittemore, R., & Knafl, K. (2005). The integrative review: updated methodology. *Journal of advanced nursing*, 52(5), 546–553.

Yin RK. Estudo de Caso, planejamento e métodos. 5ª ed. São Paulo: Bookman; 2015.